



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

QUITÉRIA LÚCIA FERREIRA DE ALENCAR RIBEIRO

**ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE: DO MUSEU VILAS NOVA
PORTUGAL À SALA DE MEMÓRIA AMÁLIA XAVIER DE OLIVEIRA**

FORTALEZA

2015

QUITÉRIA LÚCIA FERREIRA DE ALENCAR RIBEIRO

ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE: DO MUSEU VILAS NOVA
PORTUGAL À SALA DE MEMÓRIA AMÁLIA XAVIER DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – Faced/UFC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação brasileira. Linha de Pesquisa: História da Educação Comparada.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Helena Carvalho

Holanda

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

- R371e Ribeiro, Quitéria Lúcia Ferreira de Alencar.
Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte: do Museu Vilas Nova Portugal à Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira / Quitéria Lúcia Ferreira de Alencar Ribeiro. – 2015.
131f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: Educação brasileira.
Orientação: Profa. Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda.
1. Museus – Aspectos educacionais – Juazeiro do Norte(CE). 2. Museus e escolas – Juazeiro do Norte(CE). 3. Patrimônio cultural – Proteção – Juazeiro do Norte(CE). 4. Museu Vilas Nova Portugal. 5. Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira. I. Título.

CDD 069.15098131

QUITÉRIA LÚCIA FERREIRA DE ALENCAR RIBEIRO

ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE: DO MUSEU VILAS NOVA
PORTUGAL À SALA DE MEMÓRIA AMÁLIA XAVIER DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – Faced/UFC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação brasileira. Linha de Pesquisa: História da Educação Comparada.

Aprovada em: 17 / 03 / 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Patrícia Helena Carvalho Holanda (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof^a. Dr^a. Francisca Geny Lustosa
Universidade Federal do Ceará– UFC

Prof^a. Dr^a. Zuleide Fernandes Queiroz
Universidade Regional do Cariri – URCA

Aos meus queridos filhos Túlio e Barbara pela ajuda e por suportarem os meus momentos de ansiedade, estresses e ausências nos meses em que me dediquei ao mestrado.

Para meu pai, por ter nos incentivado na busca pelo conhecimento através da educação e por ter sido um dos sócios fundadores da Escola Normal Rural; sem ele eu não teria chegado aqui.

AGRADECIMENTOS

A Túlio e Bárbara, que trazem luz e paz para minha vida, a vocês devo a minha ausência em momentos que mais precisaram de mim.

À minha irmã, Núbia Ferreira, pelo imenso apoio, afeto e valiosas orientações para a conclusão deste trabalho. A você devo tudo.

A você Fábio Júnior, em especial meus agradecimentos, por ter sido o anjo de luz que iluminou minha vida em dias difíceis.

A Paulo Damasceno, Diretor Administrativo do Serviço Social do Comércio (SESC), como sinto sua falta aqui em Juazeiro; a você devo a abertura do caminho para realizar um antigo sonho, além do suporte financeiro e intelectual para que tivéssemos condições de inaugurar a Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira (SMAXO). Toda sua generosidade e companheirismo, que tenho como exemplo, meu muito obrigado.

A Carmen Lúcia Tomás, por todo estímulo, confiança e companheirismo nos piores e melhores momentos da minha vida.

Atravessando territórios desafiadores encontro amigos como Pedro Barros, que me presenteou com a cópia do Jornal Lavrador, que comprovou a existência do Museu Vilas Nova Portugal (MVNP), o caminho certo para minha pesquisa, obrigada pelas sugestões, ideias, discussões e bate papos.

A Patrícia Holanda, minha orientadora, a quem devo todo respeito e admiração, pelas sugestões bibliográficas e pelos conselhos em relação aos caminhos que deveria percorrer para chegar ao meu objetivo.

A Juraci Maia, Coordenadora da Linha de História da Educação Comparada (LHEC), quando fui ali matriculada. Sou grata pelas aulas e indicações de leituras, muito valiosas para o meu aprimoramento intelectual e o desenvolvimento da minha Dissertação.

Aos meus amigos de Pós-Graduação, que trilharam caminhos semelhantes.

Ao Programa de Bolsas de Estudo da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pelo apoio financeiro para a execução deste trabalho.

A Suélida Kátia, amiga de todos os momentos, que não mediu esforços para fazer a correção deste trabalho.

PASSADO, PRESENTE, FUTURO

Eu fui. Mas o que fui já me não lembra:
Mil camadas de pó disfarçam, véus,
Estes quarenta rostos desiguais.
Tão marcados de tempo e macaréis.

Eu sou. Mas o que sou tão pouco é:
Rã fugida do charco, que saltou,
E no salto que deu, quanto podia,
O ar dum outro mundo a rebentou.

Falta ver, se é que falta, o que serei:
Um rosto recomposto antes do fim,
Um canto de batráquio, mesmo rouco,
Uma vida que corra assim-assim.
(José Saramago)

RESUMO

Esta dissertação cujo tema versa sobre “Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte: do Museu Vilas Nova Portugal à Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira”, objetiva analisar a importância do antigo Museu Vilas Nova Portugal, criado pela Escola Normal Rural do Juazeiro do Norte, em 1934, como parte de um projeto civilizador, inserido no contexto histórico de sua criação, como também conectá-la à Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira, criada em 2007, e que se encontra, atualmente, em momento de dispersão do acervo histórico e pedagógico da referida escola. Partiu de questionamentos que embasaram a pesquisa, em termos conceituais e metodológicos, e indicaram o seu delineamento: 1) Qual papel desempenhou o Museu Vilas Nova Portugal, no ambiente educacional juazeirense, nas primeiras décadas do século XX? 2) Qual teria sido a duração do seu funcionamento e por que razão foi desativado? 3) Que função desempenhou a Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira, quando foi criada e na atualidade? Abrange, portanto, dois períodos: 1934 aos anos de 1940; e de 2008 aos dias atuais. O estudo baseou-se nas ideias de Geertz (1989), sobre história cultural; nos estudos de Maria João Mogarro (2013), sobre a relação entre museu e patrimônio; na contribuição de Norbert Elias (1993), quando explora a noção de civilidade como processo de transformação dos costumes; e em Malinowski (1976), por tratar a cultura como essencial para a compreensão da sociedade. Trata-se de uma pesquisa histórico-descritiva, que se apoia em fontes documentais, bibliográficas e orais, para entender o contexto de criação dos referidos museus e, assim, apresentar a sua história, localizada no tempo e no espaço, em Juazeiro do Norte-Ceará. Começou por identificar ideologias conflitantes em relação à Museu e Patrimônio escolar, nas primeiras décadas do século XX; reconheceu o papel do *Escolanovismo*, na criação de museus de Ciências Naturais; e revelou a descontinuidade presente na experiência museológica do Juazeiro do Norte. Oferece, por fim, uma tentativa de reconstrução histórica dos dois museus, com base na interpretação e análise dos entrevistados e dos documentos encontrados, que funcionam como registro e testemunho da existência dos referidos museus, como patrimônio escolar, ameaçados pela falta de hábito, interesse e vontade política de sua preservação e cultivo da memória histórica, o que poderá ser evitado por meio da instauração do Museu da Educação da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte-Ceará, parte de uma luta travada por ex-alunos e professores daquela instituição escolar.

Palavras-chave: Museu Escolar. Museu Vilas Nova Portugal. Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira. Preservação de Patrimônio.

ABSTRACT

This dissertation has as its theme: "Normal Rural School of Juazeiro do Norte: the Museum Towns New memory room Portugal Amália Xavier de Oliveira". Objective to analyze the importance of the former Museum Towns New Portugal, created by the Normal School of Rural Juazeiro do Norte, in 1934, as part of a civilizing project, inserted into the historical context of its creation, as well as connect it to the Memory room Amália Xavier de Oliveira, created in 2007, and is currently at time of dispersion of historical and pedagogical heritage of that school. Left a few questions that paved the way to research, conceptual and methodological terms, and indicated its delineation: 1) what role played the New Villages in Portugal Museum educational environment juazeirense, in the first decades of the 20th century? 2) which would have been the duration of its functioning and why was it disabled? 3) Who played the Memory function Amália Xavier de Oliveira, when it was created and today? Therefore covers two periods: the years 1934 to 1940; and from 2008 to the present day. The study is based on the ideas of Geertz (1989) about cultural history, in studies of Maria João Mogarro (2013), about the relationship between Museum and heritage; on contribution of Norbert Elias (1993), when explores the notion of civility as the transformation process of the customs; in Malinowisk (1976) for treating culture as essential to the understanding of society. It is a historical research-descriptive lean on documentary sources, and oral literature; to understand the context of creation of such museums, and thus present their history, located in time and space, in Juazeiro do Norte-Ceará. Started by identifying conflicting ideologies regarding school Heritage Museum and in the first decades of the 20th century; recognized the role of *Escolanovismo*, the creation of museums of natural sciences; revealed the discontinuity present in museological experience of Juazeiro do Norte. Offers Finally, an attempt at historical reconstruction of the two museums, based on interpretation and analysis of respondents and the documents found, which function as a record and testimony of the existence of these museums, such as school, heritage threatened by lack of habit, interest and political will of its preservation and cultivation of historical memory, which could be avoided through the establishment of Normal School Education Museum Juazeiro do Norte Rural Ceará. Part of a struggle waged by former students of the school institution.

Keywords: School Museum. Museum Towns New Portugal. Memory Salad Amália Xavier de Oliveira. Preservation of Heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O Museu de Ferrante Imperato, em Nápoles, 1599	34
Figura 2 – Revista Nacional de Educação	58
Figura 3 – Capa do jornal <i>O Lavrador</i> – edição de 1934	80
Figura 4 – Jornal <i>O Lavrador</i> (edição de 1934, p. 3)	81

LISTA DE FOTOS

Foto 1	– Fachada da ENRJN na década de 1930	66
Foto 2	– Praça Almirante Alexandrino	67
Foto 3	– Museu Padre Cícero	68
Foto 4	– Artesanatos confeccionados pelos alunos	83
Foto 5	– Variedades de animais e fósseis	84
Foto 6	– Serpente	84
Foto 7	– Drogas, perfumes e medicamentos	85
Foto 8	– Ossos fossilizados de um animal	85
Foto 9	– Planta da Basílica que o Rvdm. Pe. Cícero idealizou	86
Foto 10	– Pássaros empalhados pelos próprios alunos (1)	88
Foto 11	– Pássaros empalhados pelos próprios alunos (2)	88
Foto 12	– Jacaré	89
Foto 13	– Tucano	89
Foto 14	– Espécies variadas de minerais	89
Foto 15	– Espécies variadas de animais marinhos	89
Foto 16	– Artesanatos indígenas (1)	90
Foto 17	– Artesanatos indígenas (2)	90
Foto 18	– Fachada da ENRJN em 2015 (1)	96
Foto 19	– Fachada da ENRJN em 2015 (2)	96
Foto 20	– Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira (SMAXO) em 2014	97
Foto 21	– Praça 13 de Maio	98
Foto 22	– Salas de Aula e Pátio Recreativo	98
Foto 23	– ENRJN em 1950 (Professor Belém de Figueiredo e Grupo de Senhoras)	102
Foto 24	– Quadro de Formandos (1937)	104
Foto 25	– Quadro de Formandos (1954)	104
Foto 26	– Mobiliários e documentos da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira (1)	104
Foto 27	– Mobiliários e documentos da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira (2)	104
Foto 28	– Ambiente interno da SMAXO (1)	105
Foto 29	– Ambiente interno da SMAXO (2)	105
Foto 30	– Joaquim Moreira de Sousa	106

Foto 31 – Amália Xavier de Oliveira	106
Foto 32 – Plácido Aderaldo Castelo	107
Foto 33 – Desfile Cívico de 7 de Setembro de 1948	107
Foto 34 – Aula prática de horticultura da ENRJNb	107
Foto 35 – Sessão Inaugural da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira (1)	107
Foto 36 – Sessão Inaugural da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira (2)	108
Foto 37 – Mundinha Paiva, Irenilce Xavier e Antélvia Cândido (ex-alunas e ex-professoras da ENRJN)	108
Foto 38 – Raimundo Araújo, Pedro Barros, Antélvia Cândido, Zuleide Queiroz, Irenilce Xavier e outros	108

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Museus no Brasil – séculos XIX e XX	41
Quadro 2 – Museus no Brasil até 1900	47
Quadro 3 – Museus no Ceará	49
Quadro 4 – Museus no Cariri	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
CREDE	Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação
EEEEPPMS	Escola Ensino Estadual Profissional Professor Moreira de Sousa
ENRJN	Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte
FUNCAP	Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ICOM	Conselho Internacional de Museus (<i>International Council of Museums</i>)
IPHAN	Instituto Histórico e Artístico Nacional
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LHEC	Linha de História da Educação Comparada
MEN	Movimento da Educação Nova
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
RNE	Revista Nacional de Educação
SBM	Sistema Brasileiro de Museus
SEDUC	Secretaria de Educação
MVNP	Museu Vilas Nova Portugal
SESC	Serviço Social do Comércio
SMAXO	Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
URCA	Universidade Regional do Cariri
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	HISTÓRIA E MEMÓRIA: O MUSEU ESCOLAR COMO PROCESSO EDUCATIVO CIVILIZADOR	26
2.1	O colecionismo e origem dos museus no Brasil	35
2.2	O museu como processo civilizador	38
3	O MUSEU ESCOLAR EM JUAZEIRO DO NORTE E O MUSEU VILAS NOVA PORTUGAL	56
3.1	Escola Normal Rural e a educação em Juazeiro do Norte	60
3.2	Aspectos do desenvolvimento cultural e social de Juazeiro do Norte	66
3.3	Documentação museológica e ação educativa em museu escolar	70
3.4	Museu Vilas Nova Portugal	79
3.5	Lembranças do Museu Vilas Nova Portugal	90
4	A SALA DE MEMÓRIA AMÁLIA XAVIER DE OLIVEIRA	96
4.1	Público visitador e acervo	103
4.2	Os sujeitos da Escola e a Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira	108
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
	REFERÊNCIAS	118
	APÊNDICE A – AUTORES CONSULTADOS	126
	APÊNDICE B – DOCUMENTOS DA SALA DE MEMÓRIA AMÁLIA XAVIER DE OLIVEIRA	128
	ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE INFORMAÇÕES	129
	ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA (ALUNO)	130
	ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA (FUNCIONÁRIO)	131

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa intitulada: “Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte: do Museu Vilas Nova Portugal à Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira”, teve o intuito de analisar o significado do antigo Museu Vilas Nova Portugal, criado pela Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte (ENRJN), em 1934, como processo civilizador e apresentar o contexto histórico de sua criação; como também fazer uma análise da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira (SMAOXO), no atual contexto de dispersão do acervo histórico e pedagógico da antiga ENRJN, repensando os caminhos de preservação do Patrimônio Escolar. Os dois museus escolares, ambos situados na referida escola, constitui o nosso objeto de estudo, como marco de uma descontinuidade de ação da educação patrimonial no Juazeiro do Norte.

A pesquisa realiza-se na cidade de Juazeiro do Norte, situada na região do Cariri cearense. Esta cidade nasceu de um sonho e tornou-se realidade por meio da fé e do trabalho incansável de seu fundador, padre Cícero Romão Batista. O sacerdote recém-formado chegara a “Joazeiro”, definitivamente, em 11 de abril de 1872. No ano anterior, celebrou uma missa no dia 24 de dezembro de 1871 em uma pequena capela. Um “Oratório” ou “Casa de Oração” era o único espaço religioso que havia na Fazenda Tabuleiro Grande, de propriedade do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro (BEM FILHO, 2002).

A história desse povoado teve início com o padre Pedro Ribeiro, primeiro capelão e fundador do povoado, que estava situado em terras de propriedade de seus familiares. Esta versão sobre a fundação da cidade tira do padre Cícero este feito e, ao mesmo tempo, causa discordâncias entre historiadores locais.

Na capela de Nossa Senhora das Dores, palco de toda a história que mudou o povoado, foi celebrada uma missa em 15 de setembro de 1827. Segundo cronistas da cidade, existia um ambiente de paz e tranquilidade entre os primeiros habitantes, neste caso, fazem referências aos filhos descendentes de escravos que obedeciam ao capelão. Após a morte deste capelão, este ambiente de paz sofre alterações. Em seguida tem-se uma sucessão de padres que realizam seu apostolado na pequena capela. No entanto, com o afastamento do quinto capelão, o professor Simeão Correia vai ao Crato procurando um padre para celebrar a “Missa do Galo” e dar assistência espiritual ao povo (BEM FILHO, 2002).

Decorrido mais de quarenta anos de fundação do povoado, padre Cícero chega ao mesmo e inicia suas atividades de apostolado: celebra missa, confessa e reza o “Rosário da Mãe de Deus” junto com os fiéis na capela; tinha, também, o costume de ler e explicar trechos

da bíblia. Exigia que todos usassem no pescoço um “Rosário”, costume que até hoje é conservado pelos romeiros e o povo da terra.

Sob influência do padre Cícero o povoado cresce e a capela é ampliada, para comportar o número crescente de fiéis que passam a frequentá-la. “Joaseiro” pertencia a Paróquia do Crato; D. Joaquim José Vieira abençoa a capela e faz a consagração do Altar da Santíssima Eucaristia. O mesmo bispo que o perseguiu, anos depois, por causa do suposto “Milagre da Hóstia” diz sobre o padre Cícero:

A capela de Joaseiro começava no princípio de 1875 pelo padre Cícero Romão Batista, sacerdote inteligente, modesto e virtuoso. É um monumento que atesta, eloquentemente, o poder da fé e da santa Igreja Católica Romana, pois é admirável que um sacerdote pobre tenha podido construir um templo vasto e arquitetônico em tempos anormais, quais aqueles que atravessa esta Diocese, assolada pela fome, seca e peste. (BEM FILHO, 2002, p. 27).

Entre as várias ações realizadas pelo padre Cícero para desenvolver o lugarejo, temos a escola como importante referência de transformação social. Deixar essa história cair no esquecimento é negar o “milagre” da transformação de um lugarejo denominado Tabuleiro Grande, que na época da chegada do padre Cícero possuía apenas 60 casebres, em uma cidade que nos dias atuais atinge uma população de aproximadamente 300 mil habitantes.

Para justificar as razões que levaram à elaboração deste estudo, podemos iniciar com a inestimável contribuição que a região do Cariri tem dado, com as suas histórias, para a formação de grandes pesquisadores (Prof. Dr. Antonio Germano – UECE, Prof^ª. MS Mirelle Araújo – docente do Ensino Fundamental, Prof. Dr. Pedro Ferreira Barros – URCA, Prof^ª. Carmen Lúcia Tomás Bezerra – EEEPPMS) e elaboração de pesquisas no campo educacional. É de suma importância as atividades realizadas pelos grupos de pesquisa em História e Memória da Educação no Cariri, pertencente ao Núcleo de Estudos sobre Trabalho, Educação e Desenvolvimento (NETED), bem como a contribuição recíproca entre este grupo e a linha de pesquisa de História da Educação Comparada do curso de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC) que, em constante colaboração, vem formando pesquisadores e, por conseguinte, incentivando a elaboração em diversificadas temáticas de pesquisas educacionais, envolvendo questionamentos relacionados aos estudos de História e Memória, Educação Comparada, Instituições Escolares¹, entre outros temas que são, também, discutidos nos Congressos sobre História da Educação, os quais têm sido realizados nesta região.

¹ Para Buffa (2002), a pesquisa acerca das instituições escolares é uma forma de estudar a história e a filosofia da educação brasileira, na medida em que as instituições que compõem os sistemas escolares estão impregnadas pelos valores de cada época.

Os eventos despertam para a necessidade de haver uma política de preservação e criação de acervos, guardando o patrimônio histórico das nossas escolas. Somente assim, será possível estabelecer um diálogo com essa documentação que revela a nossa experiência de escolarização.

Levando para o tema museológico, podemos refletir sobre a dificuldade de se constituir um sistema organizado de documentação que atenda às necessidades dos pesquisadores e da salvaguarda da memória institucional. A documentação em museus poderia sanar problemas de dispersão do acervo documental escolar e, assim, dada as características e complexidade de cada museu, percebemos a necessidade de mais pesquisas, infraestrutura adequada e investimentos por parte do poder público.

Entre outros pontos de relevância da abordagem do tema, também há a necessidade de proporcionar conhecimentos às novas gerações acerca do desenvolvimento do sistema educacional juazeirense, visto que percebemos não fazer parte da cultura local preservar arquivos públicos, nem a conservação de museus e/ou de patrimônios histórico-educacionais. Tal fato pode ser constatado ao longo de nossa trajetória profissional, quando em diversos momentos da história da escola, diretores e funcionários, juntavam antigos documentos e mobiliários e destruíam para limpeza e organização da escola. Uma diretora da ENRJN, na década de 1990, juntou todo o acervo histórico que ainda restava na escola, incluindo um velho piano que a professora Amália Xavier de Oliveira usava nas suas aulas de *Canto Orfeônico*, e fez uma imensa fogueira, destruindo todo este material antigo, do qual fazia parte, também, o mobiliário, livros, fotografias, documentos da Secretaria e da Biblioteca, pois os mesmos representavam apenas um amontoado de lixo que deveria ser exterminado depois de ser realizada a pintura do prédio.

Alguns professores não se incomodavam com a situação, enquanto outros ficavam estarecidos com esta atitude de total descaso pela história da Escola. Na ocasião, algumas fotografias foram resgatadas pelo professor Daniel Walker², a professora Geralda Gódiva Lima Monte³ e eu, também, tive a oportunidade de recolher algumas revistas e fotografias.

A cada reforma do espaço físico da escola ou das reformas políticas, quando a instituição mudava até de nome, estes documentos eram descartados em nome do que, eles consideravam ser, um “avanço educacional”, modernidade. Desta forma, a escola foi ficando cada vez mais apenas na lembrança de ex-alunos e ex-funcionários. Portanto, a guarda dos acontecimentos históricos da escola situa-se na memória de algumas mentes privilegiadas, por

² Professor aposentado da ENRJN e da URCA. Pesquisador e cronista local.

³ Professora de História da EEEPPMS.

terem vivido esta história, de forma direta ou indiretamente. Temos um ambiente de esquecimento do passado, a partir do qual consideramos relevante recuperar e preservar o patrimônio escolar que demarca um referencial identitário para o povo desta cidade.

Foi com base neste contexto que houve o despertar para que fosse criada a SMAXO representando um espaço de conservação do patrimônio material e imaterial escolar, de modo a proporcionar um encontro de gerações, retratando suas tradições, hábitos e vivências da educação, direcionando olhares, moldando comportamentos e construindo novos documentos históricos, a partir dos bens que restaram para representar a história da escola. Estes bens, que hoje constituem o acervo da referida sala, foram definidos pela memória coletiva daqueles que desejaram guardar a história da escola e da sua experiência de escolarização, não apenas na memória. Estes objetos, hoje, têm o poder de se apresentar como construtores de conhecimentos (quando expostos) e têm a possibilidade de estabelecer relações com o público. Também faz parte do acervo da sala, depoimentos adquiridos por meio de entrevistas gravadas, de ex-diretores, ex-professores, ex-funcionários e ex-alunos que se encontram inseridos na história da educação desse município, constituindo uma tentativa de rememorar momentos relevantes para a formação da sociedade local.

Vale salientar que a temática da pesquisa em questão foi amadurecida ao longo dos períodos que corresponde à implantação da SMAXO e a nossa inserção no Mestrado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), especificamente na linha de pesquisa História da Educação Comparada.

Desta forma, os temas Educação, Cultura e Preservação de Patrimônio serão direcionados para uma discussão sobre Museu Escolar, como uma forma de refletir acerca da influência que teve, na criação dos museus, a circulação de conhecimento educacional, veiculado nas décadas iniciais do século XX e, especificamente, de 1930, e no atual contexto histórico educacional dos anos 2000.

Em relação ao referencial teórico-metodológico, as discussões sobre as diversas temáticas relacionadas à educação, à história, à instituição museológica, ao patrimônio escolar, entre outros temas, enriqueceram nossa aprendizagem. As disciplinas ofertadas no curso e as reuniões da linha de pesquisa foram fundamentais para a escolha do referencial teórico, por meio das leituras e discussões realizadas. Tais encontros nos fizeram perceber com mais clareza que a nossa atuação profissional sempre nos conduziu para essa área de interesse de estudos acadêmicos. Portanto, nos referimos à educação como meio de transformação da vida social e o tema museal como elemento principal de geração e conservação de conhecimentos.

Prosseguimos a nossa investigação procurando realizar um diálogo interdisciplinar com autores que nos levem a discussões que estejam inseridas nas abordagens teóricas, caracterizadas pela Nova História. Segundo Peter Burke (1992), em contradição à História Tradicional, que pensa na história como narração dos grandes fatos, a Nova História preocupa-se em analisar as estruturas, pois não é suficiente saber apenas os acontecimentos, mas sim, toda a estrutura que envolve as transformações, considerando os personagens e acontecimentos que precisam ser analisados; portanto, é uma forma de considerar relevante a estrutura subjetiva da sociedade. Superando a história objetiva defendida por Ranke⁴, historiador alemão que defendia uma história neutra ao estilo positivista. Entretanto, para a História Nova, existe um relativismo cultural que está presente nas atividades humanas e, sobretudo, na própria escrita da história.

Esta discussão direciona para o posicionamento de Cardoso e Brignole, que fazem menção a um pensamento de Marc Bloch, lembrando que os objetos da história são o homem e sua atividade.

A história é, por definição, absolutamente social e podemos entender bem que a História Nova, que os fundadores dos *Annales* contribuíram decisivamente para criar, é uma história do homem e de seu grupo social, em suma: 'uma história da sociedade em movimento'. (CARDOSO; BRIGNOLE, 1983, p. 349).

As mudanças de paradigmas científicos advindos do *Escolanovismo* impactam os movimentos educacionais no Brasil afetando, também, a concepção de museu. O pensamento de Marc Bloch para uma história comparada europeia, publicada em 1928, indicava que:

Sua proposta de inaugurar no Collège de France um ensino de história comparada das sociedades europeias destinava-se a dar uma base institucional a esse programa científico ambicioso. Este foi proposto em surdina durante muito tempo, e só recentemente a tomada de consciência de uma lacuna nos trabalhos franceses fez seu caminho. É assim que, num editorial que reafirma seu projeto interdisciplinar, e revista *Annales Écocomes Sociétés Civilisations* menciona também, a exigência do 'comparatismo', embora observando que sua 'prática continua a exceção'. A recentíssima revista *Genèses*, ela também, inclui em seu programa a exigência de reduzir 'nossas insularidades e [...] estimular a cultura comparatista de que temos necessidade'. (HAUPT, 1998, p. 31).

Estava em jogo uma crítica à intolerância recíproca entre os nomes que levou ao surgimento das duas grandes guerras mundiais. Neste clima, os historiadores são chamados para dialogar, propondo uma história mais humana. Mesmo que a origem da história comparada seja atribuída às reflexões teóricas de Marc Bloch, entendemos que outros campos do saber influenciaram a sua origem, como por exemplo, a Sociologia e a Economia, que na

⁴ Leopold von Ranke, historiador alemão do século XIX considerado como o pai da "História científica".

busca de generalização praticavam o comparatismo no âmbito da Filosofia da história. Marx e Engels, no século XIX, realizavam estudos sobre os modos de produção a partir de elementos diacrônicos e sincrônicos.

No século XX, podemos identificar dentro das abordagens dos “historiadores nacionais” uma polifonia de cinco vozes, mencionada por Barros (2007, p. 281): “[...] uma linha de história da educação comparada de bases sociológicas ou ambições generalizantes, a história comparada dos modos de produção, a história comparada das civilizações, a história total comparada e a história comparada problema”. Todas as tendências teóricas descritas constituem linhas de estudo que influenciam na constituição da história comparada como campo interdisciplinar específico.

Segundo Haupt (1998), um dos pioneiros da comparação em história econômica foi François Crouzet que, depois de sua tese acerca dos efeitos do bloqueio continental sobre a economia britânica, confrontou a evolução na França e na Inglaterra. Os riscos incluem: o perigo de cometer anacronismos; a supervalorização do método comparativo como se, a partir do estudo de alguns casos, pudesse decifrar a história humana; e a mera justaposição da descrição de casos individuais, deixando a comparação a cargo do leitor.

Entendemos que o autor sinaliza para a interdependência entre os estudos locais e a história comparada como meio de pesquisa necessária. No estudo em questão, compreendemos a existência da necessidade de verificar os elementos que constituem a origem dos museus, começando pelo colecionismo, por acreditar que constitui uma prática comum entre pessoas, que de alguma forma percebiam a importância de resgatar a memória de suas culturas; esta prática não era uma ação restrita a personagens brasileiras. Desta forma, encontrava na história comparada, o colecionismo como uma das principais fontes de origem e da evolução dos museus que se expandiram pelo mundo.

Neste contexto, podemos também fazer uma abordagem sociohistórica acerca do conhecimento pedagógico, atenta à construção, difusão e apropriação dos discursos que regulam as maneiras de pensar e agir em educação (BOUTIER; JULIA, 1998). Seguindo este caminho teórico, buscamos analisar a origem e o desenvolvimento dos museus, para compreender as relações que se estabelecem na construção de um saber sobre educação e museu escolar, visando também, o papel social e educativo para a preservação da memória.

Seguindo o pensamento de Nóvoa (2000), neste questionamento, procuramos compreender a concomitante expansão global dos saberes escolares e de que forma estes saberes influenciam as modalidades de educação ofertadas na escola brasileira, quando pensamos que a circulação de saberes educacionais acontece dentro de dinâmicas globais e

locais, onde estão presentes a cultura europeia entrecruzada com a cultura brasileira e, mais especificamente, com a cultura sertaneja, representativa do campo empírico da pesquisa.

A parte conceitual desta pesquisa encaminha as reflexões para temáticas que abrangem importantes campos que consideramos relevantes para estudar museu escolar no seu sentido histórico e pedagógico.

Para dar início aos questionamentos da pesquisa e possíveis respostas, localizamos Chagas (2001), que se preocupa em estabelecer uma distinção entre a dimensão e a função educativa dos museus, apresentando indícios de que o emprego destes termos deve ir para além da ingênua utilização. O sentido de “dimensão do museu”, utilizado pelo autor em seu texto, é o de medida, extensão, volume, grau de potência. Essa definição indica a qualidade e o caráter próprio de determinados institutos museais no que se refere à educação e lazer. Em relação à função educativa, interesse maior deste estudo, o autor ressalta que para o estudo de museus na atualidade, devemos pensar nas funções preservação, investigação e comunicação.

Diante desse contexto, passaremos a observar o museu como uma construção de conhecimento educacional inserido em uma dada cultura; este espaço estaria a serviço da geração de uma memória social e destinada a disseminação de conhecimento, a partir do qual podemos olhar o papel educacional desempenhado pelo museu e o impacto desta ação na construção de conhecimentos e na preservação do patrimônio cultural. Para este entendimento buscamos aporte teórico nos campos da História Comparada, da Museologia, da Sociologia e da Antropologia.

Iniciativas que visam a preservação do patrimônio cultural podem desempenhar relevantes contribuições, quando reconhecemos o papel que o museu pode desempenhar neste cenário. Porém, antes de discutir tal questão, precisamos entender o significado de preservação patrimonial e o papel da escola, desde a orientação conceitual e teórica que embasam estes termos, para fins da pesquisa ora apresentada.

A palavra “patrimônio” tem raiz latina (*pater*) e significa, entre outros, algo que se herda ou lega. O significado da palavra remete para o passado, portanto, algo que existiu antes de nós. Desta forma, justifica algumas iniciativas para a preservação do patrimônio, por parte de indivíduos ou grupos que viveram neste passado e que adquiriram experiência suficiente para reconhecer a necessidade de preservação de algo que se fez cultura e, especialmente, quando reconhecem que sem estas iniciativas a juventude não terá nenhuma relação com a cultura do passado, perdendo parte do conhecimento sobre a construção do seu próprio mundo (MARTINS, 2006).

Por meio de leitura efetuada sobre cultura em diferentes antropólogos, podemos entendê-la como formas de vida de grupos e dos membros de uma sociedade. Estes destacam em seus estudos sobre cultura, crenças, valores, símbolos, objetos e tudo que se constrói com a experiência e influência no modo de vida dos indivíduos e/ou grupos.

Cultura é o conjunto acumulado de símbolos, ideias e produtos materiais associados a um sistema social, seja ele uma sociedade inteira ou uma família. Juntamente com ESTRUTURA SOCIAL, POPULAÇÃO e ECOLOGIA, constitui um dos principais elementos de todos os sistemas sociais. [...] A cultura possui aspectos materiais e não-materiais. A cultura material inclui tudo que é feito, modelado ou transformado como parte da vida social coletiva [...]. A cultura não-material inclui símbolos de palavras à notação musical – bem como as ideias que modelam e informam a vida de seres humanos em relações recíprocas e os sistemas sociais dos quais participam. As mais importantes ideias são as ATITUDES, CRENÇAS, VALORES e NORMAS (JONHSON, 1997, p. 93, grifos do autor).

Enquanto Malinowski (1976, p. 34) descreve cultura da seguinte forma:

A visão funcional da cultura repousa no princípio de que em qualquer tipo de civilização, cada costume, objeto material, ideia ou crença, satisfaz alguma função vital, assim como certas tarefas realizadas representam uma parte indispensável para todo o trabalho.

A cultura a qual nos referimos remete ao pensamento de Geertz (1989, p. 212) fundador da “escola interpretativa de antropologia” que em seu livro: *A interpretação das culturas* ressalta: “A cultura de um povo é um conjunto de textos, eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros daqueles a quem eles pertencem.” As dificuldades em interpretar as culturas revelam abismos metodológicos e complexidades morais. Dando continuidade ao seu pensamento, o autor deixa claro, ainda, que existem maneiras diferentes de “se lidar sociologicamente com as formas simbólicas. [...] ‘dizer alguma coisa sobre algo’, e dizer isso a alguém, é pelo menos entrever a possibilidade de uma análise que atenda à sua substância, em vez de formas redutivas que professam dar conta dela.”

Geertz (1989) está preocupado com uma interpretação analítica do significado do comportamento e da cultura, vistas como ações simbólicas. Deste mesmo ponto de vista, pretendemos destacar a importância da educação escolar para que a juventude estabeleça uma relação positiva entre o passado e o presente, tendo como foco desta construção teórica o museu escolar, que na nossa maneira de interpretar trata-se de uma construção educacional resultante da cultura.

Com o desenvolvimento e transformações que ocorriam na história e na sociedade, assim como os estudos de teóricos como Karl Marx e Max Weber, outros direcionamentos são atribuídos às investigações que se propõem a estudar a educação e a sociedade. Neste

cenário, podemos apresentar distintamente a tese de Émile Durkheim sobre educação, como também o pensamento de Paulo Freire que apresenta a educação como um processo dialógico, realizado por meio do contato do homem com as suas experiências. O diálogo supõe troca, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo, “[...] e educador já não é aquele que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que ao ser educado, também educa [...]” (FREIRE, 1987, p. 64).

Para o conceito de civilidade, memória e cultura, tivemos as contribuições das ideias de Norber Elias (1994), Halbwachs (2013), Nora (1993) e Le Goff (2003), para identidade utilizamos Stuart Hall, quando diz que deveríamos pensar a identidade como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. Para instituição educativa encontramos as ideias de Justino Magalhães (2004, p. 124), por considerar conflituosa a integração normativa ou política no campo educacional, “onormativismo burocrático e político-ideológico estruturante, especialmente em contexto nacional e internacional.”

Por fim, para os conceitos de museu escolar e objeto museal, nos apoiamos basicamente nas ideias de Maria João Mogarro (2013), Mário Chagas (2009) e Regis Lopes Ramos (2004), que serão parte integrante das interpretações que aparecem ao longo do texto.

Buscamos, nesta linha de entendimento, analisar a proposta museológica dos museus Vilas Nova Portugal e Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira, criados na ENRJN, por meio das fotografias que mostram os arquivos, objetos e documentos expostos nestes museus, para examinar os espaços de atuação do museu em sua relação pedagógica com a escola; também por meio da documentação ainda existente, observar as estratégias de visibilidades e o percurso de legitimação de estratégias educacionais e políticas, no debate educacional, que possam ser desvendadas em seu percurso. Utilizaremos, assim, o museu escolar para pensar o homem e a escola como manifestações da cultura de uma sociedade, no caso Juazeiro do Norte, que se urbanizou rapidamente por meio de uma história entrecruzada pelo “sagrado e o profano”, como escreveu o historiador cearense Regis Lopes Ramos:

Sobre instituição educacional Justino Magalhães afirma que as instituições são organismos vivos, cuja integração numa política normativa e numa estrutura educativa de dimensão nacional e internacional, é fator de conflito entre os campos da liberdade, criatividade, sentido crítico e autonomização dos atores e o normativismo burocrático e político-ideológico estruturante. (RAMOS, 2004, p. 12).

Destas perspectivas educacionais podemos direcionar as nossas reflexões sobre educação e museu escolar, esperando localizar os pressupostos teóricos que orientam a sua

organização e o seu compromisso com a educação, compreendendo a instituição museal como um espaço que ultrapassa a missão de auxiliar da educação. Neste ponto de vista, o museu possui características de uma educação peculiar com vida própria e tem o sentido mediador entre o objeto exposto e o público, com o propósito de construir a sua proposta educacional específica, gerada nesta relação. Questionamos, então, acerca do processo de elaboração de conhecimento gerado na proposta educativa do Museu Vilas Nova Portugal e da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira. Qual o papel social e educativo por eles desempenhados no passado e hoje?

No esforço de construir uma pesquisa no campo da história da educação comparada pretendemos realizar um estudo que possibilite uma abordagem comparativa relacionada aos museus escolares pertencentes à ENRJN, tendo como objetivo geral conhecer a função civilizadora, social e educativa dos Museus Vilas Nova Portugal e da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira, dentro de um quadro comparativo do contexto histórico das ideologias da *Escola Nova* (MVNP) e do atual contexto de preservação do patrimônio cultural (SMAXO).

Em relação aos objetivos específicos, pretendeu-se, inicialmente, analisar as transformações significativas que ocorriam no início e em meados do século XX, dando relevância às novas tendências da educação, do ensino e da cultura, partindo das inovações propostas pelos *Reformadores da Educação* e o impacto por eles causado no meio educacional local; em seguida, com o propósito de compreender o museu, sua historicidade e importância, apresentamos uma breve contextualização, com vistas a encontrar elementos para refletir sobre a função social, civilizadora e educativa que vieram a desempenhar.

Para tanto, pretendemos conhecer o sentido histórico e cultural de museus relacionando esta história aos conceitos de objeto museal, colecionismo, patrimônio cultural e civilidade; em outro momento, pretendemos situar as características museológicas e históricas dos museus no Ceará, para então refletir sobre as especificidades dos museus da ENRJN dentro do contexto geral, histórico e ideológico de criação de museus no Brasil e no Ceará; finalizamos com a análise do Museu Vilas Nova Portugal e da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira, como museus escolares e processo civilizador, criados para atender necessidades de um dado momento histórico educacional, voltado para a ciência e valorização do Republicanismo⁵ e, além desta finalidade histórica, também abarcamos uma nova concepção que cria museus escolares preocupados com questões relacionadas ao patrimônio escolar e a construção de conhecimentos.

⁵ Pensamento político que encontra suas origens na Roma antiga. Ressurgiu no cenário do Renascimento (com os humanistas cívicos e com o pensamento constitucional de Maquiavel).

Portanto, o trabalho foi estruturado em três capítulos além da introdução. No primeiro capítulo, apresentamos o tema: “História e Memória: O Museu Escolar como Processo Educativo Civilizador”, abordando questionamentos sobre a história da Instituição Museu em sua trajetória evolutiva, abordando ideias sobre colecionismo, objeto museal, para chegarmos à origem e classificação dos museus no Brasil. Para tanto, fizemos um retorno às ideias educacionais das primeiras décadas do século XX, para destacar as mudanças de paradigmas científicos que apontavam ideologias conflitantes entre reformadores, *escolanovistas* e as teses tradicionalistas. Por meio desta discussão, observamos a função civilizatória, social e educativa dos museus, o que significa encontrar indícios que esclareçam as diversas influências que deram origem à criação dos museus na nossa região e, especificamente, na cidade de Juazeiro do Norte, por meio da circularidade do conhecimento educacional.

No segundo capítulo buscamos analisar a função social e educativa dos museus escolares no Cariri, especificamente em Juazeiro do Norte, buscando as tipologias de museus, o interesse e os objetivos das instituições museais no seu entrelaçamento com a comunidade na região do Cariri. Neste intuito, encaminhamos a discussão para compreender o significado de patrimônio cultural e memória, o colecionismo e sua influência na criação e divulgação de novos conhecimentos.

No terceiro capítulo, apresentamos o tema: “A Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira”, contextualizando a história da ENRJN e o patrimônio cultural, com a intenção de relacionar o conhecimento adquirido ao longo da pesquisa sobre história da criação de museus no Brasil e os museus da ENRJN. Assim, foi possível conhecer a historicidade e importância dos museus da ENRJN dentro de um contexto nacional de transformação social e educacional, focando a documentação museológica e ação educativa em museu escolar. Partimos da ideia de circulação de conhecimento, enfocando a produção de saberes educacionais e os mecanismos de circulação destas ideias.

Neste contexto, focalizamos nossa discussão especificamente nos Museus, iniciando com algumas considerações históricas sobre a Escola entrelaçada com aspectos relacionados ao desenvolvimento cultural e a discussão teórica; procuramos encontrar elementos comparativos que relacionem a historicidade e relevância social e educativa, numa linha de tempo histórico que vai do Museu Vilas Nova Portugal até a Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira. Nesta caminhada histórica, observamos o acervo envolvido na compreensão adquirida sobre o papel do objeto museal e sua escolha para exposição e produção de conhecimento, bem como, a preservação da memória e a criação de uma cultura de preservação e valorização do patrimônio cultural. Com indicações de uma pesquisa etnográfica, por ser

uma prática de investigação voltada para a descrição da cultura, Malinowski (1976) foi um dos primeiros organizadores destas pesquisas.

Nosso caminho metodológico baseou-se na história oral. Segundo Ferreira (1996), podemos registrar a experiência humana das pessoas, ouvindo e analisando seus relatos e conferindo importância à sua memória e à sua vivência. Para Thompson (1992) e Burke (1992), a oralidade possibilita destacar e deixar como centro de sua análise a visão e versão das experiências mais profundas dos atores sociais, oferecendo interpretações qualitativas dos processos histórico-sociais. Possibilita, ainda, rememorar a história e memória desse povo, seja ela advinda de suas próprias narrativas ou através de documentos, livros, entre outros meios que levem ao que é considerado informal. Assim, podemos conhecer as relações estabelecidas pelos protagonistas entre suas lembranças do passado e as experiências vivenciadas na educação, seja como professor, aluno ou profissional ligado à educação.

Desse modo, por meio de entrevistas semi-estruturadas feitas aos ex-professores, ex-funcionários e ex-diretores, utilizamos a análise de discurso como abordagem qualitativa dos dados coletados, pois, segundo Minayo (1993, p. 211) “[...] procura a compreensão crítica do significado das comunicações.”

Em busca de empreender uma abordagem qualitativa dos dados coletados, tivemos como fontes de coleta de dados: a documentação existente no Arquivo do Memorial Padre Cícero, no jornal *O Lavrador*, na SMAXO, nos depoimentos de ex-funcionários, ex-alunos e outros atores sociais que fizeram parte deste contexto histórico. Neste percurso, encontramos informações documentais, bibliográficas e orais, para explicar o contexto de criação dos referidos museus e assim apresentar a sua história, localizando no tempo e no espaço a experiência museológica em Juazeiro do Norte.

Na pesquisa de campo utilizamos, também, como meio de aproximação ao objeto de estudo, as discussões que realizávamos quando estávamos projetando a ideia de criar a SMAXO, como também observações feitas no ambiente físico, onde hoje se encontra o museu; tivemos ainda informações advindas do site <saladamemoria.blogspot.com.br>. Encontramos, ainda, excelentes pistas no próprio acervo do museu, como livro de assinaturas e depoimentos de visitantes. As informações documentais, bibliográficas e orais, quando entrevistamos doze pessoas, entre elas: ex-diretores, ex-professores, ex-alunos e ex-funcionários, foram importantes para explicar o contexto de criação dos referidos museus e, assim, apresentar a sua história, localizando no tempo e no espaço a experiência museológica em Juazeiro do Norte-CE.

2 HISTÓRIA E MEMÓRIA: O MUSEU ESCOLAR COMO PROCESSO EDUCATIVO CIVILIZADOR

Consideramos relevante, para ampliar a discussão deste tema, falar sobre a história da Instituição Museu em sua trajetória evolutiva, encontrando a forma como os elementos desta história revelam a maneira como esta instituição esteve vinculada, desde as suas origens, à própria história da humanidade. Observar a função social e educativa dos museus significa, neste estudo, encontrar as diversas influências que deram origem à criação dos museus na nossa região e, especificamente, na cidade de Juazeiro do Norte.

Tais considerações trazem a necessidade de refletir sobre a minha experiência como professora desta Escola há quase trinta anos, em busca de “olhar a dimensão simbólica da ação social” para compreender a indiferença com que os testemunhos materiais do passado foram tratados ao longo deste tempo. Colocamos nesta cena não apenas a juventude, representada pelos alunos e ex-alunos da Escola, mas, também, muitos professores e outros profissionais inseridos neste contexto.

Em algumas culturas o passado convive com o presente de forma harmoniosa e necessária, enquanto outras culturas rejeitam tudo que representa o passado e têm o olhar voltado para o futuro. Juazeiro tem um passado conturbado, permeado por questões políticas e religiosas, que em muitas ocasiões foram recomendadas o silêncio absoluto para gerar esquecimento; um dos fatos históricos da cidade que demarca esta afirmação é o “milagre da hóstia”⁶. Assim, aprendemos que o passado ou era perigoso ou era um fardo pesado que se carregava. Neste caso, precisávamos nos emancipar da história para alcançar o desenvolvimento intelectual, social e político exigido naquele momento histórico.

“Somos feitos de tempo”, diz Maria Lúcia de Arruda Aranha, resultantes de um movimento incessante, por esta razão não encontramos um modelo de “ser humano universal” que nos represente em todos os tempos, é preferível pensar no sentido de uma “condição humana” que se desenvolve dentro de um tempo e de uma geografia. Aranha (2006) propõe refletirmos a partir desta consideração sobre a nossa condição de estar no mundo:

Somos seres históricos, já que nossas ações e pensamentos mudam no tempo, à medida que enfrentamos os problemas não só da vida pessoal, como também da experiência coletiva. É assim que produzimos a nós e a cultura a qual pertencemos. Cada geração assimila a herança dos antepassados e estabelece projetos de mudanças.

⁶ A Beata Maria de Araújo protagonizou a história de Juazeiro do Norte. O fato mais importante de sua vida foi o milagre da hóstia acontecido em 1 de março de 1889. Ao receber a hóstia, em uma comunhão oficiada por Padre Cícero, na capela de Nossa Senhora das Dores, a hóstia transformara-se em sangue. O fato repetiu-se e o povo achou que se tratava do sangue de Jesus Cristo.

Ou seja, estamos inseridos no tempo: o presente não se esgota na ação que realiza, mas adquire sentido pelo passado e pelo futuro desejado. Pensar o passado, porém, não é um exercício de saudosismo, curiosidade ou erudição: o passado não está morto, porque nele se fundam as raízes do presente. (ARANHA, 2006, p. 19).

A teimosia dos fatos históricos de Juazeiro do Norte não foi apagada, apesar de todas as tentativas, isto se revela pela significativa produção de livros e pesquisas que circulam a cada ano e, desta forma, é que o nosso legado cultural revive a cada geração. Portanto, na tentativa de não mais rejeitar o passado, por razões diversas como as aqui expostas, podemos apresentar o nosso passado como uma entidade que identifica e reforça as nossas raízes culturais de resistência e luta.

Situamos, portanto, neste estudo sobre museu escolar o conceito de patrimônio cultural no contexto histórico da educação brasileira. Neste sentido, o conceito de patrimônio cultural apresentava cada vez mais importância nas instituições educacionais espalhadas pelo Brasil, desde que ganhou força, no final do século XIX e início do século XX, a visão positivista que colocava a ciência como centro de toda produção de conhecimento. Desta forma, a ideia de escola, homem e mundo foram afetadas. A preservação do patrimônio, neste cenário de mudança paradigmática, gera uma conscientização e interesse pela conservação de bens culturais e sua salvaguarda.

Os símbolos do passado são exaltados, em suas formas materiais e imateriais, e em sua mais pura autenticidade. Porém, nossa realidade aponta atos que caminhavam na direção contrária destas ações, fato observado quando tivemos dificuldades em recuperar objetos que pertenceram à ENRJN para criar a SMAXO, lugar que representaria, naquele momento, um embrião de um museu da educação na cidade.

A leitura de Geertz (1989) quando enfatiza o conceito de cultura como sendo essencialmente semiótico, foi importante para compreender que deveria buscar o significado da educação e dos museus, numa leitura que ultrapassa a descrição e apresentação de documentos e objetos museais como representativos de uma realidade. A pesquisa exploratória conduziu o estudo em termos de elaboração de uma “descrição densa”, como apontam os estudos de Geertz, ou mais ou menos densa, de acordo com os nossos objetivos a serem alcançados e com a natureza desta pesquisa, que é essencialmente na linha de uma história educacional comparada, porém, adotando uma perspectiva de tratamento de dados interpretativa, com forte contribuição sociológica e antropológica.

A construção teórica e empírica da pesquisa no campo da História da Educação Comparada recai sobre a reconstrução da memória de uma instituição educacional que

abrigou no passado o Museu Vilas Nova Portugal e hoje tenta constituir, no mesmo espaço institucional, um museu escolar destinado à preservação do patrimônio escolar. Que realidades distintas estes museus podem revelar a partir dos paradigmas sociológicos, históricos e educacionais que informam as suas intencionalidades? Como, ao longo do tempo, o museu escolar passou de uma necessidade de criar uma sociedade mais refinada para a busca de um conhecimento mais reflexivo? Neste contexto, queremos discutir e compreender a proposta museológica dos referidos museus escolares, inseridos em suas realidades históricas, que conduzem a uma reflexão sobre as teses liberais e conservadoras, que embasaram os programas educacionais, influenciando na organização do ensino.

Iniciamos a discussão falando sobre “Objeto Museal”. Os objetos pertencentes a colecionadores particulares ou preservados em museus públicos, são elementos indispensáveis para que possamos conhecer os períodos a que pertenceram, sendo também necessário para o nosso desenvolvimento cultural e social. Para prosseguirmos na discussão faz-se necessário entender o sentido de “museu”; a partir do Dicionário da Língua Portuguesa, temos:

Na Antiguidade, templo das Musas. / Pequena colina de Atenas, consagrada às Musas. / Parte do palácio de Alexandria onde Ptolomeu I tinha reunido os mais célebres filósofos, e onde ficava sua famosa biblioteca. (Nestes dois últimos sentidos, escreve-se com inicial maiúscula.) / Grande Coleção de Objetos de Arte e de Ciência. / Prédios onde se encontram essas coleções. / Casa onde se encontram coisas diversas, antigas, sem uso. (FERREIRA, 1987, p. 834).

Museu é uma palavra de origem latina *Museum*. Deriva do grego *mouseion*. Inicialmente, faz referência ao templo dedicado às nove Musas, filhas de Zeus com *Mnemosine*, a deusa da Memória. A partir do Renascimento este termo passou a ser aplicado em relação a coleções de objetos de valor histórico e artístico. Trazia implícita a ideia de ser um espaço para enaltecer e glorificar os tempos passados. Como nos referimos anteriormente, o museu, que teve origem, também, na ação humana e sua necessidade de colecionar objetos, adquire novos sentidos em virtude do desenvolvimento da ciência e da museologia. Temos, também, algumas definições de museu apresentadas a partir do Departamento de Museus e Centros de Museus, bem como Centros Culturais, que propõem:

O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características: I – o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações; II – a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer; III – a utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social; IV – a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação,

a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações; V – a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana; VI – a constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais. Sendo assim, são considerados museus, independentemente de sua denominação, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram as funções museológicas. (IPHAN, 2005 *apud* SISTEMA BRASILEIRO DE MUSEUS, 2012, p. 27).

O Conselho Internacional de Museus⁷ (1956, p. 1) define da seguinte forma:

Definição de 1956: Museu é um estabelecimento de caráter permanente, administrado para interesse geral, com a finalidade de conservar, estudar, valorizar de diversas maneiras o conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos, zoológicos e aquários.

Podemos notar que a função educativa e social é parte integrante da definição do termo museu. Se tomarmos como referência a definição dada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), entendemos que o museu se caracteriza por ser uma instituição que congrega a finalidade de estar a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, por meio da exposição de suas coleções, das possibilidades de pesquisas e de outras atividades culturais e de lazer. Portanto, em uma definição mais recente, aprovada pela 19ª Assembleia Geral, de Barcelona, Espanha, em 06 de julho de 2001, o museu é entendido como uma:

[...] Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade. Além das instituições designadas como ‘Museus’, se considerarão incluídas nesta definição: os sítios e monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos; os sítios e monumentos históricos de caráter museológico, que adquirem, conservam e difundem a prova material dos povos e de seu entorno [...] (MUSAS, 2007, p. 17).

O museu histórico deve ser tratado por meio de normas e conceitos teóricos que determinem sua organização e que proporcionem condições de utilização mais eficientes frente às demandas da sociedade. Desta forma, o atual conceito de museu, segundo o ICOM, ganha novos significados. O museu passa a ser agente do desenvolvimento do homem, pois retrata a sua diversidade e a variada gama de possibilidades da civilização representada pela cultura material, depositada no seu acervo.

No Brasil, data de 1922 o ano em que encontramos os indícios das primeiras ações para estabelecer uma política pública para o patrimônio cultural brasileiro; tem como marco a

⁷ ICOM (Conselho Internacional de Museus) é uma organização internacional ligada à UNESCO, fundada em 1946. Congrega museus e profissionais de museus. Tem por objetivo a preservação e a difusão do patrimônio mundial – cultural e natural, presente e futuro, material e imaterial – para a sociedade.

criação do Museu Histórico Nacional, criado por Gustavo Barroso. Este museu foi regulamentado pelo Decreto nº. 24.735/1934 (BRASIL, 1934). Seu objetivo originava-se por uma necessidade urgente de proteger as obras e monumentos artístico-históricos nacionais, ameaçados de destruição.

Neste mesmo ano (1934) observamos uma certa popularização da instituição museal, quando esta chega às cidades do interior, nos lugares mais longínquos. É o caso de Juazeiro do Norte, com a criação do “Museu Vilas Nova Portugal”. A instituição museal começa a ganhar importância cultural e a despertar significado social, pois se constitui espaço de salvaguarda da memória social. Passa, então, a ter o sentido de preservação da história e da identidade cultural, pois as exposições de seus acervos colocam a população em contato com a sua própria história de tradições e valores, que formam a sua identidade. É quando diferenciadas explicações e interpretações, por meio da interação do objeto museal com o público, deixam transparecer elementos históricos que por alguma razão tenham sido ocultados.

Entendemos que o conhecimento do passado, de uma maneira crítica, significa, antes de tudo, viver o presente e, assim, estabelecer os elos necessários para a geração de novos saberes, expondo relações historicamente fundamentadas entre o que é atual e de outras épocas. Neste caso, o museu torna-se uma instituição educativa. Deste ângulo, podemos também observar o museu como processo civilizatório, no sentido aqui exposto, expressando uma nova exigência histórica: a de que os homens tinham que aprender a se comportar dentro de novas condições sociais. Com o advento da 1ª República, finda a forma social de comportamento que era expressão de uma organização social; a sociedade agora se encontra em transição e, portanto, a educação estava voltada para preparar o indivíduo para a essa nova sociedade que estava sendo produzida.

A educação e as ações museológicas, consideradas como processo, significam uma reflexão constante, ações criativas e transformadoras do sujeito e do mundo, portanto, é condicionada histórico e socialmente. Sendo resultado da ação humana, não pode ser analisada fora de cada período histórico em que se desenvolve. Assim, com o propósito de compreender melhor o museu, sua historicidade e importância, apresentaremos uma breve contextualização, com vistas a encontrar elementos para refletir sobre a função social e educativa que vieram a desempenhar.

Gustavo Barroso foi o primeiro museólogo a coletar, guardar e estudar museus com o objetivo de levar o conhecimento histórico à sociedade, o que nos condiciona a olhar com atenção a obra do referido autor. “A história das ações educativas nos museus brasileiros

percorre desde a realização de ações experimentais isoladas até as intenções políticas, inicialmente desenvolvidas em museus de história.” (BEMVENUTI, 2004, p. 167).

A literatura sobre museus mostra também alguns movimentos quando a educação em museus tornou-se importante, fato constatado, quando da criação do Curso de Museu que aconteceu no Museu Histórico Nacional, em 1932, ofertado por Gustavo Barroso e, mais adiante, entre os anos de 1950 e 1970, com o Movimento das Escolinhas e Clubes de Arte Infantil para a aproximação das crianças com os museus (CHAGAS, 2009).

Os museus escolares surgem no Brasil em meio a um contexto de debates e valorização de ações relativas à educação, na perspectiva de afirmação de uma identidade nacional, o que leva a compreensão do museu escolar em sua materialidade e intencionalidade.

Norbert Elias (1993) quando fala sobre *processo civilizatório e educação*, apresenta, entre outras questões, uma história dos costumes, analisando o desenvolvimento dos diferentes conceitos de cultura e civilização, em alguns países da Europa. Posteriormente, explora a *civilidade* como transformação dos costumes, que vai desde as mudanças nos costumes das pessoas à mesa, no momento das refeições, em relação às funções corporais, até o comportamento no quarto de dormir ou no controle da agressividade.

No sentido aqui proposto é necessário situar as transformações mais significativas que ocorriam no início e em meados do século XX, dando relevância às novas tendências da educação, do ensino e da cultura, partindo das inovações propostas pelos *Reformadores da Educação* e o impacto por eles causado no meio social e educacional local.

Esta evolução histórica da educação tem suas raízes nas ideias da corrente iluminista difundida pelos intelectuais e pensadores dos séculos XVII e XVIII, tais como John Locke, Montesquieu, Voltaire, Diderot, Rousseau, Condorcet e o filósofo Emanuel Kant, que, em geral, asseguravam ser o homem vocacionado ao progresso e ao autoaperfeiçoamento ético. Para eles, a ordem social não é divina, e sim construída pelos próprios homens, portanto, sujeita a modificações advindas do próprio homem. Considera-se a Revolução Francesa, ocorrida em 1789, o acontecimento político e social mais significativo da história contemporânea, pois ao encerrar o período da sociedade feudal abre caminho para a modernidade. “Mas, o moderno entre nós, misturava-se com a tradição. Como, afinal passados os ventos revolucionários da França, acabou a burguesia se fez poderosa a começar pela nobreza e a cristandade.” (CAVALCANTE, 2002, p. 27).

Estas considerações levam a entender que a *circularidade de conhecimento* é histórica e global, faz parte do processo de evolução da história humana, exercendo influências em todos os setores de organização da vida em sociedade. No setor educacional, verificamos as

tendências epistemológicas que, em cada período, opera modificações no setor, mesmo que esta tenha sido reorganizada dentro de aspectos culturais, específicos de cada região.

Margarida Maria Louro Felgueiras, da Universidade do Porto, alerta que:

[...] o museu é um dos lugares nunca o único, onde a sociedade pode estabelecer ligações com o seu próprio passado. Contudo, qualquer exposição pertence ao seu tempo e participa, por isso, no debate sobre as formas de expressar as interligações culturais, quer entre os diferentes grupos sociais numa mesma sociedade, quer entre cultura de diversos povos, alguns dos quais com períodos de passado comum, mas, com memórias difíceis de gerir. (FELGUEIRAS, 1996, p. 150).

Neste diálogo da história da educação, podemos situar os pensamentos de Moacir Gadotti (2002) e de Franco Cambi (1999), para fazer uma incursão desde os tempos antigos até hoje da evolução educacional.

A educação, enquanto prática fundamental da existência histórico-cultural dos homens, precisa ser pensada, ou melhor, precisa continuar sendo pensada, pois ela ou já é ou foi antes. Historicamente as ideias pedagógicas estão voltadas para compreensão do significado da educação na contemporaneidade, tendo a tarefa de buscar meios, para resgatar a unicidade entre história e o sujeito, perdido pela desconstrução da cultura e da educação provocado pelo racionalismo moderno. Seu pensamento em relação à educação pós-moderna, é que ela tem que dar conta do seu caráter multicultural, assim buscará a igualdade sem eliminar as diferenças, para isso, a escola, embora tenha que ser local, enquanto frente de partida deve ser universal, enquanto ponto de chegada. (GADOTTI, 2002, p. 13).

Seguindo as considerações sobre história da educação e da pedagogia de Cambi (1999), verificamos que a base da cultura Grega serviu de berço da cultura, da civilização e da educação ocidental. A educação reservada aos homens livres, cujo caráter, de classe, exigia que esse ensino estimulasse a competição, as virtudes guerreiras, para assegurar a superioridade militar sobre as classes submetidas e as regiões conquistadas. O homem bem educado tinha que ser capaz de mandar e de fazer-se obedecer.

A falta de democratização tinha na educação sua manifestação, pois poucos tinham acesso ao ensino, e só entre estes existia diálogo e liberdade de ensino, e tudo acontecia apenas entre os gregos livres. A educação integral na Grécia consistiu na integração entre cultura e sociedade; tratava-se da pedagogia da eficiência individual e, concomitantemente, da liberdade e da convivência social e política. Por outro lado, a síntese entre educação e cultura, permitiu-se valorizar a arte, a literatura, a ciência e a filosofia, que consistia na formação do corpo pela ginástica, na da mente pela filosofia e pela ciência, e na da moral e dos sentimentos pela música e pelas artes. No poema de Homero, a “Bíblia do mundo Heleno” tudo se estudava: Literatura, História, Geografia, Ciência etc. (CAMBI, 1999).

O pensamento pedagógico renascentista traz uma revalorização da cultura greco-romana, ligaram-se alguns fatores mais gerais da própria evolução histórica. Portanto, as grandes navegações do século XIV, que deram origem ao capitalismo comercial, foram responsáveis pela formação do homem burguês, que ao distanciar-se das classes populares, caracteriza-se pelo elitismo, pelo aristocratismo e pelo individualismo liberal. Atingia principalmente o clero, a nobreza e a burguesia nascente (CAMBI, 1999).

A história da educação mostra, portanto, que o nascimento do pensamento moderno tem relação com a superação do modelo feudal, ocorrida entre os séculos XVI e XVII; a educação deixa de ser forma isolada, para se constituir num esforço coletivo.

Francis Bacon (1561-1626) ao propor a distinção entre a fé e a razão, deu um novo ordenamento às ciências: seu método indutivo de investigação, opondo-se ao método aristotélico de dedução, é considerado o fundador do método científico. Entre outros nomes representativos destes momentos de transformações, ocorridos na cultura, temos René Descartes (1596-1650) frente à questão ontológica da Filosofia: a relação entre o pensamento e o ser criou um método novo, científico, do conhecimento do mundo e ao substituir a fé pela razão e pela ciência, tornou-se o pai do racionalismo (CHAUI, 2010).

O cenário social deste período aponta o pensamento pedagógico iluminista marcado pela Revolução Francesa, que derrubou o Regime Absolutista (1453-1789) e, por conseguinte, o poder concentrado no clero e na nobreza. Os intelectuais da época foram chamados “iluministas” pela defesa que faziam da racionalidade e da luta em favor das liberdades individuais, contra o obscurantismo da Igreja e a prepotência dos governantes.

Rousseau (1978), em suas obras acerca da desigualdade entre os homens, *Controle Social* e *Emilio*, inaugurou uma nova era na história da educação, constituindo um marco que divide a Velha e a Nova Escola. Os grandes teóricos iluministas pregavam uma educação cívica e patriótica, inspirada nos princípios da democracia, uma educação laica, gratuitamente oferecida pelo Estado para todos e embora tivesse a ideia de unificação do ensino público em todos os graus, ainda era elitista: só os mais capazes podiam prosseguir até a universidade. O século XVIII marca a escola pública, herança da Revolução Francesa (ARANHA, 2000).

Portanto, é com Rousseau que surge o conceito de Escola Nova, sua importância influenciou educadores da época como Pestalozzi, Herbart e Froebel. O iluminismo educacional representou as bases da pedagogia burguesa, influenciado de forma atualizada na transmissão de conteúdo e na formação social e individualista. É oferecida pela burguesia uma instrução mínima para a massa trabalhadora, o que faz surgir também os sistemas nacionais de

educação, no século XX, que tem como pressuposto uma educação para formação do cidadão disciplinado.

Neste contexto do século XVIII é consolidado o pensamento pedagógico positivista sob uma concepção burguesa da educação. Esse período também é marcado pelos movimentos, popular e socialista, representado pela corrente teórica marxista e do movimento elitista burguês, que concebe a teoria positivista como marco orientador.

Essas correntes são representadas por Karl Marx (1818-1883) e Augusto Comte (1798-1857). A doutrina do cientificismo influencia a educação, no currículo escolar, aos poucos, superando a dominação da Filosofia, da Teologia e das Línguas Clássicas. Essa tendência cientificista ganha forças, com a introdução da Sociologia Geral e da Sociologia da Educação. Ao substituir a forma manipuladora em relação ao real, baseado em aspectos míticos, na magia e na religião, pela visão científica, estabelece uma nova fé, a fé na ciência. Seu lema sempre foi “Ordem e Progresso”. Portanto, o positivismo tornou-se uma ideologia da ordem, da resignação e, contraditoriamente, da estagnação social (SCURO NETO, 2004).

Em meio a estas transformações, as instituições museológicas datam do século XVI. Situadas na Itália, França e Inglaterra tinham a forma de *jardins medicinais* ou *botânicos*, que eram criados juntos às faculdades de Medicina, visando proporcionar aos futuros médicos conhecimentos sobre as plantas que eram à base da maioria dos medicamentos. Na Renascença, os mais famosos ficaram conhecidos como “Teatros da Natureza”, conforme imagem abaixo.

Figura 1 – O Museu de Ferrante Imperato, em Nápoles, 1599



Fonte: Findlen (1996).

O museu traz a possibilidade de apresentar, por meio de seus objetos, o acúmulo das evidências concretas de aspectos diversificados do universo que o envolve; tais evidências

possuem caráter social, técnico, científico, artístico ou natural, entre outros que vão compor o conjunto de “objetos culturais”, originados da criação do homem ou pela ação da natureza. Estes objetos, uma vez submetidos à observação pública, transformam-se em objetos de comunicação e formação de novos conhecimentos.

Esta incursão na história da educação e do pensamento científico justifica-se pela necessidade de buscar a constituição dos museus escolares no contexto histórico do pensamento pedagógico da Escola Nova, caracterizado como um movimento de renovação da educação. A teoria da Escola Nova buscava uma educação que fosse instigadora da mudança social, inserido neste contexto de luta paradigmática.

2.1 O colecionismo e a origem dos museus no Brasil

Assim como na Europa o surgimento das primeiras instituições museológicas no Brasil data do século XIX. Entre as iniciativas culturais de Dom João VI está a criação, em 1818, do Museu Real, atualmente Museu Nacional. Por longos anos este museu funcionou de forma modesta, continha apenas uma coleção de história natural doada pelo Monarca. Adquiriu caráter científico somente no final do século XIX. De acordo com Chagas (2006), no final do ano de 1800 foram criados outros museus: o museu do Exército em 1864, da Marinha em 1868, o Paranaense em 1876, e do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia em 1894. Destacam-se, neste cenário, dois museus etnográficos: o Paraense Emílio Goendi, constituído em 1866, por iniciativa de uma instituição privada, e o Paulista, conhecido como o museu do Ipiranga, surgido em 1894.

De 1830 até 1870 eram três museus dedicados à pesquisa em Ciências Naturais, voltados para a coleta, estudo e exposições de coleções naturais, de etnografia, paleontologia e arqueologia, exercendo a função de preservar as riquezas naturais locais e nacionais, agregando a produção intelectual e a prática das chamadas Ciências Naturais no final do século XIX. Tinha como paradigma a *Teoria da evolução da Biologia* de Charles Darwin (1809-1882), naturalista inglês. Daí surgindo estudos sobre interpretações evolucionistas sociais, base para a nascente Antropologia. Em suas discussões sobre o homem brasileiro, através de critérios naturalistas, estas instituições museológicas deram uma grande contribuição para a divulgação de teorias sociais do século XX (CHAGAS, 2006).

No ano de 1922, surgem as primeiras evidências museológicas no Brasil. Com a criação do Museu Histórico Nacional, esse museu rompe com o ideal do Museu Enciclopédico, criando um espaço museológico voltado à História, à Pátria, destinado a formular, através da

cultura material, uma representação da nacionalidade. Para Regina Abreu (2007), a criação deste novo tipo de museu foi resultado da luta de intelectuais da época, que tinham como apoio o Estado; seu principal representante foi Gustavo Barroso, tornando-se diretor desta instituição museológica de 1922 a 1959 no Brasil.

O Museu Histórico Nacional foi criado com o objetivo de educar o povo. Sua didática era voltada para ensinar a população a conhecer fatos e personagens do passado, incentivando e cultuando a tradição e a formação cívica, consideradas fatores de união e progresso da Nação. Não significando apenas um espaço produtor do conhecimento, o Museu Histórico Nacional era uma agência destinada a legitimar e divulgar a nação a História Oficial.

Esta Nação brasileira era representada pelo Positivismo, que no Brasil teve significado relevante devido à influência que esta escola filosófica exerceu no país na transição do século XIX para o XX. O objetivo era implantar uma ideologia voltada para a *Ordem e o Progresso*. Este seria o objetivo maior da sociedade brasileira, que trazia o lema escrito na Bandeira Brasileira, adotada depois da proclamação da República. As ideias de Comte, em especial através dos pensadores Miguel Lemos, Teixeira Mendes e do militar Benjamin Constant, se impuseram aos círculos republicanos brasileiros, contribuindo para nortear a nova ordem social republicana, em especial nos governos de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto (ARANHA, 2006).

Em relação aos museus escolares, no contexto do *Escolanovismo*, podemos compreender a sua criação, também, como uma crítica ao modelo tradicional de ensino em oposição à memorização, apresentando a “observação das coisas”, que representa o método intuitivo. Desta forma, o museu escolar era apresentado com os novos quadros ilustrativos fabricados e comercializados para esta finalidade. Na ENRJN, muitos destes quadros e objetos expostos no museu foram fabricados pelos próprios alunos, como observamos no acervo do Museu Vilas Nova Portugal e da SMAXO. Além da utilização, como objeto auxiliar de ensino, destacamos também os primeiros museus escolares no âmbito das Ciências Naturais do Brasil. Para tanto, apresentaremos uma reflexão sobre o colecionismo que aqui consideramos como um dos indicativos da origem dos museus no Brasil.

Os Movimentos pela Educação que colocavam em fronteiras distintas os ideais de políticas educacionais conservadoras e progressistas, que tão bem representavam a sociedade do início do século XX, mostram, entre outras questões, que uma sociedade em formação tem o desejo imperativo de defender os seus interesses econômicos e ideológicos. Sob forte influência de ideias europeias, o Brasil inicia sua tradição de colecionar objetos e, por meio da

fundação de centros e instituições, surge um tipo de coleção científica, destinada ao estudo da fauna e da flora brasileira.

Está provado que é dos mais úteis e eficientes. Educar recreando é a divisa do museu moderno. Assim, as Ciências Naturais são estudadas sob a sua face mais elevada e concreta, a Biologia. E ensinar a Biologia é sempre útil, porque a Biologia é a ciência da vida e nada poderá contribuir mais poderosamente para o desenvolvimento humano do que o exato conhecimento da ciência da vida. (VALENTE, 1933, p. 39).

Incluindo o tema museal neste contexto de transformações históricas e educacionais, entendemos que se faz necessário iniciar a discussão a partir do ato de “coleccionar” objetos. Trata-se de um hábito que persistiu durante toda a Antiguidade e a Idade Média, chegando ao Renascimento e à época de formação do Mundo Moderno.

Este Mundo Moderno constitui interesse no presente trabalho, pois foi neste momento que o colecionismo adquiriu características diferenciadas e mais estruturadas. O Brasil, como outros países da América Latina, são influenciados pela cultura de seus colonizadores e, assim, expressa o desejo de exteriorizar o seu prestígio social e econômico, reproduzindo os costumes e tradições desses países colonizadores; as regiões do interior do Brasil acompanham a mesma tradição das grandes cidades como meio de se equiparar em termos de nível social.

Cícero Antônio Fonseca de Almeida, nos Anais do Museu Histórico Nacional apresenta o artigo sobre: O “Colecionismo Ilustrado” na Gênese dos Museus Contemporâneos. “Colecionar” significa juntar, reunir. A coleção seria do agrupamento de objetos que, ao serem colecionados, são retirados de sua função usual, ganhando uma nova posição dentro do mundo e que independente de seu uso anterior, numa coleção eles são protegidos, guardados e cuidados, para deleite e exibição, ganhando assim um novo significado. Os objetos passam a não mais serem utilizados, eles são “possuídos” por alguém, o colecionador, formando um sistema de estatuto próprio, não que eles deixem de ter função, eles se tornam decorativos e passam a ter um papel específico em seu sistema próprio (ALMEIDA, 2001).

A realidade brasileira aponta como marco do colecionismo, a transferência da coleção particular de Dom João VI para o Museu Nacional e, mais tarde, para o Museu de Belas Artes⁸. No início do século XX, o colecionismo era caracterizado por interesses científicos e, com este intuito, vão formando as coleções do tipo etnográfico, antropológico e, também, formam coleções para exaltar personagens e fatos históricos representativos da elite. Podemos, então, caracterizar como marco inicial da criação de museus no Brasil, o colecionismo

⁸ Criado oficialmente em 13 de janeiro de 1937.

científico. Tal fato pode ser inserido no contexto das mudanças ocasionadas pelas transformações econômicas, políticas e ideológicas que desencadearam a formação de uma consciência nacional, onde os objetos museais ganham um sentido histórico e cultural que irão determinar a identidade da Nação.

Sobre Coleccionismo torna-se importante apresentar a nossa realidade, em termos de iniciativas para a preservação da história, não apenas por meio da guarda de objetos pedagógicos e educacionais, dos quais temos como exemplo, os memorialistas Anchieta Mont'Alverne⁹, Renato Casimiro¹⁰, Daniel Walker, Raimundo Araújo¹¹, entre outros que sempre cultivaram o hábito de guardar a nossa história por meio de fotografias e documentos, construindo grandes arquivos pessoais. Fato que evidencia a falta de iniciativa dos poderes públicos para a salvaguarda destes documentos; mesmo tendo sido instalado na cidade os Museus do Padre Cícero, o Memorial Padre Cícero e outros centros culturais, os objetos que contam a nossa história, até os dias de hoje, ainda fazem parte de coleções particulares.

Acreditamos na importância da criação de outros museus que deveriam ser criados e mantidos pelo Estado ou Município, como é o caso da SMAXO, que constitui um avanço neste setor, mesmo que ainda de forma embrionária e de iniciativa dos próprios professores.

2.2 O museu como processo civilizador

Podemos visualizar os museus como sendo uma instituição civilizadora e formadora da cultura, no instante em que a observamos como fonte central de conhecimento, lugar de conexões entre o saber e a sociedade; também como espaços depositários de valores culturais, de ideias e de modelos de representação que se manifestam como processo civilizador em mecanismos de integração social, como entendemos no pensamento de Norbert Elias, porém, também é relevante, para a compreensão do processo civilizador.

[...] percebermos a força irresistível com a qual uma estrutura social determina, uma forma particular de entrelaçamento social, orienta-se, impelida por suas tensões, para uma mudança específica e, assim, para outras formas de entrelaçamento, é que poderemos compreender como essas mudanças surgem na mentalidade humana, na modelação do maleável aparato psicológico, como se pode observar repetidas vezes na história humana, desde os tempos mais remotos até o presente. (ELIAS, 1993, p. 195).

⁹ Pesquisador e cronista local

¹⁰ Professor aposentado da UFC. Pesquisador e escritor.

¹¹ Historiador e escritor.

Entendemos que o autor coloca a civilização como um processo histórico, mantido de forma autônoma pela forma de organização da própria sociedade, e que as mudanças acontecem embaladas pela forma como as pessoas se vêem obrigadas a conviver.

O Museu Vilas Nova Portugal foi, portanto, uma narrativa da cultura científica e civilizatória representativa do período de sua criação, nos anos de 1934; os objetos expostos reproduziam as experiências que mudaram a percepção da natureza e da compreensão de mundo, bem como, os interesses e curiosidades dos cientistas e dos indivíduos comuns, transformando-se numa narrativa histórica.

Benjamin (1994) diz que a narrativa histórica, como meio de representação, organiza a percepção humana e a forma de concepção da realidade, inter-relacionando experimentos de vários tempos, numa transmissão de uma tradição cultural. Para além do que fala Foucault (2007), o museu e a biblioteca são *heterotopias* ligadas à acumulação.

Nesta perspectiva, apresentamos a ENRJN e a SMAXO como sendo a memória de uma conquista que reflete a supremacia do conhecimento conquistado por uma população aparentemente desprovida dos recursos intelectuais necessários para o próprio desenvolvimento. Conforme os autores (CANCLINI, 1983; CASTELLS, 2007), o retorno às referências locais seria um dos processos da globalização, um meio de resistência das populações diante da fusão de códigos externos. “Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história.” (NORA, 1993, p. 8). Essa afirmação indica que, mesmo os lugares de existência mais profanos, ao serem eleitos individual ou coletivamente como lugares de memória, ganham um estatuto de “sagrado”, na medida em que conseguem estabelecer vínculos entre o tempo passado e tempo presente.

Apresentamos a história do desenvolvimento dos museus de ciência, voltados especialmente para a função educativa por eles desempenhado na “modernidade”, procurando refletir sobre o seu lugar no sistema educativo e cultural brasileiro, para então encontrar os museus cearenses neste contexto de educação. Assim, observarmos o seu potencial de articulação entre educação civilizadora, produção de conhecimento, bem como compromisso histórico e social com as memórias. Discutiremos, então, o papel dessas instituições museais no Estado do Ceará para encontrar a sua historicidade e função educativa, na busca de achar elementos comparativos entre museus como espaço educativo civilizador e preservação de patrimônio entrelaçado com a construção e valorização da memória local. Assim, buscamos os caminhos que levariam a analisar a dimensão educativa destes museus.

A perspectiva da pesquisa histórica atual lança o pesquisador em um caminho cada vez mais permeado de sensibilidades e singularidades, para que ele possa compreender as diferentes práticas institucionais, constituídas nesse campo, que é o da História e o da Educação. Surge, então, a nova história e com ela a necessidade de focalizar o seu interesse, contemplando todos os homens, para além dos grandes homens e grandes eventos políticos.

A escassez de fontes para dar conta da história do fazer educativo em Juazeiro do Norte ainda é, de um modo geral, impactante para a realização de pesquisas científicas sobre a educação e sua história. Podemos discutir a relevância histórica, cultural e educacional da criação da SMAXO, ora em evidência. Para tanto, abordamos os pressupostos teóricos e os desafios que levariam a perceber a circularidade de cultura entre o Brasil e a Europa, por meio do pensamento educacional e sua capacidade transformadora, onde visualizamos a raiz de criação dos museus como instituição educativa civilizadora.

As reflexões sobre o universo museal no Brasil tiveram o objetivo de apresentar a forma como se organizou o colecionismo na transição para a Instituição Museu. Desta forma, podemos sintetizar os fatores que definem quanto ao tipo e variedade de seus objetos, a tipologia de museus englobando o interesse e objetivos das instituições, bem como, o seu relacionamento junto ao público no Ceará e, posteriormente, na região do Cariri.

A despeito do progresso material que o Ceará passou a desfrutar, na virada do século XIX para o XX, a primeira instituição museológica oficial, mantida integralmente pelo governo estadual, foi fundada apenas em 1932, sendo franqueada ao público no ano seguinte, em Fortaleza. O Museu Histórico do Ceará, como foi nomeado, ocupava duas salas do também recém-criado Arquivo Público do Estado, sob a direção do intelectual Eusébio Néri Alves de Souza, que exerceu o pioneirismo de tal cargo, no período de 1932 a 1943. Ao contrário de seus antecessores, o foco das atenções do Museu Histórico desviou-se do estudo das Ciências Naturais, direcionando-se prioritariamente para a coleta, classificação e exposição de objetos que possibilitassem '[...] o conhecimento da história pátria, especialmente do Ceará, bem como o culto das nossas tradições'. (HOLANDA, 2004, p. 63).

É válido lembrar que o conceito de Patrimônio Cultural caminhou junto com a criação de museus em sua evolução. Os museus surgiram a partir do conceito de colecionismo, como falamos anteriormente, entre os séculos XVI e XVII, e por muitos anos tiveram a preocupação de apenas coletar e expor acervos, em áreas de exposição nem sempre adequadas, sem nenhuma técnica específica para a conservação preventiva de seus objetos. Acredita-se que não havia um tratamento especializado para conservação, como temos hoje, no que se refere a acondicionamento de acervos; embora ainda encontremos práticas realizadas sem o mínimo de instrução adequada. Vejamos no quadro abaixo a evolução e expansão do

coleccionismo, por meio da criação de museus, para em um segundo momento, possibilitar a análise dos museus em estudo, no intuito de encontrá-los ou não dentro destas características.

Quadro 1 – Museus no Brasil – séculos XIX e XX

Museu Nacional do Rio de Janeiro	1818
Museu do Exército	1864
Museu Emílio Goeldi	1866
Museu da Marinha	1868
Museu de Ouro Preto	1876
Museu Paulista	1892

Fonte: Elaboração própria.

Vale lembrar que alguns museus foram criados por instituições universitárias, como é o caso do Museu Geográfico e Geológico de São Paulo e do Museu de Belas Artes.

O início do século XX é envolvido pelas ideais de conhecimento e ciência originadas do Positivismo, corrente filosófica que surgiu por volta da primeira metade do século XIX através de Auguste Comte¹². O Positivismo se originou do "Cientificismo", isto é, da crença no poder absoluto da razão humana para conhecer a realidade e explicá-la sob a forma de leis naturais. Essas leis seriam a base da regulamentação da vida do homem, da natureza como um todo e do próprio universo. Seu conhecimento pretendia substituir as explicações teológicas, filosóficas e de senso comum, por meio das quais o homem explicava e conduzia a própria vida. Augusto Comte estava preocupado com os problemas de sua época e assim, por meio da educação, ele acreditava ser possível superar o espírito revolucionário que tomava conta da sociedade europeia.

No pensamento de Émile Durkheim (1978), a educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social, portanto, para ele a escola é o espaço onde os mais velhos realizam uma transmissão de experiências e de conhecimentos sobre os mais novos, como preparação para a vida em sociedade, baseada nas necessidades de cada época e nos ideais de homens que cada sociedade abriga.

Novas preocupações teóricas e políticas passaram a nortear as pesquisas educacionais; citamos, por exemplo, as contribuições de Pierre Bourdieu (2003), que juntamente com outros autores, como Michael Foucault, construíram correntes teóricas mais flexíveis para o entendimento das desigualdades sociais e educacionais, fazendo surgir novos temas e novas abordagens e, ao mesmo tempo, superar o olhar colonizador da prática educativa e, assim, chegarmos aos estudos culturais, caracterizados por uma abordagem política acerca dos

¹² Filósofo francês, fundador da Sociologia e do Positivismo, trabalhou intensamente na criação de uma filosofia positiva.

processos educativos e que vai além da crítica, rumo a uma transformação social (SILVA, 2002).

Percebemos que os museus foram se transformando e alcançou o público de um modo geral até o século XX, abrindo suas portas e saindo de uma condição de lugar de elite.

José Valladares (2010), no livro *Museus para o povo: um estudo sobre museus americanos*, ressalta a importância das bibliotecas nas instituições museológicas, apresentando a experiência americana de lidar com o público, na sua intenção de criar centros de “aprendizagem e de divulgação cultural”. Ao discutir o tema: museu e educação popular, mostra como o museu pode criar estratégias para servir à comunidade. Como o livro foi publicado na década de 1940 constituiu mais um elemento influenciador para que o museu saísse do seu “lugar de elite”.

Assim, o museu tornou-se mais acessível, tanto por meio de exposição quanto por intermédio do trabalho educativo. Resumidamente, podemos apresentar esta cronologia da seguinte forma: inicialmente os museus eram espaços de poder, integrados à aristocracia e à igreja, nos quais a presença do divino e do poder estava representada nas coleções; em seguida, no século XVII, estas instituições, agora tornadas públicas, exaltam as descobertas e seus descobridores: a Ciência é poder por si mesma e o conhecimento é restrito à intelectualidade. Passa a fazer parte da cultura europeia.

No Brasil, o projeto de salvaguardar o patrimônio cultural nacional teve, também, a importante contribuição do príncipe Maurício de Nassau, Governador-Geral do Brasil durante a invasão holandesa (1637-1644). Ele organizou junto ao palácio de Friburgo, um museu zoobotânico e um observatório astronômico. Era um espaço reservado para a exposição de uma grande variedade de exemplares da flora e da fauna nativas. Este acervo tornou-se fonte de pesquisa para a elaboração dos primeiros tratados científicos sobre a natureza brasileira (CHAGAS, 1996). Portanto, os Museus de Ciência e Técnica, nos séculos XVIII e XIX, constituíram importante aliado para o estudo e difusão do conhecimento.

No século XVIII, intelectuais, inspirados pelo espírito enciclopedista, conclamavam pela necessidade de colocar as coleções ‘a serviço da educação do povo’ como suporte de demonstração, estudo e difusão. Nesse contexto, o Estado deveria ser o ‘tutor’ de todo o patrimônio, voltado para a ‘história nacional’ e a ‘instrução’. (VALENTE, 2003, p. 32).

Mesmo com todos os avanços alcançados em torno da preservação do patrimônio nacional, a historiografia apresenta críticas quanto ao colecionismo e seleção de objetos museais, empreendidos pelo conde holandês Maurício de Nassau, crítica esta feita pelo vice-

rei do Brasil, por meio de carta escrita em 5 de abril de 1742. Assim, a história que envolve o conceito de patrimônio cultural deve ser avaliada dentro do movimento “Modernista”, quando a preservação do patrimônio encontra-se entrelaçada à história política do país. Desta forma, podemos destacar fatos que foram marcantes, tais como, a Semana de Arte Moderna, o Estado Novo e a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Esta instituição foi criada por um Projeto de Lei elaborado por Rodrigo Melo Franco de Andrade, sob o Decreto-Lei nº 25/37; este decreto também regulamentou a política de tombamento como forma de proteger o patrimônio histórico nacional.

Precisamos lembrar que as transformações sociais que vinham se desenvolvendo desde o final dos anos de 1970 e a promulgação da nova Constituição Brasileira, constituem também, importantes elementos de interferência em questões patrimoniais, visto que a defesa do patrimônio social, bem como a própria história do Brasil, traziam sempre de forma marcante um conceito elitista. Desta forma, o conceito de Patrimônio Cultural conduz ao entendimento de uma nova elaboração deste conceito, e que se encontra resumido da seguinte forma:

[...] um marco considerável na construção do atual conceito de patrimônio cultural, uma vez que as forças dos partidos de esquerda, dos grupos de intelectuais e dos órgãos da cultura juntaram-se para construir um conceito de patrimônio cultural de conteúdo mais dinâmico, mais vivo, mais popular e, acima de tudo, que favorecesse o exercício da cidadania, processo que vinha sendo construído desde os anos 70. Na abordagem da evolução do conceito de patrimônio cultural, inicialmente, se detecta a existência do conceito fechado de patrimônio cultural, motivadas por variadas circunstâncias a saber: a política do Estado Novo, época da criação do SPHAN [...]; a condução do SPHAN durante várias décadas, sob a influência pessoal de Rodrigo Melo Franco de Andrade e a consagração de obras e monumentos que diziam respeito apenas a história pertinente a elite. Mais recentemente a partir dos movimentos sociais e políticos da década de 60 do século passado, dá-se a construção de novo conceito de patrimônio cultural que, como afirmou Magalhães, ocorria de ‘baixo para cima’. (RODRIGUES, 2006, p. 11).

Do século XVIII até os dias atuais, com a Revolução Industrial e o início de uma cultura democrática, os museus passam a representar um espaço onde estão expostas não apenas as grandes edificações humanas, mas, também, a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira e, ainda, à preservação da identidade coletiva. Na Constituição Brasileira de 1988, artigo 216, seção II – DA CULTURA:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – As formas de expressão; II – Os modos de criar, fazer e viver; III – As criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 2012, p. 103).

Os museus escolares surgem no Brasil, em meio a um contexto de debates e valorização de ações relativas à educação, na perspectiva de afirmação de uma identidade nacional, por meio, entre outros, do Patrimônio Cultural. Para isso, pretende-se compreender o museu escolar em sua materialidade e intencionalidade. Norbert Elias (1993) fala sobre *processo civilizatório*, baseando-se principalmente em livros de boas maneiras, além de pinturas, literaturas e documentos históricos. O autor apresenta, entre outras questões, uma história dos costumes, analisando o desenvolvimento dos diferentes conceitos de cultura e civilização em alguns países da Europa. Posteriormente, explora a *civilidade* como transformação dos costumes, que vai desde as mudanças nos costumes das pessoas à mesa, no momento das refeições, em relação às funções corporais, até o comportamento no quarto de dormir ou no controle da agressividade.

Sobre memória e história Pierre Nora esclarece:

Aceleração: o que o fenômeno acaba de nos revelar bruscamente, é toda a distância entre a memória verdadeira, social, intocada, aquela cujas sociedades ditas primitivas ou arcaicas, representaram o modelo e guardaram consigo o segredo – e a história que é o que nossas sociedades condenadas ao esquecimento fazem do passado, porque levadas pela mudança. Entre uma memória integrada, ditatorial e inconsciente de si mesma, organizadora e toda poderosa, espontaneamente atualizadora, uma memória sem passado que reconduz eternamente a herança, conduzindo o antigamente dos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis, das origens e do mito – e a nossa, que só é história, vestígio, trilha. Distância que só se aprofundou à medida em que os homens foram reconhecidos como seu um poder e mesmo um dever de mudança, sobretudo a partir dos tempos modernos. Distância que chega hoje, num ponto convulsivo. (NORA, 1993, p. 8).

O sociólogo Maurice Halbwachs, no livro: *A memória coletiva*, escrito em 1949, apresenta uma diferença entre história e memória; suas reflexões poderiam ser sintetizadas da seguinte forma: a memória coletiva ou social não pode se confundir com a história. Ao contrário, a história, na sua leitura, começa justamente onde a memória acaba e a memória acaba quando não tem mais como suporte um grupo. Em outras palavras, a memória é sempre vivida, física ou afetivamente. No instante em que o grupo desaparece, é a única forma de salvar as lembranças, que para os grupos existentes são exteriores (HALBWACHS, 2013).

Como observamos em Juazeiro do Norte, a materialização da memória social dentro do jogo político da evolução e expansão dos museus, ainda faz parte de uma tradição clássica de produtores de arquivo, como acentua Nora (1993, p. 15): “Nos tempos clássicos, os três grandes produtores de arquivos reduzem-se às grandes famílias, à igreja e ao Estado”.

Na cidade em estudo, estas fontes históricas, guardadas ou elaboradas por cronistas locais, algumas escolas e pela Diocese do Crato, entre outros, têm se constituído em importante fonte para a reconstituição da história desta cidade. Esta constitui uma forma de ir além das

fontes documentais oficiais, em busca das subjetividades dos relatos históricos adquiridos, também, por meio da memória. Desta forma, a história do Ceará e, não de forma diferente, a história da região do Cariri, vem sendo contada ao longo destes anos com base nestas fontes. Tem-se também recorrido, com bastante frequência, às fontes orais.

Segundo Oliveira (1984, p. 137), os historiadores do Instituto Histórico do Ceará se colocaram em um lugar de “poder de fala e escrita”, como detentores das verdades históricas sobre o Ceará. Conhecendo os conflitos que se apresentam na história sobre a relação entre o Juazeiro do Norte e a capital cearense, torna-se bastante duvidoso esse monopólio da história. Como aponta o autor, o Ceará teve uma ação periférica em torno da ascensão da República Velha, justificando essa necessidade de se impor verticalmente sobre a pequena cidade do interior, que se fazia apresentar no cenário nacional, como um lugar onde um “padre fez um milagre”, acontecimento este que ia de encontro aos ideais de processo evolutivo e de iluminismo intelectual, no momento em que os historiadores tratavam de formar uma “ideia de Pátria Cearense” adotando e fazendo adaptações para se inserir no conjunto nacional de forças políticas, sob influência das diretrizes simbólicas dos ideais republicanos:

Re-significar o Ceará para o conjunto da nacionalidade foi tarefa desse estudo historiográfico. Para o conjunto desses intelectuais, tomados do impulso ufanista de definição dos rumos modernizantes republicanos, o ideal positivista da pátria foi uma inspiração. [...]. Se apresentava particularmente afinado com as novas representações do poder que procuravam imprimir: vitórias e derrotas do passado figuravam assim como uma leitura justificada dos valores patrióticos republicanos. Culto cívico da Pátria e do passado cearense foi uma manifestação desse deslocamento da verdade histórica. (OLIVEIRA, 1984, p. 137).

Aqui entendemos que a história pode ser vista como uma construção, um discurso, assim, a historicidade em museus aparece pelo fato de expor objetos e que a função museológica consiste em expor ao público as possibilidades variadas de leituras, para que desta ação emane uma reflexão crítica para formar novos pontos de vista históricos, que ultrapassam o ato mecânico de “conhecer”. Como nos lembra Barros (2008, p. 141), para Foucault a história também é a história do historiador:

[...] chama a atenção para a necessidade de uma ampliação da noção do discurso. Para além da ciência, da literatura e dos objetos culturais produzidos pelos sistemas de pensamento em suas formas mais explícitas, o corpo, a sexualidade, a loucura, a economia e o Estado são eles mesmos discursos.

A evolução dos museus que apresentamos traz a construção de uma narrativa a partir da seleção dos objetos de colecionadores e da forma como estes foram organizadas em cada

espaço de exibição, até chegar à instituição museu, como um órgão educativo, formalmente organizado para esta finalidade.

Na concepção de Libâneo (2004, p. 88), educação formal:

[...] São atividades educativas formais também a educação de adultos, a educação sindical, a educação profissional desde que nelas estejam presentes a intencionalidade, a sistematicidade e condições previamente preparadas, atributos que caracterizam um trabalho pedagógico-didático, ainda que realizadas fora do marco escolar propriamente dito.

A partir de então podemos encontrar o papel educativo civilizatório dos museus nos contextos históricos aqui definidos ao longo do texto, e suas intencionalidades como espaço educativo autônomo. Para tanto, utilizaremos como fonte as reflexões sobre museu, educação e história, elaboradas por Regis Lopes Ramos. Daremos atenção inicial aos Museus de História Natural, pelo objetivo que tinham de acompanhar os avanços alcançados pela Ciência Moderna e, com este propósito, os objetos e utensílios expostos eram encarregados de exibir, para estudo e valorização, as espécies do mundo animal, vegetal e mineral. Sempre contendo intencionalidades, os objetos museais visam estabelecer algum tipo de diálogo com o público a que se destinam. Para Ramos (2004, p. 20):

Atualmente, os debates sobre o papel educativo do museu afirmam que o objetivo não é mais a celebração de personagens ou a classificação enciclopédica da natureza, e sim a reflexão crítica. Se antes os objetos eram contemplados, ou analisados, dentro da suposta ‘neutralidade científica’, agora devem ser interpretados.

Cristina Rodrigues Holanda ressalta a preocupação com o resgate da história pátria em relação com a criação do Museu Histórico do Ceará, apresentando-o como uma ação de intervenção sistemática do Estado brasileiro na área cultural, logo depois de propalada a “Revolução de 1930”. Acerca dessa questão, Barbalho (1998 *apud* HOLANDA, 2004, p. 34) afirma que:

[...] o nacionalismo predominante antes de 1930 [era] ‘retórico’ ou ‘literário’ em contraponto àquele praticado pelo novo regime, denominado como ‘nacionalismo como política de Estado’. Não se pode negar que a fundação do Museu Histórico do Ceará, marcada pelo ineditismo do aparato do governo estadual, na gestão do Interventor Carneiro de Mendonça, está inserida neste contexto de investimentos de recursos públicos na criação de espaços simbólicos, nos anos 30, onde os intelectuais e os artistas pudessem pensar e trabalhar em prol da consolidação da história nacional e da cultura brasileira.

Em um estudo recente, realizado pelo Instituto Brasileiro de Museus, sobre a função social e educativa de arquivos, bibliotecas e museus, destaca que estas são instituições originadas da ideia de preservação de objetos que foram desenvolvidas ao longo dos séculos

por diversas civilizações desde a Antiguidade. O Coleccionismo desenvolvido faz surgir a necessidade de desenvolver técnicas de armazenamento, organização de documentos e coleções. São os museus e bibliotecas os principais responsáveis pelo desenvolvimento de “[...] técnicas, métodos e saberes próprios, fundamentais para o delineamento dos perfis epistemológicos das áreas e dos seus contornos institucionais.” (IBRAM, 2011, p. 154).

Nesse cenário, foram criados arquivos, bibliotecas e museus de caráter público, e de abrangência nacional, que tiveram papel fundamental na construção e valorização das identidades coletivas. [...] No Brasil, o processo análogo ocorreu na criação do Museu Histórico Nacional. O Decreto nº 15.596, de 2 de agosto de 1922, que estabelece o Museu e aprova seu regulamento, ressalta no Artigo 2, Parágrafo 2º: ‘Serão anexadas à 1ª secção uma bibliotheca especial de história universal, particularmente do Brasil, e de archeologia e historia da arte, e à 2ª uma bibliotheca especial de numismatica, sigillographia e philatelia (*sic*)’. (IBRAM, 2011, p. 154).

Apresentamos as características gerais e tipologias de museus, de acordo com o Cadastro Nacional de Museus, realizado em setembro de 2010. Em conformidade com o IBRAM (2011), existe um crescimento expressivo do número de museus inaugurados, sobretudo nas três últimas décadas. Existem, hoje, cinco vezes mais museus no Brasil do que havia na década de 1970 e duas vezes mais que no início da década de 1990. Apresentamos abaixo os museus cadastrados que foram fundados até o ano de 1900.

Quadro 2 – Museus no Brasil até 1900

Nome do Museu	Cidade (UF)	Ano de Criação
Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro – RJ	1808
Museu Nacional	Rio de Janeiro – RJ	1818
Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	Rio de Janeiro – RJ	1838
Museu do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambucano	Recife – PE	1862
Museu Paraense Emílio Goeldi	Belém – PA	1866
Museu Naval	Rio de Janeiro – RJ	1868
Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas	Maceió – AL	1869
Museu Paranaense	Curitiba – PR	1874
Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto	Ouro Preto – MG	1876
Museu Inaldo de Lyra Neves	Manta Rio de Janeiro – RJ	1889
Museu de Numismática Bernardo Ramos	Manaus – AM	1900

Fonte: Cadastro Nacional de Museus – IBRAM (2010).

A função social e educativa de museus no Ceará, na concepção de Cristina Holanda, ganha visibilidade por meio de publicações como: relatório, boletins, jornais, entre outros; estes documentos podem ser analisados como indicadores de um processo de inclusão e exclusão de objetos que demarcam o que deve ser lembrado:

[...] das concepções de Eusébio de Sousa acerca das funções de um museu histórico, na medida em que ele colocava em relevo apenas o que considerava digno de pesquisa ou menção. Em geral, são objetos que evocam e celebram os eventos, instituições e pessoas que no passado teriam contribuído de diversas maneiras (política, militar, culturalmente, etc.) para constituição e o engrandecimento do Ceará e da nação brasileira, cujas origens estariam atreladas à colonização portuguesa católica.

Sem evidenciar os conflitos étnicos oriundos desse processo colonizador, apresentando o indígena como um ancestral muito distante, várias peças também atestariam o grau de civilização e refinamento que os cearenses teriam conquistado na sua aproximação com a Europa, sobretudo na época do Império, quando o Brasil vai ganhando os contornos de um país soberano. (HOLANDA, 2004, p. 82).

Neste diálogo, Ramos (2004) alerta para uma questão relevante, dizendo que nenhum *museu é inocente*, portanto, neste espaço o visitante deve assumir uma postura crítica diante do objeto exposto, pois o objetivo não é mais a celebração de personagens ou a classificação enciclopédica da natureza, dentro de uma suposta neutralidade, como vimos anteriormente.

[...] Mudam, portanto, os ‘argumentos museais’, e entra em voga a discussão sobre as tensões entre o ‘museu-templo’ e o ‘museu-fórum’ termos que ficaram no vocabulário museológico a partir das considerações de Duncan Cameron [...] no início dos anos setenta [...]. Conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente. Mostrando relações historicamente fundamentadas entre objetos atuais e de outros tempos, o museu ganha substância educativa, pois a relação entre o que passou, o que está passando e o que pode passar. (RAMOS, 2004, p. 21).

Tais considerações são relevantes para perceber como os documentos são simultaneamente *monumentos*, produtos de uma sociedade que os fabrica e dita as suas condições de conservação ou de destruição, segundo os interesses e a correlação de forças de um dado momento.

Le Goff (2003) e Ramos (2004) discorrem acerca da intencionalidade dos indivíduos ao criar os museus e selecionar os objetos e documentos de um acervo e indicam o que deve fazer parte da memória social. Também é essencial para percebermos, neste processo, quem fala e o lugar de onde fala, como se encontram historicamente condicionados.

Não podemos ter uma memória pela metade, excluindo relevantes grupos sociais, negando-lhes o direito à memória em favor do orgulho e da ganância dos grupos no poder,

escamoteando os rastros dos conflitos e das contradições que elas carregam. O novo conceito de Patrimônio Cultural traz avanços nesta questão, quando identifica:

Tem-se, na verdade, um patrimônio cultural com sentido de universalidade. [...] modo de preservar os valores das tradições, da experiência histórica e da inventividade artística – compreende o patrimônio cultural nacional, integrado pelos bens de interesse nacional; o patrimônio estadual integrado pelos bens culturais de interesse apenas do Estado interessado; o patrimônio cultural municipal de interesse de cada município que o tenha formado. Nesse sentido é que se deve compreender o conceito legal de patrimônio entendido como um todo orgânico, cuja unidade expressa a identidade do país e cuja significação é tanto maior quanto o sentido do povo em relação a sua cidadania. (RODRIGUES, 2006, p. 11).

Alguns museus do Ceará, que foram criados dentro do contexto histórico de ideais da “Escola Nova”, bem como, a mudança de enfoque, destacam a função educativa por eles hoje desempenhada.

Quadro 3 – Museus no Ceará

Nome do Museu	Cidade (UF)	Ano de Criação
Museu de História do Ceará / Centro da Memória da SEFAZ	Fortaleza – CE	1932
Cento de Preservação da História Ferroviária do Ceará	Fortaleza – CE	1982
Memorial do Poder Judiciário do Estado do Ceará	Fortaleza – CE	1996
Memorial da Justiça do Trabalho do Ceará	Fortaleza – CE	1939
Museu Mini Siará	Fortaleza – CE	2010
Mini Museu Firmeza	Mondubim – CE	1969
Museu da Loucura	Parangaba – CE	1996
Museu da Escrita	Fortaleza – CE	2012
Museu General Sampaio	Fortaleza – CE	1998
Museu de Tecnologia de Combate à Seca	Fortaleza – CE	1985

Fonte: Museus... (2014).

Faz-se necessário destacar ainda que os museus foram ganhando espaço na cultura de diversas cidade do interior do Ceará, vejamos a lista de municípios do interior cearense que possuem museus: Apuiarés, Aquiraz, Aracati, Assaré, Baturité, Beberibe, Bela Cruz, Boa Viagem, Canindé, Capistrano, Caridade, Cariré, Caririçu, Catunda, Caucaia, Crato, Cruz, Eusébio, Granja, Groáiras, Ibiapina, Iguatu, Independência, Itapipoca, Itarema, Jaguaratama, Jardim, Jijoca de Jericoacara, Juazeiro do Norte, Crato, Limoeiro do Norte, Maranguape, Morada Nova, Nova Olinda, Nova Russas, Orós, Pacatuba, Pacujá, Pedra Branca, Pentecoste, Quixadá, Quixelô, Quixerambim, Rendenção, Russas, Santa Quitéria, Santana do Cariri, Senador Pompeu, Sobral, Tauá, Tejuçuoca, Tianguá, Ubajara, Uruburetama e Viçosa do Ceará.

De acordo com o IBRAM, atualmente os museus contam com uma *Associações de Amigos*. São organizações sem fins lucrativos, de direito privado e de utilidade pública, seu objetivo é a divulgação das instituições museológicas, por meio da capacitação e recursos financeiros que permitam auxiliá-las na gestão de projetos em parceria com a sociedade civil. Verifica-se que cerca de 20% dos museus cadastrados em todo o País possuem associação de amigos ou outra organização de apoio. Esta é uma característica dos novos tempos e que tem relação com o contexto histórico dos anos de 1980, que trazem uma redefinição do Estado Democrático de Direito que também, atribuiu novo sentido ao conceito de cidadania, o exercício da cidadania apresenta uma participação maior da sociedade civil na esfera pública.

O grupo de professores voluntários que se reuniram para criar a SMAXO em Juazeiro do Norte é um exemplo da participação dos indivíduos na conservação da *memória cultural*, fato que caracteriza um espaço em que o público e o privado podem se unir para a preservação do patrimônio cultural.

Portanto, o acervo dos museus historicamente se constituíram de coleções, como falamos anteriormente, onde são reunidos os bens culturais, para posteriormente, serem organizados e preservados em espaços seguros e com acesso ao público de um modo geral. O acervo considerado neste estudo que abrange o MVNP e a SMAXO, ambos situados na ENRJN, mesmo que em períodos históricos distintos, são representativos das demandas sociais, culturais e educativas de seus tempos. Portanto, a discussão e reflexão sobre o acervo dos referidos museus nos encaminha para utilizar como referência a concepção de bens culturais relacionados ao conceito de museu, como se apresenta no Estatuto de Museus, promulgado pela Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. A lei estabelece em seu artigo 1º que:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009, p. 1).¹³

Por ser amplo e diversificado o campo de pesquisa sobre patrimônio material e imaterial, queremos ressaltar que a classificação abaixo é um meio para reduzir os problemas advindos da necessidade de uma classificação, mas que um museu, dependendo do seu acervo, pode ser enquadrado em mais de uma temática.

¹³ O Ministério da Cultura (MinC), criou o Instituto Brasileiro de Museus. O IBRAM é o órgão encarregado de estabelecer a Política Nacional de Museus, conforme dispõe a Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009. Além da criação de uma instituição específica para a área museológica, foi promulgada, também, a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que “Institui o Estatuto dos Museus e dá outras providências”.

Os bens culturais que compõem os acervos dos museus foram classificados no Estatuto dos Museus, de acordo com as suas coleções. O *Museu de Ciência e História Natural* expõe bens culturais relacionados à Biologia, Botânica, Genética, Zoologia, Ecologia, Geologia, Mineralogia e Oceanografia; *Museu Antropológico e Etnográfico*, quando o acervo está direcionado para as diversas etnias, para o estudo antropológico e social das diferentes culturas, por exemplo: acervos folclóricos, artes e tradições populares, indígenas, afro-brasileiras, do homem americano, do homem do sertão, entre outros; *Museu Arqueológico*, quando exhibe coleções contendo bens culturais, portadores de valor histórico e artístico; O *Museu de Artes Visuais*, apresenta coleções de pinturas, esculturas, gravuras, desenhos, Arte Sacra e Artes Aplicadas (porcelana, cristais, prataria, mobiliário, tapeçaria, etc.).

Nesta classificação inclui, também, o *Museu de Ciência e Tecnologia*, que apresenta bens culturais relacionados à evolução da *História da ciência e da técnica*; o *Museu de história*, com as suas coleções que mostram acontecimentos históricos; o *Museu da imagem e do som*, contendo documentos sonoros, videográficos, filmográficos e fotográficos; o *Museu virtual*, onde exhibe bens culturais que se apresentam mediados pela tecnologia de interação cibernética; os *Museus biblioteconômicos*, onde estão arquivadas para exibição as publicações impressas, tais como: livros, periódicos, monografias, teses, entre outras; o *Documental*, que apresenta um reduzido número de documentos manuscritos, impressos ou eletrônicos, organizados a partir de uma temática; e o *Museu Arquivístico*, que representa um conjunto de documentos acumulados por pessoas ou instituições, públicas ou privadas, independentemente do suporte (IBRAM, 2011).

Esta organização e classificação de museus deve incluir, dependendo da intenção dos pesquisadores, os *museus de educação*, que poderão ser enquadrados em algumas destas tipologias; vale salientar que os mesmos não são menos importantes em termos de preservação da memória e de construção do conhecimento.

Percebemos que existe, na atualidade, grande investimento em políticas relativas ao resgate da cultura popular e da educação patrimonial, entre outras de saber populista, o que se deve cuidar é para não transformar em mercadoria o que seria o nosso direito de ter uma história crítica. É neste sentido que Francisco Regis Lopes Ramos apresenta uma inestimável contribuição sobre política patrimonial e museológica, defendendo a seguinte proposta:

[...] não se ancora na preservação de uma suposta identidade cultural ou do resgate do nosso passado, e sim no direito à diversidade histórica, o direito à multiplicidade das memórias como pressuposto básico para a construção de um potencial crítico diante da nossa própria historicidade. Assim, a preservação tem o intuito de dar a todos o direito de saborear a diferença, de perscrutar as marcas de outros tempos,

criando em nós a consciência de que somos seres historicamente construídos. Se vamos apagando a materialidade do pretérito, que está, por exemplo, na própria configuração urbana, vamos esvaziando o jogo do tempo, aniquilando o processo educativo de entrar em contato com o tanto de experiência vivida que pode ser encontrada no mundo dos objetos. (RAMOS, 2004, p. 81).

O autor propõe estudar a cultura partindo de sua relação conflituosa, para iniciar um diálogo com o passado, buscar meios de interpretação, fugindo da linha saudosista ou da mera ação contra o esquecimento.

De acordo com informações obtidas em livros e em sites da *Internet* elaboramos o quadro abaixo, que representa alguns dos museus da região do Cariri. Estes museus exibem exposições temáticas permanentes sobre os mais diversos assuntos, como os poderes constituídos, as lutas e revoltas populares, a religiosidade, a produção intelectual e a memória da educação escolar.

Quadro 4 – Museus no Cariri

Nome do Museu	Cidade/UF	Ano de Criação
Museu Vivo do Padre Cícero	Juazeiro do Norte – CE	1999
Museu da Fundação Memorial Padre Cícero	Juazeiro do Norte – CE	1988
Museu Cívico Religioso Padre Cícero	Juazeiro do Norte – CE	1952
Museu do Vaqueiro	Morada Nova – CE	1985
Museu de Paleontologia da Universidade do Crato	Crato – CE	1988
Museu do Crato	Crato – CE	1958
Museu de História Natural da Universidade Regional do Cariri	Crato – CE	s/d
A Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri	Nova Olinda – CE	1992
Fundação Memorial Patativa do Assaré	Assaré – CE	1993
Museu de Paleontologia de Santana do Cariri	Santana do Cariri – CE	1985

Fonte: Elaboração própria.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n. 9.394/96), no seu art. 26, enfatiza que a parte diversificada dos currículos do ensino básico deve observar as características regionais e locais da cultura dessa sociedade, o que abre espaço para a construção de uma proposta de ensino voltada para a divulgação do acervo cultural dos Estados e municípios. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) introduziram a interdisciplinaridade na educação básica mediante a introdução dos chamados Temas Transversais (BRASIL, 1998), que deverão perpassar todas as disciplinas escolares, o que possibilita o estudo do Patrimônio Histórico, por consequência, desenvolver projetos de Educação Patrimonial.

Percebemos que a legislação educacional cria normas para que se efetive a educação patrimonial, a LDB e os PCN's dão suporte para que a escola vivencie experiências capazes de despertar nos alunos o interesse pelo conhecimento e pela preservação de nossos bens culturais. É dentro deste contexto atual da legislação educacional brasileira que encontramos espaço para a realização desta pesquisa, nos rumos de uma educação patrimonial, que ao que parece, elaborou suas políticas culturais em consonância com o Instituto Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), instituições que têm a responsabilidade de cuidar da preservação do patrimônio cultural. A parceria de educadores e profissionais das ciências humanas identifica certos princípios norteadores e legitima o reconhecimento e a apropriação dos bens culturais e, por conseguinte, multiplicam-se as iniciativas educacionais voltadas à preservação patrimonial. Tal fato constata que ao se adotar a expressão Educação Patrimonial, uma grande variedade de ações e projetos com concepções, métodos, práticas e objetivos pedagógicos distintos está sendo realizada por todo o país.

A Secretaria de Educação (SEDUC) defende que a Educação Patrimonial constitua-se de todos os processos educativos formais e não formais, que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais, em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para o seu reconhecimento, valorização e preservação. Contudo, no processo de criação da SMAXO, em 2008, não tivemos nenhum apoio da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE 19), fato que demonstra o desconhecimento da importância da educação patrimonial promovida, até pelo Governo Federal.

Seguindo os indicativos do Instituto Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), temos ainda os princípios norteadores da Educação Patrimonial: princípios e diretrizes conceituais, avaliações das práticas educativas voltadas à preservação do Patrimônio Cultural e, ao mesmo tempo, ampara-se em uma série de premissas conceituais. É imprescindível que toda ação educativa assegure a participação da comunidade na formulação, implementação e execução das atividades propostas.

Ramos faz relevantes interpretações sobre o museu e a sociedade, indicando os novos padrões de visibilidade para satisfazer a sociedade de consumo. Assim,

[...] é preciso ver o sentido em que essa espécie de veneração fetichista se refere sobretudo à Europa e aos Estados Unidos. No Brasil, há outras cores para este desenho conceitual. Desse modo, não adianta simplesmente importar as teorias do além-mar que discutem o interesse que as classes dominantes têm para conservar e glorificar suas memórias. Basta lembrar que, em nossas cidades, a regra é o pouco cuidado com o patrimônio edificado e um fascínio quase incontrolável diante do novo, uma vontade compulsiva de 'ser moderno'. Isso quer dizer que ao invés de

restaurar, a opção mais comum é a destruição. Uma dificuldade a mais, pois nem mesmo o tradicionalismo de conservação da memória dominante conseguiu grande êxito. (RAMOS, 2004, p. 77).

O que se faz necessário é uma construção coletiva do conhecimento, identificando a comunidade como produtora de saberes, que reconhece suas referências culturais inseridas em contextos de significados associados à memória social. Para tanto, é preciso que se promova uma educação transformadora e não reprodutora de informações, nos moldes educacionais designados por Freire (1987).

A discussão que se apresenta sobre Patrimônio Cultural nas escolas deixa clara a necessidade de resgatar a nossa história, especificamente quando nos referimos à história da antiga ENRJN; encontramos nos seus museus a possibilidade de demonstrar a forma como esta instituição pode influenciar para melhorar a relação da sociedade com suas heranças culturais, atribuindo-lhes à responsabilidade pela valorização e preservação do Patrimônio. Desta forma, o objetivo do museu ultrapassa as intenções iniciais de museu escolar como processo civilizador.

Destacamos que o IPHAN, desde o Movimento Modernista e a instauração do Estado Novo, vem atuando para a valorização e resgate do patrimônio cultural, por meio da educação, o que nos faz interrogar sobre a eficácia das políticas implementadas e o impacto por elas causado na sociedade, pois até os dias atuais observamos o desprezo pelo passado, especialmente por parte da juventude. Educar a juventude, por meio da difusão da cultura, segundo Mário de Andrade, politiza o indivíduo, forma uma consciência histórica e participativa na defesa de seu patrimônio cultural.

Juazeiro do Norte é uma cidade rica em história e patrimônio cultural, porém, pouco preservada em prédios históricos e, especificamente, no que se refere à memória escolar que vem se perdendo através dos tempos. Refletir sobre conhecimento patrimonial para disseminar a noção de Patrimônio Cultural é contribuir para seu entendimento e sua preservação. Teixeira alerta para a importância do envolvimento da população, no sentido de formar comissões e cobrar do poder público esta preservação.

Como o patrimônio cultural é definido por seu valor, faz-se necessário cuidar bem deste bem. O Governo não é o único responsável por isto a sociedade também deverá estar preocupada em preservar o patrimônio cultural, afinal estes valores referem-se, também, a nossa identidade. [...] Mas, para um bem cultural ser realmente preservado, este deve ser corretamente utilizado e estar ligado ao dia-a-dia das pessoas, pois esta é a melhor forma de garantir que este bem será cuidado. A comunidade deve conhecer o seu patrimônio e participar nas ações que buscam o sua proteção e valorização. Assim, estaremos agindo como verdadeiros cidadãos conscientes de que estes bens, que muitas vezes fazem parte de nosso cotidiano, devem ser preservados. (TEIXEIRA *et al.*, 2006, p. 14).

Parafrazeando a autora, o vocábulo Patrimônio refere-se, originalmente, à herança paterna, ou seja, aos bens materiais transmitidos de pai para filho. Daí o termo, ainda hoje, referir-se à herança familiar. A extensão do uso do termo como herança social aparece na França pós-Revolucionária, quando o Estado decide tutelar e proteger as antiguidades nacionais, às quais era atribuído significado para a história da Nação.

O conjunto de bens entendidos como herança do povo de uma Nação foi, então, designado como Patrimônio Histórico. Importante observar que em sua acepção original, incluía não apenas os bens imóveis, mas também os bens móveis, tais como: acervos de museus e documentos textuais (TEIXEIRA *et al.*, 2006, p. 2).

A escola, neste sentido, aproxima-se de seu caráter mais dialógico, autores como Paulo Freire, que se preocupa com a relação escola e comunidade, indica um fazer educativo que não se esgota no âmbito escolar; salienta ainda que precisamos reconhecer que as aprendizagens que as pessoas realizam não se reduzem às oferecidas na escola. No fazer educativo é importante estabelecer relação entre o prático, o formal e o comunicativo, fazendo com que a comunidade e as famílias participem juntamente com os professores. Neste sentido, educação refere-se ao *Patrimônio Cultural* como referência e suporte fundamentais ao considerarmos o homem como produtor de cultura e conhecimento contextualizado.

A ideia de criarmos, por exemplo, a SMAXO é indicativo de que consideramos a escola como um *Patrimônio Cultural*, representado pelos conhecimentos produzidos ao longo dos anos em um processo de construção e reconstrução constantes. Pensamento que leva, também, ao termo *tradição*. Sacristán e Perèz (2000, p. 49) ao fazerem um breve comentário sobre a importância da tradição para o processo educativo, ressaltam que só se pode pensar a partir do que foi pensado por outros e que só temos o que os outros conquistaram, valorizações do que foi feito, mais os desejos de continuar, de uma determinada maneira, o processo de continuar conquistando.

Segundo o autor, a educação alimenta-se da tradição, sendo essa o suporte essencial que lhe dá sentido, fornecendo a base necessária para a construção e reconstrução do conhecimento. Chama a atenção para a necessidade de manter e estimular, a partir das primeiras experiências de aprendizagem de materiais herdados, a liberdade, a independência pessoal, o valor da expressão de cada um e da autonomia como sementes das quais poderá nascer uma atitude crítica para a reconstrução da tradição.

3 O MUSEU ESCOLAR EM JUAZEIRO DO NORTE E O MUSEU VILAS NOVA PORTUGAL

Buscamos apresentar a história dos museus a partir de um estudo exploratório e da análise crítica acerca da historiografia sobre museus, desde as suas origens até os dias atuais, especificamente na área de educação e patrimônio escolar, o que nos proporcionou indicações, tanto em relação à concepção, quanto ao que diz respeito às funções educacionais dessas instituições museais ao longo do tempo, com preocupação específica para a ‘Modernidade’. Partindo deste campo, apresentaremos uma proposta de conceituação para os tipos de museus em estudo, por meio de reflexões sobre a história da educação, relacionando consecutivamente à criação de museus escolares, como museus de História Natural e, em seguida, Museu Pedagógico, a serviço da conservação do patrimônio escolar.

Para compreendermos a importância do museu escolar na cidade de Juazeiro do Norte, dentro de um contexto nacional de transformação social e educacional, devemos remeter o nosso pensamento à história da origem dos museus e, especificamente, quando este ganhou o *status* de instrumento de educação/esclarecimento do “povo” e de agente de consolidação do Estado-Nação, como apresentamos anteriormente.

Partindo da ideia de circulação do conhecimento, como apresenta Jorge Ramos do Ó e Luiz Miguel Carvalho (2009), que discutem a emergência e circulação do conhecimento Psicopedagógico Moderno entre os anos de 1880 a 1960, em estudos comparados entre Brasil e Portugal.

Preocupados com a produção de modelos relacionados com questões educativas e pedagógicas, enfocando o trânsito internacional de conhecimento e os mecanismos sociais de sua circulação, este modelo teórico de investigação foi, então, adaptado para analisar a função educativa dos museus escolares na organização e geração de conhecimento, ao longo de um período histórico que evidencia o acatamento de ideias europeias para a organização da educação no Brasil, sob a proposta de criar uma identidade nacional.

O tema “Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte: do Museu Vilas Nova Portugal à Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira”, tem a intenção de encontrar elementos que explicitem fatos educacionais ocorridos ao longo de um período histórico de investigação. A história da educação apresenta informações sobre os sistemas de ensino ao longo do tempo e permite analisar a função destes como elementos de coesão social e nacional.

Mas o interesse pela cultura material escolar enquanto fonte, entendida como a tradução em objetos empíricos, de formas de pensar e atuar em educação não estava

ainda presente e demorou muito tempo a ser considerada de interesse para a análise histórica do social. O campo acadêmico, implicado que estava na definição e legitimação dos saberes emergentes e estruturantes da atividade de ensino, não deu importância aos artefatos da educação, que até aí eram também bastante limitados. (FELGUEIRAS, 2011, p. 70).

Neste contexto, a autora apresenta elementos para pensar a valorização da cultura material escolar, enquanto fonte, representada por objetos empíricos, enumerando os valores atribuídos, por exemplo, à preocupação com a difusão de novos métodos, técnicas e materiais de ensino. E prossegue afirmando que,

Foi no contexto das exposições universais que surgiram os primeiros museus de educação e se popularizaram os museus escolares. Os primeiros procuravam ser vitrinas das novidades e saberes produzidos no campo educativo, desde teorias e métodos de ensino, livros, coleções de materiais (alguns para estudos experimentais em educação), mobiliário e normas de higiene. Por sua vez, os museus escolares (coleções de materiais sobre ciências da natureza, adequados às *lições de coisas* e podendo incluir dados etnográficos e de geografia humana), pensados para as escolas, deram origem a orientações didáticas e à produção editorial de quadros parietais impressos como a conjuntos de frascos com amostras diversas: sementes, minérios, rochas, pequenos animais embalsamados. (FELGUEIRAS, 2011, p. 70).

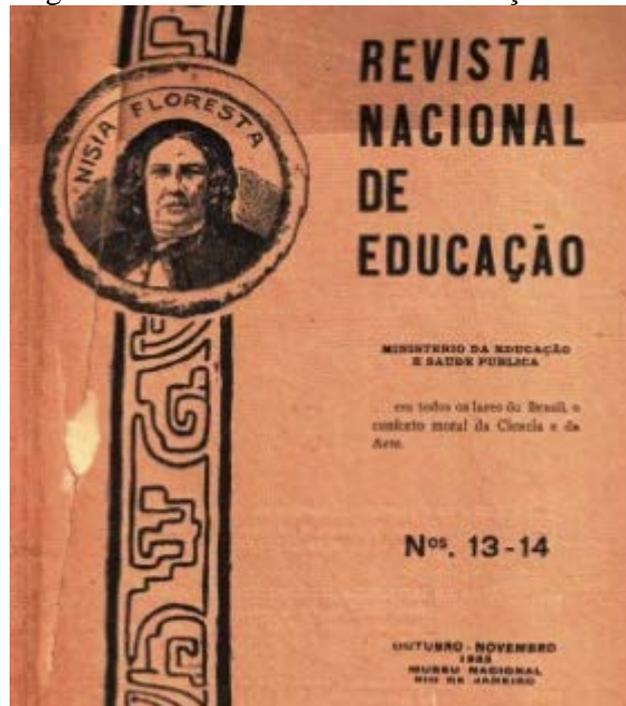
Os museus escolares transformam os objetos empíricos pertencentes a escola em bens culturais, incorporando-os à história da escola, atribuindo-lhes o papel de Patrimônio Cultural que possibilita investigações no âmbito da história educacional comparada. Desta forma, podemos estudar os museus do passado, por meio da cultura escolar, para entender seus usos, relações e implicações histórico-políticas com os atores sociais envolvidos.

O relato de ex-alunas da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, como Valba Gondim e Mundinha Paiva, revela e confirma o impacto destes eventos como “políticas ilustradas de progresso social”, que colocava a educação como elemento de progresso e civilização de uma nação, ideia originada da circulação de conhecimento educacional.

Maria das Graças, relata na Revista Nacional de Educação, publicada em 1933, que o caráter pedagógico do museu nem sempre mostrou claramente essa intenção, a transmissão e articulação de ideias, sejam elas nacionais, regionais ou dando ênfase a determinados vultos sociais, ou mesmo conhecimentos sobre períodos históricos são, de certa forma, situações que nos remetem a historicidade dos museus.

A Revista citada fazia parte do arquivo da ex-professora da ENRJN, Generosa Alencar e foi doada ao Memorial Padre Cícero. Acredita-se que tenha sido esta revista o guia de constituição do museu Vilas Nova Portugal, conforme pode ser verificado na figura a seguir.

Figura 2 – Revista Nacional de Educação



Fonte: Memorial Padre Cícero – Juazeiro do Norte (2013).

Segundo Régis Lopes, ninguém vai a uma exposição de relógios antigos para saber as horas. No espaço expositivo o objeto perde seu valor de uso: a cadeira não serve para sentar, assim como a arma não é usada para disparar; abdicam-se de sua função original e passam a ter outros valores. Na perspectiva tradicional, o que merecia ficar no museu em geral, foi a memória da elite, por exemplo, a farda do general, o retrato do governador, tudo isso compunha o discurso figurativo de glorificação da história de heróis e indivíduos de destaques (RAMOS, 2004).

Lançar um olhar sobre museus sem a óptica celebrativa é muito difícil, mas é necessário que se faça o percurso contrário para compreendermos o que se debate atualmente acerca do papel educativo do museu, como também a percepção do seu objetivo, sendo esta a reflexão crítica, pois se antes o acervo era apenas contemplativo, hoje se busca a sua análise. Até os objetos expostos nos museus, hoje, são colocados de maneira que haja uma criticidade sobre os mesmos. Só isso não é o suficiente para sensibilizar, diante do que é exposto, para que o aluno tenha a capacidade de fazer uma leitura crítica e interpretativa, portanto, é necessário que haja essa sensibilização ao que se vê ou observa.

Vale ressaltar que iniciar o aluno para visitação aos museus é parte importante de uma preparação prévia dentro da sala de aula, despertando-o para o que está em sua volta.

Sem a atividade do pensar sobre o presente vivido, não há um caminho para a construção reflexiva acerca do passado.

A escola foi assim, a primeira aliada para a mudança dos rumos sociais do lugarejo desde a chegada do patriarca. As manifestações culturais desenvolvidas traziam sempre um misto de religião, política e educação, no âmbito de uma concepção nacionalista.

No Brasil, a continuidade desse processo foi ampliada, mais tarde, com a necessidade de formação de mão de obra para a nova ordem capitalista. A educação escolar nesse quadro, de início da Primeira República, tornou-se elemento imprescindível para a constituição de uma Nova República e uma economia própria. Juazeiro do Norte ganhava um elemento a mais, que era o desenvolvimento social da população para vencer obstáculos políticos e religiosos impeditivos da independência do vilarejo em relação à cidade vizinha, Crato, e às outras próximas, pois a cidade cresceu e desenvolveu-se em meio a muitos inimigos [...] (ALMEIDA, 2011, p. 124).

“As políticas ilustradas do progresso social” atingem e causam impacto na sociedade juazeirense com as políticas públicas do governo e as ações culturais implementadas, que apresentavam um projeto civilizatório peculiar, levado a efeito por José Marrocos, Amália Xavier de Oliveira, Plácido Aderaldo Castelo e Floro Bartolomeu, cujas ações eram voltadas ao espírito da época que tinha a ciência, a religião, o *higienismo* e a educação como meios de civilizar a sociedade local, cuja literatura sempre mostrou ser o Juazeiro do Norte um lugar de mendigos, loucos e desordeiros.

Quando a função educativa de museu constitui a parte central de uma discussão, temos a oportunidade de garantir a memória e a guarda de objetos que se mostram como necessários para identificação de uma cultura e de uma história comum, trazendo de volta elementos que unem o passado e o presente, e juntos constroem uma temporalidade, servindo à reflexão sobre a história e a memória, na sua simbiose com a construção de significados simbólicos. Ganha especial relevância quando se trata de uma cidade que possui forte religiosidade popular e suas romarias:

O saber cultural significa, ainda, o mundo de relações interpessoais estabelecidas em determinado contexto histórico, no que se evidenciam as tradições sociais preservadas e as inovações reconhecidas, buscando articular religiosidade e cultura popular identificada na romaria, envolvendo principalmente um recorte sobre a peregrinação, como fatores fundamentais de sua construção. (MARTINS; LEITE, 2006, p. 108).

Juazeiro do Norte é uma cidade que nasceu e se desenvolveu em meio a muitos inimigos que não simpatizavam com a religiosidade popular, que era sua característica mais aparente. Existia, também, uma luta interna entre letrados e não letrados, sendo estes últimos considerados a razão do atraso social e cultural da cidade. As romarias cresciam a cada dia e deixavam o comércio cada vez mais rico e, além disso, foi a origem da industrialização do

lugar. Mesmo assim, os romeiros, fonte maior da riqueza, eram hostilizados pela população local e, ao mesmo tempo, explorados pelo comércio e pela igreja católica.

3.1 Escola Normal Rural e a educação em Juazeiro do Norte

Os primeiros anos da década de 1930 apresentam as necessidades de organização da educação brasileira e podem ser observados partindo dos acontecimentos das décadas finais do século XIX e iniciais do XX, por ser um período onde se vêem mudanças políticas, sociais e econômicas, específicas e estruturais. Tratava-se de um momento efervescente de ideias que movimentavam a vida política e sociocultural do Brasil. O período traz o auge de influência das teorias de cunho europeu, criando possibilidades infinitas de aproximação do mesmo objeto, visto que as transformações que ocorreram provocaram olhares diversificados sobre a sociedade em busca das práticas humanas que lhes deram sentido.

O estado do Ceará não fica indiferente aos acontecimentos que impactam o cenário nacional, fato observado quando, por exemplo, Getúlio Vargas é eleito Presidente da República pelo Congresso, em 1934. Temos o início de um governo centralizador, que silencia as vozes que fervilhavam em busca de uma nova organização da educação.

Boris Fausto em seu livro *História do Brasil*, publicado em 1996, analisa esta história partindo das Constituições Brasileiras, apontando as diferenças entre as mesmas e as contribuições efetivadas: a Constituição de 1934 apresenta inspiração liberal, enquanto a Constituição de 1937 (Estado Novo) traz fortes contribuições filosóficas do regime fascista europeu. Duas correntes conflitantes vão ocupar as discussões sobre as reformas educacionais que deveriam ser implementadas, os Católicos e os Liberais, principais vozes deste movimento pela educação. Lourenço Filho, Fernando Azevedo, Alceu Amoroso Lima, entre outros, são nomes de destaque nesta discussão.

No Ceará, Menezes Pimentel foi escolhido para Governador do Estado, por processo indireto, realizado pela Assembleia Legislativa e orienta o seu governo em sintonia com o cenário político nacional. Por esta razão, o mesmo se mantém no poder, apesar das instabilidades políticas geradas pelos movimentos de esquerda e de direita. O período getulista atinge as escolas cearenses, determinando que estas deveriam “[...] realizar palestras mensais envolvendo alunos, pais e professores sobre o combate ao comunismo.” (VIEIRA, 2002, p. 171).

Segundo Nascimento (1998), neste momento, Menezes Pimentel contou com o apoio da Liga Eleitoral Católica e no âmbito local, José Geraldo da Cruz era eleito pelos seus

conterrâneos, tornando-se prefeito da cidade e não mais interventor. Foi um período de muita turbulência política, porque o prefeito foi eleito com o apoio da Aliança Liberal. Sem contar que a cidade tinha perdido o seu maior líder político, o padre Cícero, que faleceu em 1934.

Por se tratar de uma cidade mística, o combate ao comunismo ganha influência de poderes religiosos, o mito do “inferno”, da “salvação das almas”, são incorporados aos preceitos desta luta contra o regime comunista; o céu e o inferno foram bem explorados no imaginário social. Mesmo assim, o setor educacional se expande a cada dia, com a criação de novas escolas. O padre Cícero contribui de forma decisiva para esta nova realidade, trazendo professoras de outros Estados do Nordeste, como é o caso de Izabel da Luz; abriga as professoras na sua própria casa e até remunera algumas com recursos próprios. As ações educacionais do padre Cícero tiveram início desde a sua chegada ao povoado, ajudando ao professor Simeão na educação de jovens, filhos de proprietários de terras e de ex-escravos, em uma pequena escola que funcionava na sala principal de sua casa (OLIVEIRA, 2001).

Podemos observar aí as raízes da construção de um ambiente que possibilitaria marchar rumo ao progresso e à civilização, visto que este era o foco do novo regime político brasileiro, inaugurado pela República Velha. A educação é chamada para auxiliar nesta construção de um novo país, que se enfrentava a partir de ideais positivistas, liberal e progressistas, colocando de um lado a escola tradicional em constante luta contra os ideais do *Escolanovismo*.

O cenário político, social e cultural que apresentamos tem a intenção de conduzir a investigação no contexto das mudanças políticas e o impacto causado por estas na educação, quando observamos as ideias positivistas e evolucionistas da ciência, no final do século XIX e início do século XX, bem como a evolução destes discursos, que chegam no momento atual com a valorização dos estudos culturais (ALMEIDA, 2011). Buscamos, portanto, compreender as diferentes formas de se pensar a educação, para compreender o que deveria compor a ação museal dos museus escolares em Juazeiro do Norte. A partir do contexto aqui exposto resumidamente, iremos, a seguir, discutir o nosso tema de investigação. Os museus escolares da referida Escola que constituem o nosso objeto de estudo e estão situados em momentos históricos diferentes, com ideologias educacionais também diferenciadas. Conduz o nosso entendimento para ver o museu como uma instituição educativa de produção de novos saberes, ancorado no que Burke (2006, p. 5) assegura: “Os museus são muito mais do que meros recipientes para os objetos nele exibidos [...] tem sua própria história e podem nos dizer muito sobre a época em que foram construídos.”

A pesquisa inicia com o surgimento da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, por esta ser resultado das políticas educacionais brasileiras advindas do Movimento *Escolanovista*. O movimento da Escola Nova é apresentado por Monteiro (2005, p. 73), quando indica que o “novismo” é um termo constante na história do pensamento pedagógico, porém, tal pensamento intensifica-se no final do século XIX, tendo o ano de 1889 como marco do nascimento do Movimento da Escola Nova na Escócia, espalhando-se para outros países da Europa e EUA. Esta educação nova era “fundada no conhecimento da criança e adaptada às realidades e necessidades do mundo moderno”. Émile de Rousseau¹⁴ é um dos personagens principais que inaugura a modernidade na educação. Percebemos que estava em jogo as ideias de uma Escola Nova, centrada nas necessidades da criança, contrapondo-se às ideologias da Escola Tradicional, que via na ação educativa um campo de autoritarismo e domesticação da criança, com vistas a adaptá-la ao meio social (MONTEIRO, 2005, p. 72).

A ENRJN foi contemplada em 1934 com a criação do Museu Vilas Nova Portugal, voltado para a área de Ciências Naturais, no que podemos situá-lo, também, no contexto pedagógico do *Escolanovismo*. O antigo museu encerrou as suas atividades por volta dos anos de 1950. Na mesma instituição educacional temos hoje a SMAXO, criada em 2008. Consta como resultado da iniciativa voluntária de professores e ex-professores, ex-funcionários e ex-alunos preocupados com a destruição dos arquivos da escola e, ao mesmo tempo, em busca de um espaço para a preservação da memória da instituição, que teve importância central na constituição da cultura e formação da juventude da cidade.

Como observamos, a Escola Nova ou *Escolanovismo* gerou entre os educadores do início até meados do século XX e entre os profissionais da educação, o que Jorge Nagle (1976), ao analisar a educação dos anos de 1920, chamou de “entusiasmo pela educação” e o “otimismo pedagógico”. Esses profissionais representavam os ideais europeus e norte-americanos de uma educação voltada para a liberdade dos indivíduos e transformação social.

Nesse período, o campo educacional com a história da educação oscilava entre os ideias de uma escola conservadora para a sustentação de uma oligarquia decadente, apoiado pela Igreja Católica e, mais tarde, pelos militares, gerando um ambiente onde as disputas paradigmáticas se tornavam cada vez mais intensas, quando confrontados com os ideais de uma escola transformadora, unitária e neutra, sendo que esta neutralidade significava um Estado ofertando igualdade de condições para todos (ARANHA, 2006).

¹⁴ Jean Jacques Rousseau (1712-1778) foi um importante intelectual do século XVIII para se pensar na constituição de um Estado como organizador da sociedade civil, assim como se conhece hoje.

Nesta luta educacional temos alguns intelectuais que se destacavam com suas ideias como, por exemplo, o filósofo Anísio Teixeira, que traz para o Brasil os ideais de uma educação democrática e libertária, influenciado pelo teórico americano John Dewey.

Anísio Teixeira preferia usar a expressão 'Escola Progressiva' e não Escola Nova, como afinal ficou consagrada no Movimento Escolanovista: assim justifica sua preferência. É progressista por quê? Porque se destina a ser a escola de uma civilização em mudança permanente (KILPATRIK) e porque, ela mesma, como essa civilização, está trabalhada pelos instrumentos de uma ciência que ininterruptamente se refaz (ARANHA, 2006, p. 334).

Temos também o sociólogo Fernando Azevedo, importante personagem dessa luta ideológica, que ao contrário de Anísio Teixeira, falava de uma Escola Progressista e defendia o *Escolanovismo* ao lado de Lourenço Filho, Capanema e Pascoal Leme. Tinha-se, pois, os grupos anárquicos sociais ao lado dos grupos tenentistas.

Todos acreditavam numa escola, ciência e tecnologia neutra, em defesa dos ideais de uma burguesia emergente. A escola deveria servir a esta nova configuração social que se desenha a partir da industrialização.

O ensino acadêmico retórico, quase contemplativo, que atraía até mesmo as camadas médias populares em busca de ascensão social, continuava a dividir a sociedade e a escola entre aqueles que deveriam estudar para manter a sua posição social de elite e os cursos técnicos profissionalizantes, destinados aos que não teriam vocação para uma educação mais refinada ou com características de uma educação humana.

Assim, concluímos que toda efervescência e mobilidade social em busca da expansão do ensino colocaram em lados opostos *Conservadores* e *Escolanovistas*, politicamente no início dessa luta, embora estes educadores tenham assumido a educação em um contexto nacional apoiado pelo governo ditador, como foi o caso de Capanema, Ministro da Educação do governo Vargas e Lourenço Filho, durante a década de 1960 (ARANHA, 2006).

A expansão da educação e a superação de uma escola dualista tornaram-se uma luta estrutural na história. A Igreja Católica sempre encontrou um meio de participar das discussões educacionais que lhe tiravam o poder e quando se fazia necessário aliava-se ao *Escolanovismo*, através da Associação Brasileira de Educação (ABE) e do Manifesto da Escola Nova, que elaborou documento assinado por 26 educadores antes da Constituição de 1932.

Estas lutas ideológicas estão presentes no meio educacional nacional, portanto, abrange a cidade de Juazeiro do Norte, lugar que se destaca pelo progresso, política e suas características peculiares, uma delas encontra-se em ser o município onde se concentra a maior densidade populacional do interior cearense, sendo a maioria formada por nordestinos

oriundos de várias cidades do vale Cariariense. Esta característica criou um ambiente multicultural propício para o desenvolvimento de oficinas, indústrias, casas comerciais, artesãos, fábrica de objetos de uso doméstico, ferramentas, joias, beneficiamento de algodão, coco, caju e outros. Essas atividades contribuíram para um rápido crescimento econômico, colocando-a entre as cidades mais importantes do interior do Estado (SOUZA, 1984).

O padre Cícero Romão Batista foi o grande responsável por esse crescimento. A sua importância verifica-se até hoje pelas romarias, que atraem anualmente milhares de visitantes provenientes de todas as classes sociais, que aqui vêm visitar o “padrinho” e a sua padroeira Nossa Senhora das Dores, trazendo notáveis vantagens econômicas.

Conforme Oliveira (1984), a cidade em plena expansão precisava criar as condições necessárias para o desenvolvimento educacional e, assim, beneficiar a população através do acesso à educação. Desse modo, a sociedade local se mobilizou para instalar a ENRJN. O Dr. Plácido Aderaldo Castelo, então Juiz de Direito de Juazeiro do Norte, tomou conhecimento do Projeto da Instrução Pública e empenhou-se em unir forças com outros membros que se destacavam na sociedade local para atender às exigências financeiras e instalar a primeira Escola Normal Rural no Brasil, com o objetivo de elevar o nível cultural do município. Acreditava-se na possibilidade de um futuro promissor e via-se na educação o elemento indispensável para alcançar esse progresso.

Amália Xavier de Oliveira foi uma das sócias fundadoras responsáveis pela instalação e manutenção da instituição; concluiu o Curso Normal em Fortaleza-CE e de volta à cidade empenhou-se pela causa educacional juazeirense, unindo-se aos ideais do professor Joaquim Moreira de Sousa e Plácido Aderaldo Castelo (fundadores da Escola), e com recursos da própria comunidade fizeram funcionar a primeira ENRJN do Brasil.

O Colégio Santa Teresa¹⁵, da Congregação das irmãs de Santa Tereza, funcionava como uma escola regional, porém, de cunho elitista. A criação da ENR dava oportunidade de se trabalhar com uma nova proposta educacional, sob a inspiração do educador Sud Mennucci¹⁶, baseado na Reforma Agrária Norte-Americana, que postulava não se fazer reformas sem educar o homem para viver na terra e da terra. Segundo Plácido Aderaldo Castelo:

A educação é função do meio. Visa a produzir valores, não parasitas letrados como foi no passado e é, mais atenuado, no presente. Assim, em primeiro plano, figuram os conhecimentos, fisiográficos do Nordeste, antropogeografia, nossa história,

¹⁵ Fundado na década de 1930 em Juazeiro do Norte dedicado à formação de profissionais para o Magistério.

¹⁶ Sud Mennucci nasceu em Piracicaba em 20 de janeiro de 1892, filho de um casal de italianos de Lucca que chegaram ao Brasil como imigrantes em 1888. Foi professor, geógrafo, sociólogo, jornalista e escritor.

psicologia infantil, seriando-se tais ensinamentos segundo ordem mais racional, para o aprendizado, o que ainda depende do parecer que vai emitir a comissão especial nomeada para estudar, cuidadosamente o assunto. É necessário formar professores que não tenham as vistas permanentemente voltadas para a cidade. (CASTELO, 1970, p. 226).

A Escola beneficiou diversas localidades do vale cariense, com as atividades culturais desenvolvidas que possibilitavam um intercâmbio cultural importante na região. O seu objetivo consistia em formar professores para a educação do homem no campo. Desenvolvia atividades de ensino condizentes com as necessidades das zonas agrícolas e sertanejas, mas se preocupava, também, com ensinamentos literários e científicos. Foi precursora dos métodos da Escola Moderna, com a tentativa de romper com as Escolas Tradicionais, consideradas desvinculadas da realidade. Sem descuidar de uma eficiente formação intelectual, levava, desde o curso primário, seus alunos ao campo para aulas práticas de jardinagem, horticultura, piscicultura, apicultura, avicultura, fruticultura, entre outros (A ESCOLA... 1984).

Mantinha os cursos Ginásial e Colegial, seus alunos enfrentavam com êxito vestibulares em diversas capitais. A Escola não enfrentou as crises que a maioria das Escolas Normais confrontou no Brasil, especificamente com a falta de professores habilitados para o cargo. O quadro de professores era adequado às necessidades pedagógicas da instituição, fato comprovado pelo elevado nível de ensino praticado; os professores eram os filhos da terra que retornavam depois de concluir os estudos na capital, constituído por juizes, promotores, agrônomos, médicos, religiosos e professores recém-formados.

A Escola foi criada e permaneceu durante muitos anos com uma eficiente interação com a comunidade. A partir das mudanças ocasionadas pela Lei nº 5.692/71, que visava a realização individual, a profissionalização e a cidadania, objetivos estes já vislumbrados pela instituição, verifica-se que as modificações foram implementadas sem respeitar as opiniões daqueles que a fizeram, isto ocasionou profundas contradições que, em parte, dificultaram o processo de ensino-aprendizagem praticado até o momento (BRASIL, 1971). Entre estas modificações encontra-se a criação do Normal Pedagógico, que passou a ser um curso profissionalizante, atendendo uma nova exigência nacional de formação profissional, o que fez o curso perder o rumo e a identidade.

Sob o comando do Ministro da Educação Jarbas Gonçalves Passarinho, é apresentado um Projeto de Lei que atualiza e expande a Lei de Ensino de 1º e 2º Graus, sancionada em agosto de 1971. As inovações introduzidas são, entre outras, a profissionalização do Ensino Médio, garantindo, ao mesmo tempo, continuidade e terminalidade dos estudos. Todos esses

acontecimentos ocorridos neste espaço educativo, durante 80 anos de fundação, conferem ao mesmo o legítimo direito de se transformar no lugar de guarda de todo o acervo material e imaterial, que fez e fará parte da educação deste município (ARANHA, 2006).

Percebemos que a Escola perpassa toda a história da educação e da cidade simultaneamente, colaborando com a elevação do nível social da mesma, como desejava a Diretora Amália Xavier de Oliveira. Cumpre os seus objetivos de educação ruralista, inserido nos ideais da educação traçadas para o país, momentos iniciais de consolidação de um sistema educacional nacional, dentro dos ideais do *Escolanovismo*.

Foto 1 – Fachada da ENRJN na década de 1930



Fonte: SMAXO (2013), arquivo pessoal (2014).

As informações revelam que a escola correspondia às expectativas de higienismo, museu de Ciências Naturais, bibliotecas e clube agrícola, o que comprova a sua inserção nos ideais de modernidade.

3.2 Aspectos do desenvolvimento cultural e social de Juazeiro do Norte

O contexto histórico e o espaço geográfico onde se encontra a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte serão apresentados, segundo a visão de uma ex-aluna desta Escola, como forma de ir além de uma contextualização formal, como se costuma fazer em trabalhos acadêmicos científicos, portanto, vislumbramos a oportunidade de apresentar, também, o perfil do aluno da ENRJN, de forma que haja a possibilidade de compreendermos a importância

cultural desta instituição situada em um lugarejo que se encontrava em pleno processo de transformações políticas e sociais.

Encontramos a ex-aluna Marieta Cruz Alencar, que em matéria escrita para uma Revista publicada no ano de 1954, exemplar comemorativo ao vigésimo aniversário da ENRJN, convida-nos a fazer uma “volta” pela cidade de Juazeiro do Norte. Inicia o seu relato destacando que deve a esta instituição de ensino todo desenvolvimento social que a cidade de Juazeiro desfruta ainda em nossos dias. Convida os “ilustres visitantes” a permanecer na cidade, que parece humilde para quem estava habituado a viver em capitais onde tinham todo o conforto. Faz uma saudação aos que ali estavam para comemorar o 20^o ano da Escola, mostrando-lhes os grandes benefícios trazidos pela educação através desta.

Entrei ilustre visitante e sede bem-vindo! Aqui, estamos nós em nossa singela casa, humilde e rústica, para vós que estais habituado ao conforto da capital. Desculpai, pois, e entrai comigo que mui grata ao apelo recebido para cooperar com os meus contemporâneos, nesta feita em que se comemora o vigésimo aniversário da Escola Normal Rural, prontifico-me a percorrer convosco o nosso Juazeiro do Norte, mostrando a sua singeleza na humildade de cidade sertaneja, a cicerópoles que nos serviu de berço.

Olhai ali a praça Almirante Alexandrino (hoje praça padre Cícero) no coração da cidade, como vêdes, é um belo jardim arborizado com ficus, benjamim, com inúmeros desenhos de aviões, animais diversos, recortados em folhas clorofiladas, que a torna um encanto para as crianças curiosas. Ali, elas brincam e fazem o seu passeio matinal, respirando o oxigênio puro e saudável das manhãs ensolaradas do nosso sertão em flor. As palmeiras imperiais, elas acenam à vossa passagem como desejando boas vindas. Papai as viu pequeninhas e elas já estão altas e elegantemente eretas que parecem querer chamar a atenção de todos os transeuntes. Vêde a Coluna da Hora? É um dos vossos justos orgulhos, porque além de ser um belo monumento possui um grande relógio, feito pelo artista, o Sr. Pelúcio Macêdo, um dos juazeirenses que engrandecem a terra, relógio este confeccionado aqui mesmo, já que pelo seu valor artístico e por ser um dos troncos da culta e tradicional família católica, orgulho não só de Juazeiro, mas de toda a terra de Santa Cruz. A frente desta, está a estátua do Revmo. Padre Cícero Romão Batista, no coração da praça, acolhendo a todos que honra-nos com sua visita. Há ainda, aquele obelisco inaugurado por ocasião do primeiro centenário do padre Cícero (1844 a 1944). Foi uma dádiva dos seus devotos reconhecimento e gratidão ao saudoso patriarca. Façamos uma visita a nossa Igreja Matriz, bela, artística em cujo altar-mor, se venera a imagem de Nossa Senhora das Dores. (MARIETA CRUZ ALENCAR, 1954).

Foto 2 – Praça Almirante Alexandrino



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Muitos aspectos já chamavam a atenção no discurso da aluna. O que se percebia era o comércio de produtos religiosos, como forma de engrandecer o comércio da cidade. Outro acontecimento importante foi a chegada dos frades capuchinhos, que construíram no largo da Estação de Trem a Basílica de São Francisco das Chagas. Com a vinda destes religiosos houve a construção do Hospital e Maternidade São Lucas, construído sob a direção da Sociedade de São Francisco das Chagas.

Outro aspecto que chama a atenção é perceber a cultura de museus, de preservação do patrimônio histórico da cidade. A aluna continua com sua descrição do desenvolvimento da cidade e convida a todos para fazer uma visita ao Museu Padre Cícero, descrevendo-o da seguinte forma:

Esta casa merece uma visita toda especial. Aqui residiu o Rvmo. Padre Cícero o expoente máximo da história desta cidade. À sua porta se aglomeravam pedintes sequiosos de saciar a fome, não só do corpo, mas, sobretudo do espírito. Todos os dias às seis horas da tarde havia nesta casa a “prece da saudade” feita pelo padre Cícero em uma das janelas de sua casa, surgindo uma figura que mais parecia o pai espiritual, abençoando os seus filhos, ao tocar os sinos da Igreja Matriz. Era uma palavra de afeto que caía sobre aquela multidão posta à janela da casa do Padre Cícero. Descia como uma chuva de rosas, daquelas palavras jorrava uma imensidão de felicidade, que descia sobre aquele abismo de inquietação descendo sobre os humildes, distribuindo-lhes também, esmolas. O padre dos pobres, saía de cena para reaparecer no dia seguinte, e a multidão satisfeita nas necessidades espirituais e materiais, retornavam as suas casas com o semblante tranquilo, levados pelas energias boas que saíam daquele espírito de luz. (MARIETA CRUZ ALENCAR, 1954).

Foto 3 – Museu Padre Cícero.



Fonte: Museus... (2014).

Dando continuidade a este turismo pela cidade, vemos o que apresenta esta filha de Juazeiro no que se refere à paisagem econômica do lugar:

Vejamos o jardim de São Vicente, lá estão no centro, três prédios digno de menção: a Coletoria Estadual, que fornece ao Estado uma renda de mais de CR\$ 2.500,000,00 (dois milhões e quinhentos mil cruzeiros). O Grupo Escolar Padre Cícero recebendo anualmente uma média de 570 crianças, e finalmente o centro de saúde, ao lado construindo o posto de tracoma, obra de grande importância para o Cariri, onde o tracoma impera. (ALENCAR, 1954).

É perceptível o orgulho da aluna pelas mudanças ocorridas na cidade, indicando a força que a educação tem para o progresso e desenvolvimento econômico social e cultural de Juazeiro e, assim, a mesma continua mostrando o desenvolvimento daquele pequeno povoado multiplicando-se de forma tão rápida, apontando a possibilidade que a educação traz para a transformação da paisagem local. Sobre o padre Cícero, a aluna ainda diz:

O seu amor à educação foi como um cromossomo que se difundiu através de novas gerações, contaminado espíritos, encaminhando-os para o ápice das realizações [...]. Nos anos de 1950 possuía Juazeiro vários estabelecimentos educacionais, onde a sua mocidade se reveste do esmalte civilizador e adquire conhecimentos cultural, social e religioso, para tornar grande seu povo, sua cidade, sua nação.

Temos, por exemplo, o Instituto Padre Cícero, dirigido pelos ilustres continuadores da obra de São João Bosco, os digníssimos padres salesianos. O Ginásio Santa Terezinha, para moças, dirigida pela professora Amália Xavier de Oliveira, 'a estrela máter das educadoras desta terra'. Há uma escola doméstica, anexa ao aludido Ginásio, onde as moças juazeirenses se preparam para exercer na vida social, o sacerdócio do lar. A Escola Domingos Sávio instalada e orientada sob o método da técnica educacional, baseada nos regulamentos de São João Bosco.

Terminando esta excursão nos deparamos diante da nossa Escola Normal Rural, fundada em 1934. A este instituto educacional muito deve o Juazeiro, o Cariri, o Ceará, o Brasil. (ALENCAR, 1954).

A aluna ainda pede a atenção de todos para que paremos um pouco nesta Instituição como forma de participar das festividades ocorridas pelo aniversário do 20º ano de inauguração da mesma. Fazendo alusão especial ao Dr. Plácido Aderaldo Castelo, fundador, primeiro presidente do Instituto, primeiro diretor desta escola, ao Dr. Joaquim Moreira de Souza, diretor da Instrução Pública do Ceará e idealizador desta grandiosa obra e a professora Amália Xavier de Oliveira, que muito fizeram pela educação da juventude cearense.

A Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte (ENRJN) constituiu o maior orgulho da cidade, era uma escola dual, nesta instituição se preparava para a vida social e a vida agrícola. Por esta ocasião é inaugurada, no interior da Escola, a Praça 13 de Junho, em conjunto com os bustos dos excelentíssimos senhores: professor Moreira de Sousa, Plácido Aderaldo Castelo e da professora Amália Xavier de Oliveira. Desta mesma praça a vista se alonga e é possível contemplar o campo onde trabalhavam os alunos de hoje, as professoras ruralistas de amanhã. Esta era, de fato, a progressiva adaptação e fixação ao meio, capacitando-o por uma instrução adequada, de acordo com suas necessidades. “O professor recebe o diamante bruto lapidando-o em brilhante, resplandecente, com luzes da ciência e do saber.” (OLIVEIRA, 1984, p. 70).

2.3 Documentação museológica e ação educativa em museu escolar

Neste item, pretendemos discutir a relação museu e escola, tendo como marco inicial o museu como espaço educativo e civilizatório, apresentado no Museu Vilas Nova Portugal e, rever também, como as práticas educativas desenvolvidas neste espaço museal vêm sendo discutidas nas últimas décadas, para neste contexto apresentarmos a criação da SMAXO e sua importância como espaço de preservação do patrimônio educacional, numa perspectiva de respeito ao seu papel social.

O Museu Vilas Nova Portugal, representou, no nosso entendimento, uma forma de além de legitimar a identidade cultural local, também surgiu como processo de civilidade, da mesma forma em que foram criados os primeiros museus brasileiros no Império, quando surgiu a necessidade de contarmos a nossa história por nós mesmos, visto que não vivemos a riqueza histórica de quem teve a Idade Média (como os países europeus), exaltamos as nossas riquezas naturais, mesmo sabendo que a miscigenação racial no Brasil era motivo de vergonha para algumas famílias elitistas, influenciadas por ideias eurocêntricas (FAUSTO, 1995).

Maria João Mogarro em seu artigo: *Patrimônio educativo e modelos de cultura escolar na história da educação em Portugal*, nos lembra que:

O museu escolar tinha incalculáveis vantagens para o ensino, pois dava corpo às doutrinas abstractas e transformava a escola num verdadeiro recreio – os museus deviam ser enriquecidos com objectos e espécimens recolhidos pelos próprios alunos, nas excursões escolares, que aliavam à actividade salutar, no meio exterior, o desenvolvimento de critérios, de regras, de observação e de ordenação. Os museus escolares eram colecções de materiais didácticos. (MOGARRO, 2013, p. 75).

Acreditamos que a relação entre museu e escola insere-se num contexto mais amplo de uma dinâmica de instituições culturais e que ao desvendar o mundo dos museus, tendo como suporte as diversas ações e agentes envolvidos, estaremos contribuindo para despertar o interesse e a vontade de uma relação mais dinâmica entre estes agentes e a escola.

Segundo Felgueiras (2005, p. 46):

Estudar a educação hoje significa prestar atenção à densidade histórica do sistema educativo, nos contextos concretos de realização, expresso numa cultura material, que, simultaneamente, traduz as concepções de uma sociedade e manifesta as condições em que puderam ocorrer.

A valorização da cultura material e imaterial, assim como sua preservação, indica uma preocupação com a memória, com a investigação científica e exige políticas para criar e salvaguardar esta cultura material escolar, revelando as condições sociais em que foram produzidas. Tais condicionamentos mostram, também, que seu estudo pode contribuir para a cultura material, como patrimônio e herança educativa que merece ser guardada.

Desta forma, não podemos deixar de refletir sobre a documentação museológica para entender a sua importância no contexto de preservação da memória coletiva. O interesse de alguns ex-alunos e de ex-funcionários da Escola e, até mesmo, a boa vontade com que os entrevistados se dispõem a contar as suas experiências, revela interesse em guardar no tempo a memória daquela história que se foi.

Quando observamos os objetivos com que se guardavam documentos e coleções de objetos percebemos que a finalidade era de posse e salvaguarda, é tanto que muitos objetos que hoje se encontram nos museus de Juazeiro no Norte foram doados por famílias e/ou pelo padre Cícero aos amigos, para que a sua história fosse guardada e, através daqueles objetos, a verdadeira história viesse à tona, como é o caso dos “lenços ensanguentados da beata Maria de Araújo”, que são testemunho de uma das mais conflituosas histórias da questão religiosa do Brasil.

Bem ou mal intencionados e, muitas vezes, somente por uma questão de poder, colecionadores particulares se apoderaram, por meio de doação e também de forma ilícita, de documentos que revelam a nossa história. Em Juazeiro sempre houve uma relação nefasta e

ilegal com a documentação histórica, fato que podemos considerar como um roubo da história e da memória. Estima-se que são tão numerosos esses documentos que se fossem resgatados poderíamos criar o “museu do ladrão da história”. Porém, observamos que houve uma evolução para uma organização por meio de coleção; atualmente estas ações são reproduzidas acrescidas da necessidade de proporcionar acesso e disseminação de informação, com vistas a construção de novos saberes.

A historiografia sobre museus, na Idade Média, dá conta de uma ação positiva que marca a historicidade da documentação museal; referimo-nos às igrejas e conventos que guardavam objetos de artes pertencentes a famílias importantes, estes eram inventariados pelos sacerdotes e possuíam selo de autenticidade. No século XVI, o interesse por fenômenos naturais fez surgir as coleções, que acumulavam o maior número de objetos que representavam o mundo e uma preocupação com a classificação, chegando ao século XVII com uma organização mais sofisticada, representando um museu racional (ROSSI, 2010). O nosso século passa por toda essa imposição de racionalidade e alcança os ideais de subjetividade, dando origem a um conhecimento mais humanizado da ciência.

Esta relação que temos com a documentação pode, também, ser analisada pela pouca expressividade que têm as instituições responsáveis pela cultura do nosso país, frente a população em geral; podemos considerar que fora da exploração econômica de questões sobre identidade cultural e valorização da cultura, ainda é uma questão de elite. Porém, para preservar a memória, o documento deve ser disponibilizado para o público que nesta relação será transformado em fonte de informação e geração de conhecimento.

Neste intento, observamos os objetos museais do MVNP, que estavam disponíveis para alunos e professores na década de 1930 e por volta dos anos de 1940, para perceber neste museu uma unidade de informação, por meio dos objetos expostos, os quais possibilitavam informação e comunicação, como também por intermédio da exposição de seu acervo.

A partir das atuais propostas direcionadas pelos historiadores e teóricos que se preocupam com os estudos de história e memória da educação, apresentamos uma discussão fundamentada em questões levantadas pela queda de paradigma, instalada pela pós-modernidade. A civilização ocidental cristã tem os seus fundamentos teóricos e filosóficos questionados para dar lugar às novas perspectivas sociais, advindas da racionalidade do saber. Esta racionalidade científica encontra-se em um movimento de desconstrução, quando passamos a observar as grandes unidades nacionais atravessando por um processo de separação das identidades individuais, traçando o caminho metodológico do fazer histórico nas microestruturas ao invés das macroestruturas (FELIX, 1998).

Neste contexto de mudanças epistemológicas, temos a memória histórica elaborada por Michael Pollak (1989), como um exemplo importante desta tendência metodológica e teórica. Ele desenvolveu pesquisas com sobreviventes dos campos de concentração e da AIDS, apresentando profundas contribuições ao relacionar política e ciências sociais, destacando minorias de excluídos e marginalizados, mostrando assim a distinção entre memória oficial dominante e memória subterrânea.

Podemos destacar o atual estágio da história da educação e a ampla utilização da memória, como marcos de uma história que se escreve a partir de situações práticas institucionais, em contraponto à tendência filosófica e teórica, que embasavam esta discussão no período entre os séculos XIX e XX. Tal orientação leva, também, ao entrelaçamento de diversas ciências, constituindo em saber interdisciplinar, com o intuito de alcançar o seu objetivo cada vez mais central na vida social. É neste sentido que ela se especializa, abarcando objetos e métodos autônomos.

Segundo Cambi (1999), os *Annales* trazem essa polifonia metodológica, embasada em três revoluções historiográficas, que apresenta uma nova forma de entender a história e desenvolver a pesquisa científica dentro de, pelo menos, quatro orientações: “O marxismo; a pesquisa dos *Annales* e a história total; a contribuição da psicanálise para pesquisa histórica; e o estruturalismo e as pesquisas quantitativas.”

Portanto, o marxismo apresenta uma história por inteiro, que leva em conta os eventos históricos em todos os seus aspectos. Temos os *Annales* trazendo à tona o pluralismo da pesquisa histórica, relacionando-a com as diversas ciências sociais. Enquanto a psicanálise contribui, entre outras, com os mecanismos de formação, focando indivíduos e grupos com vistas a perceber a relação entre sociedade e mentalidade. Desta forma, as revoluções referidas estão indicadas nos métodos, no tempo e nos documentos.

Com os desafios enfrentados pelos historiadores nos últimos anos, descobrimos a diversidade de riquezas que pode ser trazida pela interpenetração entre as duas instâncias: história e memória. Enfim, o que se constitui na confluência entre “tempo, espaço e homem” é precisamente o lugar privilegiado para examinar as múltiplas relações entre Memória e História, como apresentam os autores citados por Felix (1998), estes se referem ao tema como coisas distintas, que geram espaços de saber diferenciados, tal como propõe Maurice Halbwachs, em meados do século XX. Paul Ricoeur (2007), fala sobre as possibilidades de uma memória “esclarecida pela historiografia” e a de uma historiografia profissional passível de “reanimar uma memória declinante”.

Michael Pollak (1989) tem desenvolvido um trabalho fundamental com relação a aspectos mais específicos, que se referem ao uso da Memória como fonte histórica. A memória se coloca, assim, como uma construção, tal como já se compreende desde há muito a historiografia, e dar a perceber como essas duas construções podem interagir uma sobre a outra, fato que constitui, certamente, em um dos desafios da historiografia do presente. Paul Ricoeur atentará para o fato de que a Memória é sempre a memória de alguém (ou de um grupo), que faz projetos e visa ao *devir*. Com base nestas orientações teóricas, introduzimos as reflexões sobre os aspectos culturais e sociais da cidade, que culminaram com a criação dos referidos museus.

Malinowski (1976) ao falar da tarefa do investigador realça a “[...] importância de reproduzir a plena realidade viva de uma cultura do passado a partir da evidência parcial, limitada e remanescentes materiais.” Assim, ele apresenta o estudo da cultura como essencial para a compreensão da sociedade, em vários campos de estudos científicos.

Ao estudarmos sobre a trajetória da Política Federal de Preservação de Patrimônios no Brasil, Fonseca (2005) afirma que a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) deve ser analisada à luz de dois acontecimentos que marcaram a vida cultural do Brasil, na primeira metade do século XX: o Movimento Modernista e a instauração do Estado Novo, que provocaram mudanças culturais, significativas na educação.

Sobre cultura, Hutryk (2006, *apud* BARRETTO, 2007, p. 18) afirma que:

A cultura é parque de diversão, é mercadoria, é o refinado e profundo, é o mundano e externo. Está cruzada simultaneamente pela identidade, pela tradição e pela mudança; é recurso, muralha e disputa. É a canção de ninar e a sinfonia em CD. É a coleção de tigelas e panelas [...] E todo o mencionado está a volta. É o que nos faz humanos. Não é algo separado da política, do comércio, da religião ou do ódio. Que é cultura também.

Isso nos leva a refletir o quanto a cultura deixa marcas na sociedade. Ela é tão forte e marcante que os processos político-econômicos não conseguem tornar único seus desejos para deter o poder econômico mundial, e isso acontece pela resistência da cultura local.

Durante os últimos anos tem havido uma reação generalizada tanto entre cientistas sociais como entre historiadores contra o determinismo associado à análise funcional, ao marxismo, aos métodos quantitativos e, com efeito, a ideia de ciência social. Essa reação ou revolta vem ocorrendo sob a bandeira da ‘cultura’ um termo que, como ‘função’, está relacionada com o estilo particular de explicação. ‘Cultura’ é um conceito com uma embaraçosa gama de definições. (BURKE, 2002, p. 64).

Neste sentido, os museus buscavam estabelecer as regras de uma entidade surgida em meio a um Brasil que começava a se reafirmar culturalmente, em busca de sua autonomia intelectual e convivendo ao mesmo tempo com um governo autoritário.

As primeiras preocupações em relação à perda do Patrimônio Colonial surgiram no início do século passado, por meio de manifestações da imprensa escrita por parte de intelectuais como: Alceu Amoroso Lima e Carlos Drummond de Andrade. Esta foi a primeira iniciativa que desencadeou no Decreto n. 22.929, de 12 de junho de 1933, elevando a cidade de Ouro Preto à Monumento Nacional (MARTINS, 2006).

A partir do esclarecimento de Andrade (*apud* MARTINS, 2006) acerca da atuação da cultura como forma de educação, nada mais justo do que educar o povo por meio da difusão desta, oferecendo uma educação não somente formal, que também politiza o indivíduo, formando a consciência de sua história para, dessa forma, dela poder participar efetivamente.

O patrimônio histórico e artístico é forma de alfabetização, tal afirmativa conduz a uma reflexão sobre o papel da educação no atual cenário social com suas incertezas, buscando alternativas para minimizar a dissociação social, proveniente das tendências neoliberais; leva os estudiosos da educação a pensar de que forma o sistema educativo tem interagido com as transformações ocorridas na sociedade que ora se organiza a partir das novas tecnologias (CASTELS, 2004). Este questionamento tem ocupado considerável espaço nas academias, como podemos observar nos livros e nas diversas pesquisas que são elaboradas.

Estamos diante de um novo arranjo social que advém da relação entre suprir as necessidades humanas e alcançar a sua satisfação, fato que sempre impulsionou as grandes revoluções por que passou a humanidade. Um rápido olhar por esta trajetória da história do homem mostra que estas revoluções acabam exigindo uma reconfiguração das estruturas sociais, do ambiente de trabalho e do modo como se faz a educação. Estamos diante, mais uma vez, dos desafios da sociedade da informação, que para muitos educadores parece um mundo marginal, por isso, evidenciamos que as análises dos discursos na atualidade são compreendidas como um desafio que direciona toda a sociedade, buscando alcançar ao que se define por sociedade do conhecimento. Hanna Arendt (*apud* TEDESCO, 2000, p. 25) afirma:

[...] O homem, afirmava H. Arendt, parece possuído dum sentimento de rebelião contra a existência humana, tal como ela nos foi dada, e deseja alterá-la para algo criado por si mesmo. A nossa inteligência já não os satisfaz; queremos uma inteligência artificial, do mesmo modo que queremos criar vida e prolongá-la para além dos limites até agora naturais. [...] o papel da educação na sociedade e seu desenvolvimento implica, conseqüentemente, a abordagem do duplo problema de definir os conhecimentos e capacidades que a formação do cidadão exige e a forma institucional através da qual se deve operar esse processo de formação.

Este mundo marginal que gira em torno da escola tem sido a preocupação dos teóricos sociais, que chamam as escolas e os sistemas educativos para que sejam parte fundamental para o alcance do processo de mudança desejada. É assim que Tedesco (2000) e Castells (2004), falam que frente ao novo papel do conhecimento em nosso cotidiano, as estruturas sociais poderiam evoluir para um papel muito mais organizador de espaços culturais e científicos, do que propriamente de “lecionador” no sentido tradicional.

O processo de mudança social que se apresenta está intimamente ligado às novas tecnologias, que têm grande influência no conjunto de relações e nos levam a outros questionamentos bem pertinentes a situação na qual estamos vivenciando, que levantam discussões em torno da finalidade da educação, como também sobre a formação das novas gerações, apresentando preocupações com o legado cultural, os valores e a concepção de homem e de sociedade que pretendemos transmitir.

Dialogando, ainda, com esses autores, eles nos remetem ao entendimento de que o enfoque tecnocrata não abrange a complexidade dos processos sociais e que a massificação da utilização da informação e da comunicação não representa solução dos principais problemas da humanidade, não justificando assim, a sua distribuição apenas pelo efeito do desenvolvimento técnico. Portanto, os discursos atuais mostram o papel fundamental que desempenha o conhecimento na sociedade e que este conhecimento legitima a importância cada vez maior do educador, especialmente daqueles que já perceberam o seu renovado papel de organizador das informações excessivas e dispersas que acompanham nossos alunos.

Mobilizamo-nos em uma sociedade das novas tecnologias do conhecimento, reconhecidamente transformadoras das formas de acesso ao saber e, também, da concepção de educação e de tempo. Estamos convivendo em uma sociedade movediça, característica de todo conhecimento que ainda não se encaixa em uma única teoria, portanto, cada autor que investiga os parâmetros desta sociedade difere de opinião, conforme a concepção de educação em que se organiza o seu pensamento, permitindo mudança ou adaptação a qualquer nova situação.

Tais considerações nos remetem a pensar sobre o lugar do Patrimônio Escolar neste misto de interesses pela memória, em uma sociedade em que tudo esvai rapidamente. Para Bauman (1998), a liquidez é uma característica marcante da nossa sociedade atual. O tempo desta sociedade é um tempo líquido, assim como é o amor e tudo que se fabrica e se elabora é para se tornar efêmero, passageiro. Existe um fascínio exacerbado pelo “novo”. Inovação e dinamismo são as marcas desta sociedade e do tempo. Tudo se torna passageiro: pensamentos, ideias, sentimentos, relações.

A dinâmica é rápida e fluída, não existindo mais o sentido do vínculo e do tempo da apuração dos valores, que antes sustentavam as tradições e as relações. O que torna contraditório nesta sociedade da liquidez é a emergência de um significativo interesse pela escola e pelo seu passado, quando observamos novos olhares dirigidos pelos historiadores da educação sobre o patrimônio, especialmente o crescente número de pesquisas nesta área, que ultrapassam as fronteiras nacionais.

Os primeiros museus escolares no Brasil foram construídos influenciados pelos museus de história natural. Estes museus eram voltados para o ensino e organizados por meio de pesquisa e da coleta de materiais da natureza. Atualmente, os museus são criados para guardar a memória da escola, considerando a historicidade desses espaços e o passado da comunidade escolar. É desta perspectiva que estudamos os museus escolares em questão, dentro de uma nova concepção de museu escolar, ou seja, um espaço que guarda, conserva e exposição de materiais diversos para utilização do ensino e da pesquisa científica, por guardar artefatos, documentos e imagens relativos à memória.

Apesar das diversas tentativas ao longo dos tempos para conservar os objetos resultantes das actividades de ensino e de aprendizagem para os devolver a comunidade, ou pelo menos, ao grupo profissional, como memória de um tempo-espaco de vida, todas elas tiveram existência modesta ou efêmeras. Na verdade, entre nós a memória tem sido mais do domínio da narração do que fundamentada na recolha e visualização de artefatos da vida material. E, contudo, os objetos implicam uma visão holística e, até certo ponto, podem ser entendidas como a corporização das relações materiais. [...] O museu é um dos lugares, nunca o único, onde a sociedade pode estabelecer ligações com o seu próprio passado. Contudo, qualquer exposição pertencente ao seu tempo participa, por isso, no debate sobre as formas de expressar as interligações culturais, quer entre os diferentes grupos sociais numa mesma sociedade, quer entre cultura de diversos povos, alguns dos quais com períodos de passado comum, mas, com memórias difíceis de gerir. (MAGALHÃES, 1996, p. 149).

Os educadores envolvidos na proposta de implantação do Museu Escolar, sediado na atual Escola de Ensino Estadual Profissional Professor Moreira de Sousa (EEEPPMS), tem como resultado a busca de materiais e informações, vislumbrando compreender o que é a memória e o que deve ser exposto nas diferentes temáticas que a história dessa Escola possa nos proporcionar.

A questão de conservação do patrimônio no Brasil surgiu com a Carta Magna de 1934, a qual determinava, pelo art. 148, que caberia à União, aos Estados e aos Municípios protegerem os objetos de interesse histórico e o patrimônio artístico do País. Não esquecendo de destacar o Decreto nº 22.928, de 12 de julho 1933 (BRASIL, 1933), que desde então, estabelecia práticas para a preservação do patrimônio nacional.

É possível articular a ideia de museu e educação patrimonial e patrimônio cultural, repensando sobre o papel da sociedade, levando-se em consideração que passamos por uma crise de memória, acreditando nos resultados positivos que têm na institucionalização dessa memória para o processo educacional, ao fazermos um elo entre museu e educação. Assim, a criação de um museu como representação de uma determinada cultura, está a serviço da sociedade, e permite participar da formação da consciência das comunidades, situando suas atividades em um quadro histórico que possibilita esclarecer os problemas atuais, ligando o passado ao presente (BARÃO, 2008).

A implantação da SMAOXO consiste na perspectiva de criar um espaço com infinitas possibilidades de reconstrução e salvaguarda da memória, sabendo-se que a cidade de Juazeiro é fonte inesgotável de informações, onde pesquisadores de todos os lugares do Brasil procuram para desenvolver suas atividades de investigação e conhecimento. É preciso pensar o museu não como um lugar de curiosidades, mas como algo vivo, estabelecendo um diálogo com o público, criando um espaço para o pensamento crítico e criativo.

De acordo com o Título I, art. 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394, promulgada em 20 de dezembro de 1996:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.
§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.
(BRASIL, 1996, p. 1).

Na concepção de Freire (1998), a formação do sujeito deve contemplar o desenvolvimento do seu papel dirigente na definição do seu destino, dos destinos de sua educação e da sua sociedade. Faz-se necessário, portanto, formar o cidadão, construir novos conhecimentos, atitudes e valores que tornem o estudante mais solidário, crítico, ético e participativo.

Há a necessidade de colocarmos a escola, através do museu, em um espaço de mediação cultural, trabalhando assim para a construção de outra noção de espaço e tempo. Considerando o museu como um espaço de conservação do patrimônio escolar, rompe-se com a visão de ser apenas um recurso pedagógico para professores e alunos, estendendo essas informações aos pesquisadores das diversas instituições de ensino.

É preciso afirmar que tanto os museus quanto as escolas têm que mudar sua visão. Os museus surgem com a tarefa de renovar paradigmas, pois podem oferecer um conjunto de ações que contemple o perfil de todos os públicos frequentadores, estabelecendo programas

educativos permanentes que atribuam historicidade aos objetos expostos, se desvinculando de uma simples relação de contemplação.

Pretende-se relacionar o campo educacional e museológico, com o objetivo de estabelecer uma relação de consciência entre o homem e o seu patrimônio: o que é herdado de outras gerações e a construção de um referencial identitário. Portanto, os bens culturais devem ser preservados e, para isso, é necessário educar.

Hugo Catunda, Diretor do Ensino Rural nos anos de 1950, na Revista Comemorativa do Vigésimo Aniversário da Escola, ressalta a importância da memória:

Recordar o dia em que eles começaram a desfilar no calendário do tempo, não é apenas evocá-lo para os devaneios suaves do espírito. É mais que isso, porque é a exaltação de uma hora que se revive, um evento que volta, como se o entusiasmo do idealismo e da fé tivesse realizado o milagre de tornar contemporâneo um acontecimento que mergulha na bruma de dois longos decênios. Na nossa mente, torna a ser presente o que era passado pois, na transcorrência do tempo, ainda brilham as ideias com a continuidade de uma chama votiva (CATUNDA, 1954, p. 33).

Parafraseando Horta (1999), a Educação Patrimonial é uma prática com um fundo cognitivo, apoiado na compreensão da trajetória temporal dos objetos a partir de sua criação, função, uso original e sua transformação ao longo da história. As interpretações dos objetos e fenômenos culturais ampliam a capacidade de compreender o mundo, pois os objetos, segundo a autora, são portadores de sentidos e significados, cuja forma, conteúdo e expressão “devemos aprender a decodificar”.

2.4 Museu Vilas Nova Portugal

Iniciamos fazendo uma apresentação dessa ação educativa museal a partir do primeiro museu criado pela ENRJN. Sobre o mesmo, encontramos a “Ata da 4ª Sessão Pedagógica do Grupo Escolar Padre Cícero”, datada de julho de 1934 e assinada por Amália Xavier de Oliveira. Neste documento, encontramos pela primeira vez informações que falam sobre a necessidade de criar o referido museu. No jornal *O Lavrador*, publicado em setembro de 1934, já aparece o museu em plena atividade, portanto, três meses depois de comunicado no referido documento, estava em pleno funcionamento o Museu Vilas Nova Portugal, cuja história e caráter educacional pretendemos conhecer nesta pesquisa.

O jornal *O Lavrador* foi o documento encontrado mais importante para o conhecimento e localização do acervo do Museu Vilas Nova Portugal. Circulou entre os anos de 1934 a 1976, sobre a responsabilidade de alunos e professores da escola. Suas manchetes

apresentavam preocupação com a divulgação das atividades pedagógicas voltadas para o meio rural, destacando o homem do campo e disseminando a ideologia nacional, assim como os pressupostos da educação ruralista. Vejamos abaixo a capa do Jornal e, posteriormente, a página três onde aparecem indícios do MVNP.

Figura 3 – Capa do jornal *O Lavrador* – edição de 1934



Fonte: SMAXO (2007) arquivo pessoal (2014).

Plácido Aderaldo Castelo, presidente do Instituto do Ceará, fala sobre a função da ENRJN e o significado deste empreendimento e suas considerações. Mesmo tendo como base o regulamento, chama atenção pelo entusiasmo do discurso apresentado. Entre outras funções, destacamos:

Contribuir pelo preparo conveniente do professor, para que a escola primária rural se torne um centro de iniciativas econômicas e profissional, com acentuada influência civilizadora, sobre toda a comunidade do lugar onde estiver: dar, pelo professor que preparar, consciência agrícola e sanitária às populações rurais, além de exata compreensão do valor da previdência e da economia, como condição de felicidade individual e coletiva [...].

O prédio da Escola está situado numa área de cerca de 18 hectares de terras irrigáveis e férteis, consta de uma parte recém-construídas contendo cinco (5) salas de aula, obedecendo às exigências pedagógicas: quatro salas destinadas à secretaria, gabinete do diretor, biblioteca e gabinete de Física, um hall, instalações sanitárias. Dispõe, ainda, de um edifício contendo cinco salas de aula, gabinete dentário, sala do museu, almoxarifado, museu pedagógico, uma cobertura para recreio e um auditório. (CASTELO, 1951, p. 42-43).

Como vimos, o MVNP da ENRJN ainda foi citado no livro escrito pelo autor, o mesmo fazia parte dos instrumentos educacionais que dariam conta das exigências pedagógicas da época. A imagem abaixo foi apresentada em destaque por ter sido um dos mais importantes instrumentos de localização do referido museu, visto que foram poucos os entrevistados que deram conta da exigência desta instituição museal e do acervo por ele exibido.

Segundo Silva (2011), o jornal *O Lavrador* era um importante instrumento de divulgação do trabalho educativo desenvolvido na Escola Normal Rural e, também, estendia as suas ações para divulgar acontecimentos importantes da cidade.

Figura 4 – Jornal *O Lavrador* (edição de 1934, p. 3)



Fonte: SMAXO (2008), arquivo pessoal (2014)..

As ideias educacionais da chamada modernidade, iniciada entre o século XVI e XVII, se estabilizaram no século XVIII na Europa, influenciando os educadores brasileiros na modernização e instrução pública do Brasil. Essas ideias tomam corpo na renovação da concepção de educação e na implantação de novos métodos de ensino. A universalização de uma educação para todas as classes sociais, projeta a escola no centro dos processos de transformação social e cultural, que chegam ao Ocidente nos séculos XIX e XX. O movimento de modernização da educação brasileira iniciou-se no final do século XIX, mais precisamente com o advento da República, estendendo-se às primeiras décadas do século XX, quando o país passava por inúmeras transformações, do ponto de vista político, social e econômico. Tal fato trouxe repercussões na educação brasileira, gerando discussões e debates em torno da precariedade de ensino da organização escolar, do atraso dos métodos e processos de ensino, por meio da circulação de conhecimento educacional.

Discussões políticas e educacionais produzidas no Brasil nas décadas de 1920 e 1930, possuíam relações pedagógicas com ideias liberais e republicanas de transformação social, através da educação. A Educação Nova, proposta nas primeiras décadas do século XX, foi encarada como instrumento de reconstrução da sociedade brasileira, mediante o refazer educacional, cujos ideais são similares com os ideais de reconstrução da sociedade, e a educação é a única forma de fazê-lo.

Partindo do contexto aqui relatado, podemos compreender o Museu, ora em discussão, a partir de seu caráter pedagógico. Sua intencionalidade expressa a função de defender e transmitir ideias que, dentro do contexto exposto, relacionavam-se ao nacionalismo e ao regionalismo, como presenciamos na nossa pesquisa sobre este museu; a seleção das peças nos orienta a pensar na postura teórica que influenciou a escolha dos objetos, pensando sobre formas educacionais de doutrinação, tão presentes naquele momento entre os anos de 1930 e 1950, onde havia uma intensa disputa entre as teses conservadoras e progressistas.

O interesse do Museu Nacional, ao aconselhar a criação de museus escolares voltados para a história natural, era que a escola desenvolvesse no aluno novos horizontes, a visão de mundo, o gosto pelo estudo da natureza que os cerca, inculcando-lhes hábitos de observação, preservação da natureza e raciocínio. Em relação à organização destes museus, adverte que o próprio aluno deve participar do trabalho prático de organização do mesmo, adquirindo materiais e objetos da própria região. O que caracteriza como museu pedagógico.

[...] partidários dos que afirmam que é melhor mostrar que falar, eis acompanhada de todo material para exemplificar [...] sempre senti imenso ver museus escolares, apenas iniciados, eram logo abandonados, em sua maioria, conservado longe do alcance dos alunos – verdadeiros túmulos de espécies raras [...].

O museu moderno nunca estará organizado, isto é, realizado em definitivo, porque evolui continuamente. Mesmo porque o definitivo no fim do tempo ficaria visto e não despertaria o interesse, característico da escola moderna.

Se um dos fins do estudo das ciências é despertar nas crianças o gosto e o interesse pela natureza, poucas devem ser as lições formais nesse particular; muitas, porém, os trabalhos de observação não só em classes como em contacto com a natureza.

O museu escolar é assim, um dos maiores, senão o maior auxiliar do professor, interessado na aprendizagem de seus alunos. (REVISTA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1933, p. 12).

Segue abaixo texto elaborado pelo aluno Sebastião da Paixão do 1º ano complementar da ENR de Juazeiro do Norte, fazendo referência ao artigo cujo tema é: *O Museu Vilas Nova Portugal*, publicado no jornal *O Lavrador*. Este pertencia ao Clube Agrícola da Escola, era um jornal amplamente utilizado por pesquisadores interessados na história da escola e, neste sentido, tem dado grande contribuição. Apresentaremos o texto parafraseando o autor e, ao mesmo tempo, intercalando com as fotografias e respectivos comentários, apresentando os arquivos que eram expostos no Museu:

A Escola Normal Rural, estabelecimento recenfundado, possui uma instituição que patenteia a capacidade criadora do sertanejo que luta, perdido pelos nossos invios sertões onde escassa é a instrução: é o museu escolar Vilas Nova Portugal. Iniciemos pela mais linda palmácea do Nordeste, grande apego do homem rural – a carnaubeira. Planta cerífera, da raiz as folhas tem sua utilidade.

Vegetando nos terrenos baixos, algumas vezes salitrosos, ela com seu porte altaneiro, quantas impassível às tempestade, e com as palmas abertas ‘quaes mãos ardentes’ resistem, verdejantes aos embates da canícula nos tormentosos dias de seca, além do fogo, que ateadado por desumanas mãos lhe cresta as folhas e do machado hostil do lavrador que lhe põe abaixo. Seu fruto, aprecia-o o homem, que dele faz o sucedendo do café, o gado, pássaros [...].

Representada estava no museu por uma imensidade de produtos tais como: chapéus, esteiras, sertões e nacos, tecidos da folha, bolças, espanadores, vassouras e velas da cêra que é a melhor matéria prima, no fabrico de discos de vitrolas. A raiz altamente medicinal é poderoso depurativo. (PAIXÃO, 1934b, p. 3).

Foto 4 – Artesanatos confeccionados pelos alunos



Fonte: Museu Padre Cícero (2013), arquivo pessoal (2014).

O Museu Padre Cícero expõe grande quantidade de coleção de sementes de cereais, cultivados no município. “E à medida que se vai correndo o olhar pelo salão” pode-se perceber uma grande quantidade de recipientes com álcool, conservando diversos répteis e ofídios, alguns dos quais de grandes proporções.

Foto 5 – Variedades de animais e fósseis



Fonte: Museu Padre Cícero (2013), arquivo pessoal (2014).

De forma assustadora, os alunos observam repousado em um dos bancos, em couro curtido de 5 a mais metros, de serpente (cobra de veado), morta nos arredores do município.

Foto 6 – Serpente



Fonte: Museu Padre Cícero (2013), arquivo pessoal (2014).

Da indústria manufactureira local, foi exposto, do mais rude artefato de barro às “finas drogas, perfumes e medicamentos eximamente confeccionados”, não obstante à falta das boas máquinas que auxiliam aos grandes industriais, tornando barato o custo do produto.

Foto 7 – Drogas, perfumes e medicamentos



Fonte: Museu Padre Cícero (2013), arquivo pessoal (2014).

Mesmo assim, sobressai ali um número enorme de óleos diversos da nossa rica flora, extraídos por processos antiquados e postos ao mercado em grande escala, por preços geralmente ínfimos.

Grande quantidade de pedras de minérios e cristais, como sejam: ferro, colares, estanho, cobre, peróxido de ferro, enchem as prateleiras. Ossos fossilizados de um animal gigantesco repousam nas estantes.

Foto 8 – Ossos fossilizados de um animal



Fonte: Museu Padre Cícero (2013), arquivo pessoal (2014).

É o labor do nosso anônimo cooperador, que aparece aqui e ali, que oferece nos mais variados assuntos para comentários interessantes, tais como: “duas obras d’arte, executadas por filhos do município: planta da basílica que o Rvdm. Pe. Cícero começou a construir no

cimo do aprasivel e pitoresca colina do horto: confeccionada em flandres e uma pequena locomotiva, também do mesmo metal. [...]” (PAIXÃO, 1934a).

Foto 9 – Planta da Basílica que o Rvdm. Pe. Cícero idealizou



Fonte: Museu Padre Cícero (2013), arquivo pessoal (2014).

Mármore artificial, mosaicos e mil e um outros artificios manufaturados pela nossa gente, existem no museu Vilas Nova Portugal demonstrando o quanto este povo ignorado fará pela nação, quanto esta um dia o alfabetizar.

Sobre história podemos apreciar plantas e croquis da revolução rabelista do Ceará. Espadas, bacamartes, medalhas condecorativas da guerra com Paraguay, miniaturas, capacetes de aço – comemorativas da grande guerra e quadros com fotografias de vultos preeminentes da política nacional. A sociedade dos amigos de Alberto Torres faz juz aos nossos sinceros agradecimentos pela quantidade de sementes e mapas que tem enviado para nosso museu e para o Club Agrícola. (O LAVRADOR, 1934).

O depoimento apresentado foi importante para a localização que fizemos do acervo que fazia parte deste museu. O artigo do jornal O Lavrador, que apresentou este depoimento, foi o indício que nos levou ao Museu Padre Cícero, situado na Rua São José, em Juazeiro do Norte, local onde até hoje se encontra boa parte deste acervo ao qual faz menção.

O acervo do museu, apresentado nas fotografias, cumpre uma proposta museológica inserido em seu tempo e nas ideologias sociais e educacionais, que formavam a sociedade de então, portanto, os objetos museais são frutos de uma narrativa construída a partir das teorias que envolviam os intelectuais da época, responsáveis pelas políticas educacionais. A ação educativa dos museus deve cumprir o papel de mediador e instigador de reflexões críticas sobre os objetos expostos.

A falta de preparo intelectual dos educadores que fazem o papel de intermediar a relação do visitante com o objeto exposto, talvez tenha sido um dos obstáculos que impediram

o sucesso da educação ofertada pelo Museu Vilas Nova Portugal, pois o esquecimento desta instituição educativa e o pouco tempo de funcionamento, são indícios destas suspeitas.

Pierre Nora (1993), nos inspira a observar que a memória coletiva, relata a experiência vivida pelos grupos e o que estes fazem desta memória. Portanto,

Pesquisa, salvamento, exaltação da memória coletiva não mais nos acontecimentos mas ao longo do tempo, busca dessa memória menos nos textos do que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas; é uma conversão do olhar histórico. Conversão partilhada pelo grande público, obcecado pelo medo de uma perda de memória, de uma amnésia coletiva, que se exprime desajeitadamente na moda retrô, explorada sem vergonha pelos mercadores de memória desde que a memória se tornou um dos objetos da sociedade de consumo que se vende bem. (LE GOFF, 2003, p. 466).

Para Foucault (1987), a relação poder e saber difere da mesma relação em lugares diferentes. Na formação da sociedade capitalista, por exemplo, uma técnica emerge chamada de exame. Nesta técnica, o poder lê cada corpo, cada indivíduo e os coloca numa rede de anotações, descrições, para medi-los, compará-los e fixar normas. Não há objetos naturais, tudo é histórico, fabricado. Portanto, os objetos no museu criam espaços culturais/educativos, estabelecem comunicação com o público, produzindo significados a partir de suas propostas educativas, entre outros aspectos.

Percebemos que a cada dia se criam e ampliam as atividades em museus, tanto a pesquisa quanto as práticas educacionais relacionadas às exposições, tornam-se cada vez mais um espaço de produção do conhecimento. Porém, quando nos deparamos com a realidade educacional da cidade em foco, percebemos que não há uma exploração adequada no que se refere às possibilidades culturais e didáticas desses espaços; como também não encontramos indícios de utilização de políticas governamentais de valorização do patrimônio cultural, especificamente o educacional.

O acervo do primeiro museu da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte retrata a utilização do mesmo como processo pedagógico, que atendia às Políticas Nacionais de Educação, voltadas para um paradigma de valorização da ciência e da memória nacional. Portanto, justifica o grande número de artefatos expostos.

Os pássaros fotografados eram, na verdade, empalhados pelos próprios alunos; alguns artefatos foram adquiridos por meio de doação, trazidos em excursões realizadas por Amália Xavier Oliveira ou doadas por artistas e outros cooperadores.

Foto 10 – Pássaros empalhados pelos próprios alunos (1)



Foto 11 – Pássaros empalhados pelos próprios alunos (2)



Fonte: Museu Padre Cícero (2013), arquivo pessoal (2014).

O Museu Nacional orientava os professores para despertar nos alunos a importância de criar museus da escola primária, indicando que o mesmo deve ter o que há de mais comum na região em que vivem as crianças, para os quais ele é criado. Os seres de outras regiões deveriam ser apresentados por meio de fotografias ou estampas.

No caso do Museu Vilas Nova Portugal alguns animais que vinham de outras regiões eram empalhados. Os alunos eram os grandes colaboradores da organização dessas coleções, que orientados pelos professores, seguiam um plano de organização elaborado pelo Museu Nacional (VALENTE, 1933).

[...] Folgo em declarar que, por intermédio do professor Mello Leitão, com quem já tive a honra de publicar um estudo sobre hortos didáticos para Escolas Normais, a diretoria da educação do Distrito Federal se dignou pedir-me um trabalho relativo à ‘Parques Escolares’ tendo em vista projeto em estudo pelo professor Anízio Teixeira. (VALENTE, 1933, p. 14-15).

A construção dos “Parques Escolares” faz parte das atribuições do Clube dos Amigos da Natureza, que estava inserido em um projeto maior de educação das crianças, em favor da preservação de nossos recursos naturais. Estas lições sobre a natureza se espalham por todas as Escolas Normais no Brasil. Na ENRJN, por exemplo, tínhamos ao lado da quadra de esporte e bem próximo da sala do “Jardim da Infância” um espaço verde, contendo pequenos animais e diversificadas plantas ornamentais, medicinais, bem como, árvores de grande porte, na maioria frutíferas.

Vejamos abaixo fotografias de animais que vinham de outras regiões e passaram a fazer parte do acervo do Museu Padre Cícero:

Foto 12 – Jacaré



Foto 13 – Tucano



Fonte: Museu Padre Cícero (2013), arquivo pessoal (2014).

Conforme Maria da Glória Valente, em artigo publicado na Revista de Nacional de Educação (RNE), os elementos que constituem estes museus são os minerais, vegetais, animais, entre outros. Quanto aos minerais, estes são considerados, segundo a autora, as peças mais fáceis de se obter, basta que os professores escolham as amostras mais interessantes que os alunos colherem. Cada aluno deve escrever no rótulo da amostra colhida: o lugar onde foi achado o exemplar, a data e o nome do colecionador (VALENTE, 1933).

Colhido um certo número de amostras minerais, o professor levará ou enviará tudo ao Museu Nacional, para que sejam identificados ou classificados. As amostras colocadas em pequenas caixas de papelão, providas das indicações apontadas, serão o núcleo da secção de mineralogia do museu escolar. As próprias caixinhas poderão ser fabricadas pelos alunos, o que é de grande alcance educativo, porque desenvolve o espírito de cooperação, havendo por parte de todos os alunos a preocupação com a melhoria do mostruário (VALENTE, 1933).

Foto 14 – Espécies variadas de minerais



Foto 15 – Espécies variadas de animais marinhos



Fonte: Museu Padre Cícero (2013), arquivo pessoal (2014).

Foto 16 – Artesanatos indígenas (1)



Foto 17 – Artesanatos indígenas (2)



Fonte: Museu Padre Cícero (2013), arquivo pessoal (2014).

As fotos mostram artesanatos confeccionados pelos alunos, utilizando como matéria prima a carnaubeira. Trata-se de uma planta de grande significado regional, nela de tudo se aproveita da raiz às folhas; ela foi e ainda é utilizada por artesãos da cidade. O museu guardava vários artigos confeccionados pelos alunos a partir desta planta. Das palmas se fazia chapéu, esteiras, surrões, sacos, tecidos, bolsas, espanadores, vassouras, velas da cera que é a melhor matéria prima para o fabrico de disco de vitrola. Hoje é utilizado, também, para fabricação de peças de computadores. A Escola exhibe, até hoje, três históricas carnaubeiras em sua fachada.

2.5 Lembranças do Museu Vilas Nova Portugal

A história da criação dos museus, ao longo dos séculos, fornece elementos para que possamos entender o significado do objeto museal. Relembrando o papel do colecionismo entendemos sua influência no processo de institucionalização dos museus. Assim, temos o movimento enciclopedista, os gabinetes de curiosidades, o Renascimento, o Iluminismo e, como ponto de chegada e de partida, podemos destacar a Revolução Francesa, que culminou com a criação dos mais importantes museus da Europa. Em um processo de circularidade da cultura chega ao Brasil já inserido em contextos de discussão que envolve: o papel do objeto museal e o distanciamento com a cultura popular; em outro momento, apresenta grande preocupação com a cultura de elite, a memória e a identidade. Este balanço que envolve a função do museu faz parte do universo de investigação científica, sobre o qual nos debruçamos, para entender a função educativa dos museus, por meio do objeto museal.

De acordo com a UNESCO-ICOM (1972, p. 3), os objetos museais adquiridos devem se enquadrar nas seguintes categorias:

- a) Objetos reconhecidos pela ciência ou pela comunidade na qual possuem plena significação cultural, tendo uma qualidade única e como tal sendo inestimável;
- b) Os objetos que embora não sendo necessariamente raros tenham um valor que derive de seu meio ambiente cultural e natural.

Neste sentido, o objeto, enquanto peça de museu, parece estar fora do contexto original de sua criação e utilidade; é atribuído a ele um valor diferenciado do seu contexto, embora “derive de seu meio ambiente cultural”. A memória e o museu devem ser discutidos a partir do que Halbwachs (2013, p. 39) propõe como memória coletiva:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.

O sentido educativo do museu deve ser encontrado na relação do objeto museal com os vínculos que estabelece com o homem e, através dele, entender os processos históricos onde estão inseridos, no momento de sua criação e utilização pelo homem, tendo como princípio que a cultura não é neutra. Nesse ínterim, lembrando Ramos (2004, p. 15), quando diz que não há museu inocente:

Qualquer exposição tem autores que trabalham a partir de certos pressupostos, explicitados ou não. Desse modo, o que mais interessa é saber o direcionamento que foi adotado. É preciso saber o sentido que se dá a prática pedagógica. Se o parâmetro é o exercício da reflexão crítica, o mais comum é ver a existência de espaços e publicações que vendem anti-educação como se fosse educação.

Da mesma forma que Cancline (1983) fala sobre a exposição museal, entendemos que as nossas escolhas de trazer ao público os museus de Juazeiro do Norte, indica o lugar de onde falamos e a nossa intencionalidade como educadores. Portanto, o objetivo é encontrar um meio para que, através da pesquisa, o visitante do museu chegue ao processo de produção do conhecimento, tendo como caminho a produção cultural do homem, que não é dissociada da rede de relações sociais, políticas e econômicas, na qual foi produzido, tendo um significado cultural de uso e função não apenas no passado, mas, também, no presente.

Indicando uma importante preocupação com a memória, o acervo aqui exposto foi doado pelo padre Cícero à Congregação Salesiana, como fizera com todos os seus bens, por meio de Testamento, embora estes não tenham entrado no seu espólio, fato que dificultou

encontrar estas informações sobre o museu. Porém, sabemos por meio de um ex-aluno, Cícero Eder da Silva, que devido à falta de espaço para acomodação do acervo, este foi, mais tarde, doado pelos Salesianos à professora Amália Xavier de Oliveira. A história do museu, contada em artigos de jornal e pela lembrança de ex-alunos e ex-funcionários, mostra que este foi entregue ao Museu Padre Cícero, que se encontra instalado na mesma casa onde o patriarca viveu os seus últimos anos de vida. A casa passou a ser considerada museu na sua inauguração, ocorrida em 7 de setembro de 1952, ocasião em que foi aberto ao público para visita¹⁷.

São poucas as pessoas que se lembram do MVNP, até mesmo os antigos funcionários da ENRJN tem dificuldades de lembrar, o que faz pensar que este não desempenhou a sua função de forma efetiva, que seria civilizadora e pedagógica, fato comprovado pelo ex-aluno e ex-funcionário Antônio Gomes dos Santos, que em entrevista relata as suas lembranças da antiga escola, como exemplo, a existência do Museu Vilas Nova Portugal. Esta foi a entrevista mais importante em termos de achados sobre o museu. As suas informações nos levaram a encontrar novos documentos acerca da história da Escola, os quais revelaram de forma inédita a existência deste museu.

Antônio Gomes dos Santos é um ex-aluno que estudou na Escola desde 1957. Era filho de um funcionário do Sítio Logradouro, de propriedade da família da professora Amália Xavier de Oliveira e, também, ex-diretora da Escola. Não completou seus estudos, passando a ser funcionário da ENRJN como Auxiliar de Serviços, onde permaneceu por 50 anos. Em suas lembranças situou o local onde funcionou o Museu:

O nome do museu era escrito com letras em Azulejo: Museu Vilas Nova Portugal; ficava a maior parte do tempo fechado, proibido de visita^{ção} por alunos e alguns professores.

Eram selecionados os professores e funcionários que poderiam entrar naquela sala, devido o reconhecimento da grande importância que tinha aquele acervo. O mesmo continua falando sobre os artefatos do museu:

Havia ossos de animais gigantescos, pássaros que pareciam vivos, fotos de personagens importantes, entre outros objetos. Os alunos fabricavam sabonetes e perfumes, que ficavam expostos nesta mesma sala.

A veracidade da existência desta sala pode ser comprovada, também, por meio do artigo escrito pelo aluno Sebastião da Paixão (1934b), no o jornal *O Lavrador* (ano I, n. 3, de 21 set., 1934), como apresentamos anteriormente. O aluno afirma, em seu artigo, que todo o

¹⁷ Mais informações em: <www.juazeiro.ce.gov.br/Cidade/Museu-do-Padre-Cicero>.

material produzido pelos alunos como: sabonetes, perfumes e medicamentos, de forma artesanal, promoviam o barateamento do produto, o que dava condições de acesso por todos a esses artigos de higiene corporal.

Para Malinowski (1976), a satisfação das necessidades orgânicas ou básicas do homem e da raça é um conjunto mínimo de condições importantes a cada cultura. Os problemas apresentados pelas necessidades nutritivas, reprodutivas e higiênicas do homem devem ser resolvidos. Elas são solucionadas pela construção de um novo ambiente, secundário ou artificial. Esse ambiente, não é mais nem menos do que a cultura propriamente dita, tem de ser permanentemente reproduzida, mantida e administrada. Isto cria o que podia ser descrito, no sentido mais amplo da expressão, como o novo padrão de vida, que depende do nível cultural da comunidade. A tradição cultural tem de ser transmitida de geração para geração.

Podemos enumerar parte do acervo deste museu: vidros cheios de álcool conservando diversos répteis, alguns de grande proporção; finas drogas; medicamentos produzidos pelos próprios alunos; grande quantidade de pedras de minérios e cristais; ossos fossilizados de animais gigantescos; planta da Basílica que o padre Cícero pretendia construir na colina do Horto; plantas e croquis da Revolução Rabelista, que aconteceu no Ceará, em 1914; espadas, bacamartes e medalhas condecorativas da Guerra do Paraguai; pássaros empalhados utilizando a técnica de empalhamento que os alunos aprenderam na escola. Estes artefatos construídos pelos alunos serviam para o reconhecimento da diversidade da fauna e da flora brasileiras. Todos estes objetos faziam parte do acervo do museu.

Observamos que o referido museu tinha importante função civilizatória para o contexto histórico, no qual foi construído, em termos de educação, construção e preservação da memória nacional e regional. Podemos relacionar os museus escolares em questão com a ideia apresentada pelos autores que falam sobre *Cultura Escolar*, destacando Julia (2001) quando diz que estes constituem uma forma de entender o tempo e o ensino, o que nos leva a conhecer, também, as relações conflituosas ou amistosas que a mantém em sua trajetória histórica. Para tanto, ela descreve a cultura escolar:

[...] como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. (JULIA, 2001, p. 75).

Valba Gondim de Sousa, ex-aluna, ex-professora e ex-diretora da ENRJN, nesta última função, ficou durante oito anos, no período que compreende o final da década de 1970 e início da década de 1980, diz em depoimento:

Sinto-me gratificada por tudo que no limite do possível consegui reslizar, na jornada de oito anos como diretora e trinta anos como professora em sala de aula. Cada lugar, cada espaço da Escola Normal Rural conheço como a mim mesma. Escola que surgia em meio a novas políticas educacionais onde havia a necessidade de criar ambientes diferenciados para as aulas práticas: bibliotecas, museus, campo agrícola, pilotão da saúde e tudo isso, fez parte dos ideais das novas políticas educacionais. A Escola Normal Rural de Juazeiro é produto do Movimento Escolanovista (VALBA GONDIM DE SOUSA, set. 2014, Entrevista).

Ao falar sobre o Museu Vilas Nova Portugal a professora Valba Gondim diz que este era um espaço privilegiado e que eram escolhidas as turmas de alunos, funcionários e professores que tinham o direito de visitação a este ambiente. Esta seleção de visitantes acontecia devido à importância que era atribuída ao acervo e, ao mesmo tempo, o medo de que este viesse a ser danificado. Quando a mesma foi interrogada sobre a origem do nome do museu, falou que desconhecia a razão deste nome, da mesma forma que aconteceu com os demais entrevistados.

Outro entrevistado foi o Sr. José Jakson de Matos, ex-aluno. O mesmo ingressou na ENRJN em 1936, cursando o “primeiro ano fraco”; nesta escola concluiu o curso primário, depois se transferiu para o Colégio Salesiano de Juazeiro. Ele disse que todos os filhos de família tradicional estudaram neste colégio, que era destinado apenas aos rapazes. Falou sobre a disciplina rígida da educação na ENRJN. Lembrou que todos os dias, antes de começar a aula, os alunos ficavam reunidos no pátio aguardando o toque de entrada para iniciar as aulas e obrigatoriamente cantavam o Hino Nacional. Após a execução do hino, os alunos em fila se encaminhavam para as salas de aula, para realizar a oração inicial, que era uma prática diária.

Falando ainda sobre o Museu Vilas Nova Portugal, ele relatou que nunca entendeu a razão das visitas, pois ao entrar na sala do museu, as crianças observavam os objetos expostos e eram recomendadas a não tocá-los. Não havia nenhuma explicação por parte do professor que as acompanhavam e, posteriormente, as retiravam da sala. “*Mais parecia um amontoado de cacarecos*” (expressão utilizada pelo aluno).

O museu de ciência, aqui retratado nas fotografias, esteve presente no ensino como um recurso para auxiliar os professores nas aulas de ciências, conforme a legislação vigente, mesmo que de forma seletiva, como afirmou a professora em sua entrevista.

Parte do acervo do Museu Vilas Nova Portugal ainda pode ser encontrado no Museu Padre Cícero, localizado na rua São José em Juazeiro do Norte-CE.

O ex-aluno José Jaime Bezerra de Melo, que ingressou na ENRJN nos anos de 1930, fez questão de falar sobre a importância do museu na formação e conhecimento dos alunos, que por meio do acervo ali exposto, entravam em contato com o conhecimento de outras realidades históricas e geográficas. Lá existiam sementes diversas, originárias de outras regiões do Brasil, assim como pássaros que os alunos e a professora Amália Xavier de Oliveira traziam de outras regiões, aproveitando as viagens realizadas. Vale lembrar que as excursões eram uma prática constante naquele estabelecimento de ensino.

4 A SALA DE MEMÓRIA AMÁLIA XAVIER DE OLIVEIRA

Como vimos, os museus escolares foram criados para atender necessidades de um dado momento histórico-educacional e que tinha em sua trajetória de criação, diversos tipos e objetivos. A nossa pesquisa teve a oportunidade de apresentar um museu com esta finalidade histórica e, também, abarcar uma nova concepção que cria museus escolares preocupados com questões relacionadas ao patrimônio escolar.

De acordo com Marandino e Ianelli (2012), a partir da década de 1980, a concepção educativa das exposições em museus de ciências foi muito influenciada pelas teorias educacionais construtivistas, que enfatizam o papel ativo do indivíduo na construção de seu próprio aprendizado e afirmam que a aprendizagem é um processo dinâmico, que requer uma interação constante entre o indivíduo e o ambiente. Neste sentido, ganha destaque, entre outras, as ideias de Howard Gardner sobre as múltiplas inteligências, as quais influenciaram as abordagens educacionais das exposições.

Neste capítulo vamos nos dedicar a apresentação da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira enfocando, inicialmente, sua história e importância. Trata-se de um museu criado a partir da iniciativa particular de ex-alunos, ex-professores e docentes da ENRJN, preocupados com a dispersão dos documentos, mobiliários e do próprio edifício que foi construído na década de 1930. Esta instituição possui uma identificação com a história e a sociedade juazeirense e hoje encontra-se em vias de desaparecimento de sua história, visto que não há uma política de conservação desta escola, nem um reconhecimento oficial como patrimônio histórico representativo da história educacional da cidade.

Foto 18 – Fachada da ENRJN em 2015 (1)



Foto 19 – Fachada da ENRJN em 2015 (2)



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

A SMAXO foi inaugurada no dia 13 junho de 2008, encontra-se instalada no espaço em que funcionava a primeira diretoria da antiga ENRJN (conforme foto abaixo), ocupada inicialmente pelo Diretor Plácido Aderaldo Castelo e, posteriormente, por Amália Xavier de Oliveira. Este ambiente escolar foi transformado, por volta dos anos de 1970, no Centro Cívico Carneiro de Mendonça (A ESCOLA..., 1984). Mais tarde, com a extinção deste centro, a sala ficou inativa por alguns anos, passando a ser ocupada, desde 2008, pela Sala de Memória em referência. O prédio da antiga escola constitui um espaço amplo, onde se encontram sete salas de aula, um auditório, uma praça e um pátio de recreação, cujo espaço ainda aparece em sua arquitetura original.

Foto 20 – Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira (SMAXO) em 2014



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Em seu acervo encontram-se peças que pertenceram a ENRJN, doações diversas da comunidade e uma série de documentos da Secretaria da Escola, bem como, entrevistas gravadas com ex-professoras, especialmente aquelas que trabalharam nas primeiras turmas das décadas de 1930 a 1960, entre outros.

As fotos abaixo apresentam a parte interna do prédio, que ainda está em pleno funcionamento. Do lado esquerdo temos a fotografia da Praça 13 de Junho, conhecida como Praça dos 20 anos, devido a mesma ter sido construída por ocasião da data comemorativa dos 20 anos de fundação da Escola. A foto do lado direito apresenta as salas de aula, sendo que na primeira sala (à direita) funcionava o MVNP.

Foto 21 – Praça 13 de Maio



Foto 22 – Salas de Aula e Pátio Recreativo



Fonte: Arquivo pessoal (2015).

Quando nos reunimos para criar a SMAXO tínhamos a preocupação com a historicidade e memória da Escola, numa união de intenções que considerávamos relevante o espaço que ocupava a educação e o ensino, entre outros elementos que a pesquisa possa revelar. O que implica dizer que a experiência desses professores é tributária de um saber prévio sobre o objeto que se deseja salvaguardar.

Nesta proposta de preservação patrimonial, pretendemos fomentar ações que vão além do conservacionismo; acreditamos que o museu é um espaço para ações críticas e criativas, um ponto de partida para realização de novos saberes. Portanto, a consciência patrimonialista deve ser trabalhada na escola para alcançar toda a sociedade em qualquer instância, vendo nesta ação uma forma positiva de acabar com a destruição dos bens culturais. As fotografias expostas anteriormente mostram o atual estado de conservação da Escola e a necessidade de preservação.

O que percebemos hoje, em Juazeiro do Norte, são algumas vozes solitárias, como por exemplo, o professor e historiador Daniel Walker, que publicou em seu *Blog* fotografias mostrando a destruição do patrimônio cultural da cidade em pleno aniversário de seus 100 anos de fundação.

[...] o desenvolvimento dos museus de ciências e tecnologia de caráter interativo no Brasil, segue do movimento internacional de criação dos *sciences centers* que buscavam em seus propósitos ultrapassar o aspecto marcante de preservação de artefatos da cultura científica e tecnológica até então presente nos museus de História Natural. A dinâmica principal observada nos centros de ciências foi o trabalho de criar objetos correlatos aos artefatos tecnológicos, culturais e sociais, isto é, o foco da exposição não estava unicamente na musealização de um objeto testemunho, mas na criação de um objeto próprio para a apresentação de um conceito ou produto tecnológico. Esta prática museológica tornou-se uma possibilidade de acesso às redes de produção de conhecimentos e de fruição cultural, a partir de novos objetos abrindo, assim, a possibilidade de novas formas de práticas educativas. (VALENTE; CAZELLI; ALVES, 2005, p. 153).

Esta Sala de Memória foi pensada com o objetivo de resgatar a história da ENRJN, utilizando os bens culturais, por ela produzidos, ao longo dos anos de seu funcionamento. A atual Escola Estadual de Ensino Profissionalizante Professor Moreira de Souza (EEEEPPMS), não conhece as suas tradições e a sua importância para a região do Cariri. Este estudo constitui uma tentativa de rememorar momentos relevantes para a formação da sociedade juazeirense, que neste mesmo espaço vem ofertando educação profissionalizante desde 1934.

A ENRJN ficou conhecida por ter sido extemporânea, por antecipar valores na época ainda sonhados por educadores e postos em prática nesta instituição de ensino, situada na zona sul do Estado do Ceará.

De maneiras diversas, o mito do Ruralismo Pedagógico foi instituído. A ENRJN estabeleceu uma cultura formativa docente permeada de aspectos míticos. O professor lá formado era símbolo do cumprimento de uma vocação histórica, pois, se o Brasil era compreendido como um país rural, o professor ruralista era o protagonista para a resolução do problema do êxodo rural; ou seja, de formas diferentes (significantes), imprimiu-se o mesmo significado para vivência no campo: ambiente pleno de possibilidades de riqueza e crescimento do Brasil, conferindo ao agricultor a identificação de legítimo brasileiro. O discurso formulado pelos sujeitos pertencentes à ENRJN e a concretização feita deles, por meio das práticas, dos ritos vivenciados, constituiu um modelo de homem do campo e estabeleceu o Ruralismo Pedagógico como mito. (VARELA, 2012, p. 8).

Vejamos o significado de criação desta Sala de Memória, por intermédio de uma entrevista realizada no ano de 2008 com uma ex-aluna e ex-diretora da ENRJN, tendo como documento uma carta de agradecimento, publicada no Blog da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira:

Centro Educacional Professor Moreira de Sousa. Meus agradecimentos por haver sido lembrada para fazer parte do elenco que documentou, em parte, a vida de tão renomada Escola Normal Rural. Senti não comparecer a tão requintada festa, pois meu estado emocional somou muitas coisas que justificou a ausência. Dessa querida escola, fui aluna desde o terceiro ano primário, professora, vice-diretora e diretora geral. Foi ai, que aprendi a valorizar as pessoas e a amar a ecologia da terra. Tivemos uma formação eclética onde se beneficiava da instrução e do traquejo. Parabéns de modo especial a comissão organizadora que fez um trabalho de estirpe. (SOUSA, 2007, p. 1).

Podemos articular a ideia de museu e educação repensando o papel da sociedade atual, quando verificamos que estamos passando por uma crise de memória. Acreditamos nos resultados positivos que a institucionalização dessa memória traz para o processo educacional, pois possibilita estabelecer um elo entre museu, educação e patrimônio cultural. Assim, a criação de um museu como representação de uma determinada cultura, está a serviço da sociedade e permite participar da formação da consciência patrimonial das comunidades,

situando suas atividades em um quadro histórico que permite esclarecer os problemas atuais, ligando o passado ao presente (BARÃO *apud* ABREU; FERREIRA JÚNIOR, 2007).

Criar esta cultura de preservação do patrimônio seria uma forma de evitar a desnecessária e criminosa demolição do prédio, como já foi cogitado por uma das gestoras da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (19ª CREDE) de Juazeiro do Norte-CE, através também do ex-prefeito da época, para erguer um prédio de aspecto mais moderno.

A história do Ocidente, em especial, é permeada por questionamentos que relacionam o antigo e o moderno, de forma conflituosa, dentro de uma oposição cultural, que trouxe importantes consequências ao desenhar a história que se desenvolveu do século V ao XIX. O aparecimento do conceito de “modernidade” constitui uma “reação ambígua da cultura à agressão do mundo industrial. Na segunda metade do século XX generaliza-se no Ocidente [...]” (LE GOFF, 2003, p. 173).

Para alcançar os objetivos da pesquisa faz-se necessário compreender, também, os aspectos teóricos e práticos da constituição de um Museu Escolar; observar a organização da Sala de Memória e os aspectos metodológicos da documentação do seu acervo histórico-pedagógico; refletir sobre o papel social deste museu na sua possibilidade de resgate de fontes e articulação de pesquisa e de pesquisadores.

Entendemos que a Sala de Memória pode ser transformada em um espaço com infinitas possibilidades de construção e reconstrução da educação, ultrapassando as paredes da escola em busca da concretização de seu papel social. É necessário pensar o museu não como um lugar de curiosidades, mas como algo vivo, estabelecendo um diálogo com o público, criando um espaço para o pensamento crítico e criativo, capaz de motivar os diversos tipos de visitantes na elaboração de novos conhecimentos.

Há a necessidade de colocarmos a escola, através do museu, em um espaço de mediação cultural, trabalhando para a construção de outra noção de espaço e tempo. Considerando o museu um espaço de educação e pesquisa, rompe-se com a visão de ser apenas um recurso pedagógico a mais para professores e alunos. É importante afirmar que tanto os museus quanto as escolas têm que mudar sua visão.

Esta Sala de Memória nasce com a tarefa de renovar seus serviços pedagógicos, pois pretende oferecer um conjunto de ações que contemple o perfil de todos os públicos frequentadores, desde seus alunos até os professores e pesquisadores, estabelecendo programas educativos permanentes que atribuam historicidade aos objetos expostos, se desvinculando de uma simples relação de contemplação.

Busca-se relacionar o campo educacional e museológico, com o objetivo de estabelecer uma relação de consciência entre o homem e o seu patrimônio, levando em consideração aspectos como: o legado de outras gerações e a formação de um referencial identitário e de cidadania. Portanto, os bens culturais devem ser preservados e, para isso, é necessário educar.

Por meio da Sala de Memória, o trabalho evidencia uma verdade indiscutível: a importância que a instituição de ensino teve e tem para a sociedade local. Meneses (1992) afirma que falar de patrimônio é também falar de valores, os quais são sempre atribuídos e historicamente marcados. Para o autor, devemos considerar quatro categorias de valores (cognitivos, formais, afetivos e pragmáticos), capazes de operar na definição do significado cultural de um bem. Os valores cognitivos estariam associados à possibilidade de conhecimento; os formais estariam ligados às propriedades materiais dos objetos físicos e suas funções estéticas; os afetivos seriam a representação das relações subjetivas dos indivíduos com espaços, estruturas e objetos; já os pragmáticos, estariam vinculados aos valores de uso. Além disso, ainda pontua que paralelamente à indagação dos valores das coisas é indispensável destacar as suas representações sociais (ideologias, aspirações e expectativas), que são as matrizes destes valores. Estas representações e os respectivos “patrimônios culturais” não podem ser abstratamente apresentados, mas devem ter lugares sociais definidos.

Nessa mesma linha de raciocínio, Gonçalves (2003, p. 121-122) assinala que:

Os patrimônios culturais são estratégias por meio das quais grupos sociais e indivíduos narram sua memória e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento, na medida mesmo em que as transformam em ‘patrimônio’. Transformar objetos, estruturas arquitetônicas e estruturas urbanísticas em patrimônio cultural significa atribuir-lhes uma função de ‘representação’, que funda a memória e a identidade. [...] Os patrimônios são, assim, instrumentos de constituição de subjetividades individuais e coletivas, um recurso à disposição de grupos sociais e seus representantes em sua luta por reconhecimento social e político no espaço público.

Reunir este acervo antes disperso, hoje em lugar específico dentro da própria instituição de ensino, foi a proposta inicial para colher e reorganizar documentos para que oficialmente contassem a história daqueles que tiveram a honra de legitimar o processo educacional de uma cidade que se desenvolvia com características diferentes das demais, criando assim meios eficazes para o desenvolvimento educacional, beneficiando a população através do acesso à educação (OLIVEIRA, 1984). Este era o sonho daqueles que souberam repousar no limiar do momento, retirando dele condições necessárias para oferecer à cidade

de Juazeiro do Norte-CE um futuro promissor, e a educação era o elemento propulsor deste progresso (SOUZA, 1984).

Foto 23 – ENRJN em 1950 (Professor Belém de Figueiredo e Grupo de Senhoras)



Arquivo: SMAXO (2008), arquivo pessoal (2014)..

Em sete anos de funcionamento da referida SMAXO registram-se visitas dos mais variados públicos, desde professores pesquisadores de instituições de ensino superior até professores da própria escola, elaborando projetos para passar a história da Escola aos alunos e à comunidade em geral.

Desde o período de instalação até os dias de hoje não existe um grupo de profissionais especializados para cuidar da Sala de Memória, são os professores da Sala de Multimeios os responsáveis por esse espaço, o que dificulta a sua manutenção e conservação. Alguns objetos que estavam expostos, os quais pertenciam a ex-alunos, foram recolhidos por eles devido à falta de segurança na guarda e conservação.

A concretização deste sonho passou por uma importante obra de revitalização do ambiente, feito pelo esforço único e voluntário do SESC de Juazeiro do Norte. A edificação passou por pequenos reparos no reboco e limpeza do assoalho. Aberturas e telhados foram recuperados e refeitos, como também a iluminação do ambiente. Nenhuma das características originais da arquitetura da Escola foi alterada, a não ser que, por segurança, no lugar onde haviam portas externas, hoje estão fechadas por tijolos.

A atual preocupação é conseguir uma equipe que trabalhe para o tombamento da Escola como patrimônio histórico. Consideramos que a mesma atualmente é importante para a cidade, sendo ponto de referência, por contar uma parcela da História de Juazeiro aos pesquisadores e à sociedade local em geral, refletindo os usos e costumes da elite educacional

juazeirense do início e meados do século XX. É capaz de proporcionar um passeio pedagógico e histórico a um dos períodos mais importantes de transformação da sociedade local. O tombamento do prédio seria a forma mais segura de manter o museu.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tombamento é ‘um ato administrativo realizado pelo Poder Público com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados’. O instrumento do tombamento foi instituído durante o governo Getúlio Vargas, em 1937, mesmo ano em que se estabeleceu as competências do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). O tombamento, como prerrogativa legal de proteção ao patrimônio, ocorreu na primeira fase da política federal de preservação, sendo o recurso mais significativo e mais utilizado nas ações do SPHAN. (MUSEUS..., 2011, p. 71).

O SPHAN sofreu algumas mudanças de orientação política, na tentativa de descentralizar suas ações. Essas mudanças, iniciadas a partir da década de 1960, tinham por objetivo fazer com que Estados e municípios atuassem de forma mais expressiva nas atividades de proteção aos bens culturais, de valor nacional e regional, e também, estimular a criação de instituições e legislações (SPHAN, 2013).

4.1 Público visitante e acervo

O público visitante mais frequente são os alunos da Escola, pois se utilizam do museu como ferramenta para a educação e conhecimento, fato que proporciona aos alunos uma forma dinâmica de aprendizagem. Assim, o museu acaba por desenvolver um papel de educador, de formador de opiniões e fonte de pesquisas, pois contamos também com alunos oriundos das Licenciaturas da Universidade Regional do Cariri (URCA) e de outras instituições de ensino superior do Ceará, como, por exemplo: Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Universidade Federal do Ceará (UFC). Recebemos, também, visitantes provenientes de universidades do Maranhão e do Piauí.

A SMAXO abriga hoje aproximadamente 50 peças que compõem o seu acervo, sendo algumas dessas recebidas por empréstimos. Este acervo é de caráter histórico-pedagógico e proporciona ao museu compor um ambiente que lembra a escola em que os alunos e alunas da cidade e de outras localidades viviam no início e em meados do século XX.

Ainda que contendo um número pequeno de objetos em seu acervo a própria construção do prédio já indica o valor do museu. Podemos encontrar vários tipos de objetos,

entre eles mobiliários (como, por exemplo, os quadros dos formandos de 1937 e 1954), bem como documentos, conforme especificados abaixo.

Foto 24 – Quadro de Formandos (1937) Foto 25 – Quadro de Formandos (1954)



Fonte: SMA XO (2008), arquivo pessoal (2014).

Este armário pertencia à biblioteca José Marrocos, fundada em 1934 na ENRJN. A cadeira ao lado era utilizada pela diretora Amália Xavier de Oliveira. O relógio que está exposto na parede foi fabricado por Pelúcio Correia de Macedo, mais conhecido como mestre Pelúcio. Ele construiu, também, os relógios que até hoje se encontram instalados na Igreja Nossa Senhora das Dores e na Coluna da Hora, na Praça Padre Cícero, no centro da cidade.

Foto 26 – Mobiliários e documentos da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira Foto 27 – Mobiliários e documentos da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira



Fonte: SMA XO (2008), arquivo pessoal (2014).

As imagens que procedem apresentam a sala onde funcionou a primeira diretoria da escola, posteriormente, abrigou o Centro Cívico Carneiro de Mendonça e, atualmente, é a Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira.

Foto 28 – Ambiente interno da SMAXO



Foto 29 – Ambiente interno da SMAXO



Arquivo: SMAXO (2008), arquivo pessoal (2014).

Encontra-se nos expositores os seguintes documentos: Ata de inauguração da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, datada de 1934; livro de ponto dos professores e funcionários dos anos de 1980; exemplares do jornal *O Lavrador*; Álbum: Súmula da História de Juazeiro, elaborado pelas alunas em 1940; Álbum: História Pátria, elaborada pelas alunas em 1937; Revista comemorativa referente ao 20º Aniversário da Escola; máquina de datilografia e calculadora; o Sino grande que anunciava a entrada e saída de alunos e mais três sinos pequenos que eram utilizados para indicar o intervalo das aulas, entre outros.

As fotografias abaixo, também fazem parte do acervo da SMAXO, onde temos representados os fundadores da ENRJN, bem como alunas da Escola perfiladas para o Desfile Cívico de 7 de Setembro de 1948 e em aulas práticas de horticultura.

Fotos 30 – Joaquim Moreira de Sousa



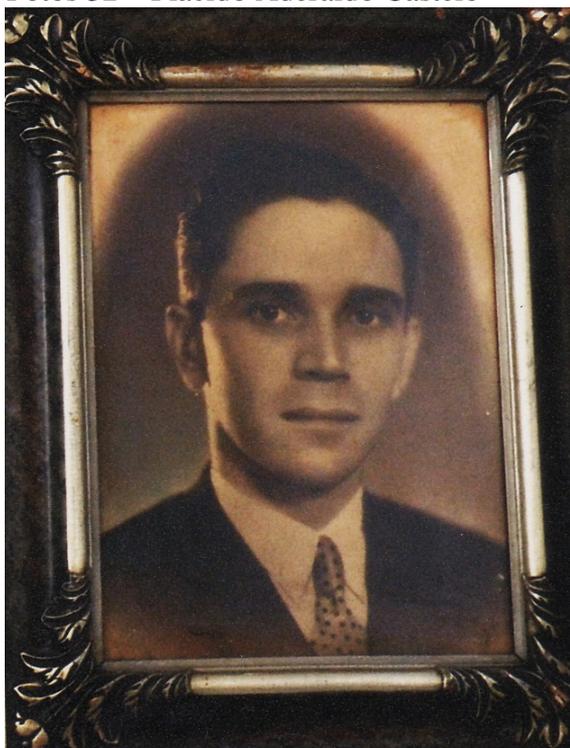
Fonte: SMAXO (2008), arquivo pessoal (2014).

Fotos 31 – Amália Xavier de Oliveira



Fonte: SMAXO (2008), arquivo pessoal (2014).

Fotos 32 – Plácido Aderaldo Castelo



Fonte: SMAXO (2008), arquivo pessoal (2014).

Foto 33 – Desfile Cívico de 7 de Setembro de 1948 Foto 34 – Aula prática de horticultura da ENRJN



Fonte: SMAXO (2008), arquivo pessoal (2014).

O quadro de profissionais do Museu é relativamente inexistente. Como frisamos, são as professoras: Socorro Linhares e Quitéria Lucia Ferreira Alencar Ribeiro (as responsáveis pela Sala de Multimeios que voluntariamente cuidam do Museu). Se pensarmos nas inúmeras atividades que devem ser desenvolvidas numa instituição deste tipo, os trabalhos com a documentação e a conservação preventiva não são aqui desenvolvidos adequadamente, bem como outras atividades museológicas, como por exemplo, exposição de curta duração, visita guiada, entre outras, não são realizadas. É necessário que hajam sempre trabalhadores especializados para as diversas áreas de atuação de um museu.

Segue abaixo fotos da inauguração da SMA XO quando estavam presentes professoras que fizeram parte da primeira turma de normalistas da Escola e as ex-professoras: Mundinha Paiva e Antélvia Cândido. Registramos também a presença de Geraldo Alves Silva, representantes da CREDE 19, Paulo Damasceno (Diretor do SESC – Juazeiro do Norte), Zuleide Fernandes Queiroz, Quitéria Lúcia F. A. Ribeiro, Agnaldo Carlos, Antônio Germano, Raimundo Araújo, bem como professores e alunos que fazem parte da Escola na atualidade.

Fotos 35 – Sessão Inaugural da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira (1)



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Fotos 36 – Sessão Inaugural da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira (2)



Foto 37 – Mundinha Paiva, Irenilce Xavier e Antélvia Cândido (ex-alunas e ex-professoras da ENRJN)



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Foto 38 – Raimundo Araújo, Pedro Barros, Antélvia Cândido, Zuleide Queiroz, Irenilce Xavier e outros



4.2 Os sujeitos da Escola e a Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira

Apesar das diversas tentativas isoladas por parte da comunidade local, ao longo dos 80 anos de existência dessa instituição e vendo a possibilidade de desagregação do patrimônio

da escola, sentimos a necessidade de salvaguardar as suas memórias. Esta necessidade concretizou-se com o trabalho de professores para resgatar a memória material e imaterial da escola.

Para organizar a coleção deste museu, iniciamos no dia 4 de dezembro de 2007 uma série de entrevistas produzidas em filmes, que hoje fazem parte do acervo da SMAOXO. Consta nestas entrevistas os depoimentos de professoras, desde a experiência que tiveram na escola ainda enquanto alunas. A primeira a ser entrevistada foi a ex-professora Assunção Gonçalves, que fez uma reflexão referente aos anos de 1930 a 1940. Nesta reflexão, enfatizou a importância da instituição de ensino para a sociedade local.

Vinha alunos de todas as partes, por isso foi obrigada a construir o internato de Amália Xavier para abrigar as alunas que vinham de outras cidades. Todas as camadas da alta sociedade, qualquer pessoa pagava 25 mil por mês, eu cheguei a pagar também. Foi quando o Governo encampou a Escola e começou a embaralhar um bocadinho. Era uma escola criada para orientar a família toda até a parte da criança que a gente cuidava. Dr. Belém era o Chefão desse trabalho, a gente visitava os doentes e procurava encaminhá-los para tratamento de saúde. (ASSUNÇÃO GONÇALVES, 2008).

No dia 12 de fevereiro de 2008 colhemos depoimentos da ex-professora e ex-diretora Valba Gondim de Sousa. Ela contou a sua história na escola, imbricada com as reformas educacionais dos anos de 1950, quando ainda era aluna, até os anos de 1980. Na ocasião da entrevista, ela doou ao museu algumas fotografias que agora estão no acervo. A idealização deste trabalho também era um sonho desejado por ela, que via a possibilidade de se tornar concreto.

Convivi de 1943 até o falecimento da professora Amália Xavier em 1984. Para dirigir três mil alunos juntei o novo com o velho, herdei dela a cara dura e a sinceridade, fiz minha parte. A escola ofertava um ensino de boa qualidade, fazia inveja ao Ceará todo. Os professores também eram de alta qualidade. Ainda acredito que a decadência da escola depende de quem está em sala de aula, se o educar não tiver responsabilidade a educação fica aquém de seus objetivos. Era muito importante o uso do fardamento escolar, fazia parte da tradição deste estabelecimento de ensino. (VALBA GONDIM DE SOUSA, set. 2008).

No dia 19 de fevereiro de 2008, a ex-professora Antélvia Cândido nos recebeu em sua residência, relatando fatos do cotidiano da escola, como a questão da disciplina, da higiene e do comportamento dos alunos, enfatizando em seu discurso a importância de preparar o aluno para o convívio social.

Fiz um concurso na época do Governador Virgílio Távora, passei a ocupar a cadeira de História, Prática de Ensino e Estágio, antes sem remuneração. No entanto, fiz um trabalho envolvida com a comunidade do meio rural, foi um trabalho maravilhoso. Trabalho de comunidade dentro da simplicidade, esses trabalhos não faziam vergonha a ninguém. (ANTÉLVIA CÂNDIDO, fev. 2008).

No dia 04 de março de 2008, fomos à residência da ex-professora Mundinha Paiva, que com toda a sua experiência adquirida ao longo dos anos transmitiu uma valorosa lição de vida, quando disse que:

Como aluna vi na Escola Normal a minha felicidade e futuro. Era uma aluna estudiosa e a Escola Normal Rural era uma maravilha. Dona Amália Xavier era diretora e foi síntese da mulher que poderia dirigir aquela instituição de ensino, possuía todos os dons, respeito, capacidade. O corpo docente a respeitava acima de tudo, assim também, como os alunos. Então, a juventude de Juazeiro tinha muito o que aproveitar, pois foi agraciada por uma tutora que lhes dava a certeza de um futuro promissor, através da educação. Eu estudava com bolsa, mas, depois que se tornou pública, aí entrou a massa de Juazeiro e, aí a coisa ficou séria (risos). A disciplina era rígida, principalmente a religiosidade, primava pela qualidade da educação, o professor tinha que ser alguém que tirava o primeiro lugar, assim era escolhida, primeiro lugar naquela época tinha muito valor. Os professores faziam cursos intensivos na Escola Normal de Fortaleza, ninguém parava de estudar. (MUNDINHA PAIVA, mar. 2008).

No dia 05 de março de 2008, a ex-professora Irenilce Xavier do Vale nos recebeu de forma carinhosa, trazendo informações sobre a trajetória da fundadora desta instituição de ensino. Fez importantes relatos sobre o amor que sentia pelo ato de educar. Em uma de suas falas, recorda a admiração e o respeito que tinha por seus alunos que, segundo ela, eram

*'A razão de ser da sua vida'.
Eu trabalhava com a disciplina Teoria e Prática no Campo, tudo era muito bonito, tinha uma horta lindíssima no campo em frente à Escola. O velho Onório, que era o nosso horticultor, era muito organizado e cuidava também da disciplina. Na quinta-feira o Monsenhor Joviniano Barreto, vigário da paróquia, às dez horas, chegava na Escola e, nós, alunos e professores, íamos para o auditório, cadeira na cabeça, sem dar um 'piu', ele fazia uma bela palestra religiosa. (IRENILCE XAVIER DO VALE, mar. 2008).*

Além das entrevistas consta do acervo fotografias do prédio, desde os primeiros anos de funcionamento até os dias atuais; Álbum da história da pátria, elaborado pelas alunas Normalistas em 1937; Álbum da ENR de 1934-1984 (elaborado por Valba Gondim de Sousa, professores e funcionários da Escola); Álbum Súmula da História do Juazeiro; Ata da 2ª sessão do clube Agrícola Sud Menuci do Grupo Rural Modelo (11 de abril de 1938); Ata da 7ª Sessão Ordinária realizada no Grêmio Literário Padre José de Anchieta da ENR de Juazeiro (15 de outubro de 1937); Boletim Informativo das Escolas Normais Rurais do Estado do Ceará (1934); Resumo Histórico da ENR de Juazeiro (1966); Registro de alunos diplomados (1937 a 1939); Registro fotográfico da estrutura do prédio da ENR de Juazeiro (2007); Exemplos do jornal *O Lavrador*; Máquina de datilografia, calculadora, relógio, sino, mobiliários; fotografias diversas.

Barros (2004) expressa a importância que teve a Escola no passado e hoje no presente para a educação da sociedade juazeirense e além-fronteiras. Tem sido surpreendente o interesse de todos que se encontram envolvidos nesse processo, em relação à proposta de Instauração do Museu da Educação na ENRJN, quer pela situação diferenciada da abordagem, quer pela busca de referenciais, o que impulsiona em levar adiante este trabalho, que embora possa parecer utopia, transformar-se-á em realidade, por meio das marcas da memória coletiva. Pretendemos garantir aos cidadãos o direito à informação, ou seja, à compreensão do passado, tornando-se luz no caminho das novas gerações. Esperamos construir um ambiente propício à reflexão, para novas práticas educativas e geração de conhecimentos.

A Sala de Memória necessita ser reconhecida pela comunidade da própria Escola como uma instituição a serviço da sociedade da qual é parte integrante e que encontra nela elementos que lhe permite formar e transformar suas opiniões e conceitos, pois a especificidade do museu está em formar uma identidade, em ser um formador de consciência crítica. Um museu que cumpre este papel é um museu interdisciplinar, ativo na sociedade e que interage com o público. Deste ângulo, podemos dizer que esta sala não cumpre ainda totalmente a sua função social, pois, falta uma comunicação maior com o grande público.

O tombamento do prédio da Escola é uma ação que se faz urgente e necessária para que as atividades de discussão e planejamento sejam orientadas por diretrizes de um bom desenvolvimento museológico.

Com base no que foi exposto, a temática 'museu escolar como meio de preservação do patrimônio', determina o debate sobre as suas contribuições e implicações na história da educação local. Segundo Hobsbawm (1998), as fontes são documentos que fornecem informações para a compreensão de um fenômeno que somente é transformado em fonte pela indagação do pesquisador, portanto, não é a origem da história, mas, o ponto de partida para a pesquisa, levando o pesquisador a descobrir e explicar o passado e, assim, construir um elo com o presente.

A utilização das fontes em suas várias formas, papéis, fotografias, entre outras, requer uma explicação sobre a necessidade de selecionar aquele material, uma vez que as intenções investigativas são influenciadas por questões do presente. É importante ressaltar a necessidade de ultrapassar a descrição do documento, evoluindo para uma história interpretativa, que se torna mais eficaz dentro de um referencial teórico capaz de reunir informações e fazer as conexões possíveis, a partir de uma boa problematização.

Ao apresentar os museus escolares da ENRJN, relacionando com a historiografia sobre museus, percebemos que os mesmos se encaixam em duas classificações distintas; o

primeiro (MVNP), constitui um museu de ciências, com finalidade civilizadora; o segundo (SMAXO), é um museu histórico, pois, a sua finalidade volta-se para a memória e preservação do acervo escolar. A Sala de Memória abriga a memória da escola, portanto, pode ser incluída na categoria de museu histórico. Trata-se de um espaço com múltiplas possibilidades, devido estar vinculado ao patrimônio escolar, à memória institucional e ao ensino, especialmente na área de História e Educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse pela idealização desta pesquisa foi discutir a criação dos museus escolares da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, por meio dos aspectos relacionados à preservação do patrimônio cultural e da memória educativa, retratando a necessidade de dar continuidade à história de vida desta instituição de ensino, através de objetos e de depoimentos de pessoas que foram, de certa forma, responsáveis pela construção deste espaço educativo.

Observamos que criar um lugar de preservação da memória, visando à constituição de uma cultura de preservação de acervos bibliográficos, documentais e artefatos, é um grande desafio, mesmo tendo conhecimento das políticas educacionais que reafirmam a educação patrimonial e com todo o apoio de instituições importantes como o Instituto Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ao percebermos que muitos dos que compõem a sociedade local não desenvolveram o hábito de preservar a história das escolas. Tais observações levaram a elaborar a pesquisa centrada na ideia de Patrimônio Escolar e, conseqüentemente, educação patrimonial e museu escolar, percebendo a sua relevância na medida em que fomos conhecendo os problemas que circundam o tema em questão.

As dificuldades apresentadas apareceram, sobretudo, no contexto de desaparecimento dos arquivos da escola, fato que demonstra o distanciamento de uma educação patrimonial e de preservação do acervo escolar, bem como na quase inexistência de pesquisas enfocando esta temática, na cidade de Juazeiro do Norte-CE. Assim, haveria a necessidade de criar espaços que viabilizem a discussão e preservação de patrimônio escolar com vistas ao conhecimento, valorização e divulgação do mesmo. Constatando tais problemas, surgem diversas questões que apresentamos a seguir.

Portanto, o estudo realizado pode contribuir para a pesquisa no campo da História da Educação Comparada. Nesse ínterim, contextualizamos a criação do MVNP a partir das ideias do *Escolanovismo* e a SMAXO, no sentido de preservação do patrimônio escolar na atualidade. A partir de então, compreendemos a importância dos objetos didáticos do MVNP para a cultura local, no início do século XX, pois aquele material selecionado que fazia parte da coleção tinha o intuito de formar uma identidade cultural, com traços regionalistas e de uma civilidade europeia.

A análise do MVNP permitiu compreender a função pedagógica do mesmo, como museu de Ciências Naturais, voltado para a formação de uma consciência social centrada no regionalismo e, ao mesmo tempo, de modernidade amparada pelas ideias de Norbert Elias e outros autores que fundamentam o processo civilizador. Foi possível compreender a forma

como as transformações sociais ocorreram ao longo do tempo e perceber que determinadas culturas e instituições sociais são construções humanas e que não devem ser naturalizadas. Faz-se necessário haver não apenas uma relevância explícita para a formação pessoal para além da relação professor/aluno, mas, também, para os membros da sociedade em sua totalidade. Os arquivos que faziam parte deste museu hoje se encontram no Museu Padre Cícero, sendo de total desconhecimento do público a origem e a história daquele arquivo.

No segundo momento, apresentamos uma reflexão crítica sobre o sentido histórico e cultural do museu, para possibilitar a compreensão do surgimento dos museus escolares no Brasil, em meio a um contexto de debates e valorização de ações relativas à educação, na perspectiva de afirmação de uma identidade nacional. O museu escolar em sua materialidade e intencionalidade, foi debatido a partir das contribuições teóricas de estudos que relacionam educação e cultura no pensamento de Fernando de Azevedo, Malinowski e outros, e, também, os marcos conceituais apontados por Norbert Elias, como já nos referimos anteriormente. O autor apresenta, entre outras questões, uma história dos costumes, analisando o desenvolvimento dos diferentes conceitos de cultura e civilização em alguns países da Europa.

Neste itinerário teórico, avançamos para o estudo de Patrimônio Escolar e, assim, encontramos elementos que comprovam que a nossa realidade aponta, também, para a necessidade de iniciativas públicas, em termos de preservação da história (não apenas educacional) e, assim, citamos o exemplo de memorialistas que são os principais responsáveis pela guarda do patrimônio cultural da cidade. Apontamos a necessidade de criação de outros museus mantidos pelo Estado ou Município, como é o caso da SMAXO, que constitui um avanço neste setor, mesmo que ainda de forma embrionária e de iniciativa dos próprios professores da escola.

Para continuidade das interpretações requeridas pela pesquisa, apresentamos o conceito de museu, patrimônio escolar e de cultura. Em seguida, explicamos a criação da SMAXO como prática de preservação patrimonial em um contexto escolar, realizado pela comunidade escolar da própria instituição. Foi desta forma que percebemos a conexão entre o papel desempenhado pelo Museu Vilas Nova Portugal e o papel que está a desempenhar a Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira.

No capítulo seguinte, procuramos conhecer os museus escolares em Juazeiro do Norte, discutindo a relação museu e escola. Para tanto, tivemos como marco inicial, o Museu Vilas Nova Portugal, onde foi possível rever como as práticas educativas desenvolvidas neste espaço museal foram retomadas por meio da criação da SMAXO e a compreensão acerca de sua importância, como espaço de preservação do patrimônio educacional, numa perspectiva

de respeito ao seu papel. Para tanto, foi necessário conhecer aspectos do desenvolvimento cultural e social de Juazeiro do Norte. Neste contexto histórico, espacial e geográfico se encontra a referida Escola, cujo perfil foi apresentado, utilizando como referência o pensamento de uma ex-aluna (Marieta Cruz Alencar) que o fez por escrito em um artigo que se encontra na revista comemorativa do vigésimo aniversário da escola. Com este artigo, conseguimos fazer uma contextualização mais detalhada, indo além da formalização que se costuma fazer, quando queremos apresentar a escola e o perfil do aluno.

Os acontecimentos que marcaram a história da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, durante seus 80 anos de fundação, conferem à mesma o direito de ser transformado no lugar de guarda de todo o acervo material e imaterial que fez e fará parte da história da educação deste município. O desenvolvimento da escola acontece simultaneamente ao da cidade, constituindo-se importante elemento colaborador da elevação do nível educacional da mesma, como desejava a diretora Amália Xavier de Oliveira, cumprindo os ideais de educação ruralista, quando o país vivenciava os momentos iniciais de consolidação de um sistema educacional nacional, dentro dos ideais do *Escolanovismo*.

Por meio de levantamento de fontes documentais, no capítulo dedicado à pesquisa empírica, procuramos conhecer os museus da ENR e assim, ao descobrir a existência do Museu Vilas Nova Portugal, encontramos parte da história da escola que parecia perdida, fadada ao esquecimento. Tal acontecimento trouxe para este estudo uma revisão dos objetivos iniciais, o que nos levou a estudar “os museus da escola”, criados em duas épocas diferentes e com objetivos também diversificados. O primeiro, como já nos referimos, foi construído sob influência do Projeto Escolanovista do Museu de História Natural, com total direcionamento de sua definição e organização em acordo com o Museu Nacional.

Inserido em novas concepções, a criação de museus faz-se para guardar a memória da escola, sua historicidade e o passado da comunidade escolar. Foi partindo desta perspectiva que analisamos a SMAXO, ou seja, vista como um espaço que guarda, conserva e expõe materiais diversos para utilização do ensino e da pesquisa científica, por guardar artefatos, documentos e imagens relativos à memória, agora transformada em patrimônio escolar.

A pesquisa nos fez compreender que a criação da SMAXO abriu a perspectiva de criar um espaço para guardar a memória da comunidade escolar, desempenhando um papel de responsabilidade social, cultural, individual e coletiva. A ENRJN ficou conhecida por ter sido extemporânea, por antecipar valores na época ainda sonhados por educadores e postos em prática nesta instituição de ensino, situada na zona sul do Estado do Ceará, em Juazeiro do Norte.

Revisitando os conceitos em relação à temática Museu Escolar, como meio de preservação do patrimônio, chega-se no debate sobre as suas contribuições e implicações na história da educação local, tendo como centro da discussão a ENRJN, considerada pioneira, em termos de inovação educacional, nesta região e no Brasil. As ideias de Hobsbawm foram importantes aliadas na construção de elementos que reforçam a importância da preservação das fontes como documentos que fornecem informações para a compreensão de um fenômeno que somente é transformado em fonte pela indagação do pesquisador, portanto, não é a origem da história, mas, o ponto de partida para a pesquisa, levando o pesquisador a descobrir e explicar o passado e, assim, construir um elo com o presente.

Mogarro (2013) e Felgueiras (2011) alertam que a criação de museus escolares, possibilitam o registro e conservação de acervos quando criam museus, arquivos e bibliotecas. Corremos o risco de ficar sem memória, quando imaginamos poder conservar toda a nossa memória educacional somente em meios eletrônicos.

A educação patrimonial na nossa realidade educativa aponta diversos problemas, porém, os estudos realizados sobre educação, no que se refere à memória, fazem surgir a necessidade de pensar uma política pública que vise cuidar dos nossos bens culturais, especificamente o patrimônio escolar, para garantir a sua preservação. Neste caso, podemos destacar como aliada a Educação Patrimonial, porque esta tem revelado cada vez mais o interesse teórico e prático, e a preservação de bens naturais e culturais para garantir certos direitos universais do ser humano, como a memória, o exercício da livre criação e o usufruto de bens culturais.

A pesquisa mostrou dificuldade de localização de fontes em Juazeiro do Norte, especificamente, o que nos faz perceber que não houve incentivo necessário para educação em museus escolares, através das poucas referências existentes e do pouco tempo de funcionamento dos mesmos.

O estudo das relações entre a SMAXO e a história da educação na cidade de Juazeiro do Norte-CE, pretensão inicial desta pesquisa, é um campo no qual há muito a se pesquisar, através de estudos de natureza oral e documental. Vale salientar que na fase de estudo exploratório, tivemos a surpresa de encontrar a história do Museu Vilas Nova Portugal, primeiro museu criado na escola, onde percebemos a necessidade de não só apresentar e refletir sobre o acervo Sala de Memória, como também incluir o MVNP como parte deste acervo museológico que se encontra em construção na referida sala.

Outros trabalhos poderiam aprofundar estudos para compreender como essa construção poderia ser melhor debatida, incorporada e preservada como cultura escolar e

ações educacionais, no sentido de preservação do acervo histórico escolar. Portanto, propõe-se fazer o tombamento da escola e ampliar o espaço da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira como museu.

Acreditamos também que esta Sala de Memória não deve ser vista apenas como mera reunião de informações, mas uma forma mais sistemática e regular de conhecimento que poderá evoluir para a produção de interesse pela história. Nesta medida, poderá vir a proporcionar o encontro de pesquisadores que se interessam pela cultura material e imaterial das instituições escolares. É este o sentido maior do esforço de professores e pesquisadores para a criação de um Centro de Memória e de Documentação Escolar, através da ampliação de sua coleção museal, com ações de coleta, compilação e preservação de acervos documentais de forma geral.

REFERÊNCIAS

A ESCOLA Normal Rural de Juazeiro do Norte. Juazeiro do Norte: Gráficas do Jornal “O Nordeste”, 13 jun. 1984. (Edição Comemorativa do 50º aniversário de sua Fundação: 1934-1984).

ABREU, Larissa Rachel Ribeiro de; FERREIRA JÚNIOR, Pedro Pereira. Museu: lugar de memória ou “depósito de coisas velhas?”. **Contexto**, São Luís, v. 1, n. 1, p. 49-65, nov./dez. 2007.

ABREU, Regina. **O diálogo entre intelectuais franceses e brasileiros e a fundação de museus etnográficos no Brasil**: uma contribuição aos estudos sobre circulação internacional e formação de escolas de pensamento no campo da memória social, dos museus e do patrimônio cultural. São Paulo: AMPOCS, 2007. (Coleções, Museus e Patrimônios).

ALENCAR, Marieta Cruz. A Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte – e sua influência social. **Revista Comemorativa do Vigésimo Aniversário da Escola**. jun. 1954. Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte no seu 20º Aniversário.

ALMEIDA, Cícero Antonio Fonseca de. O colecionismo ilustrado na gênese dos museus contemporâneos. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 124, 2001.

ALMEIDA, Núbia Ferreira. **O Colégio Salesiano em Juazeiro do Norte e o projeto educacional do Padre Cícero**: os benfeitores da juventude (de 1939 aos anos de 1970). 2011. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **História da educação e da pedagogia**: geral e Brasil. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

AZEVEDO, Fernando. **A cultura brasileira**. São Paulo: Editora da USP, 2010.

BARÃO, Adriana. Museu da cidade. **Revista eletrônica do Museu da Cidade**, [s.l.], 2008. Disponível em: <<http://www.museudacidade.hpg.ig.com.br>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

BARRETTO, Margarita. **Cultura e turismo**: discussões contemporâneas. Campinas: Papirus, 2007.

BARROS, José D’Assunção. **O campo da história**: abordagens e especialidade. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Origens da história comparada. As experiências com o comparativismo histórico entre o século XVIII e a primeira metade do século XX. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 14, n. 25, p. 141-173 jul. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/5405/3062>>. Acesso em: 6 jun. 2013.

BARROS, Pedro Ferreira. Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte: significados atribuídos. **Caderno de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri (URCA). Tendências**, Crato, v. 2, n. 1, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEM FILHO, Mário. **Formação religiosa de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: ABC, 2002.

BEMVENUTI, Alice. **Museus e educação em museus: história, metodologias e projetos**. Com análises de caso: museus de arte contemporânea de São Paulo, Niterói e Rio Grande do Sul. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://200.189.113.123/diaadia/diadia/modules/mydownloads>>. Acesso em: 24 jan. 2013.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Universidade de São Paulo: Zouk, 2003.

BOUTIER, Jeane; JULIA, Domonique. **Passados recompostos: campos e canteiros da história**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas emendas constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de revisão nos 1 a 6/1994**. 35. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2012.

BRASIL. **Decreto n. 22.928, de 12 de julho de 1933**. Erige a cidade de Ouro Preto em monumento nacional. Rio de Janeiro, 1933. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=22928&tipo_norma=DEC&data=19330712&link=s> Acesso em: 7 mar. 2014.

BRASIL. **Decreto 24.735, de 14 de julho de 1934**. Novo regulamento do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24735-14-julho-1934-498325-norma-pe.html>>. Acesso em: 27 mar. 2013.

BRASIL. **Lei n. 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 5 abr. 2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Brasília, DF, 1971.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais**. Brasília, DF, 1998.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. *In*: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (Org.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002.

BURKE, Peter (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. A museificação dos museus. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 jun. 2006. Caderno Mais!, p. 5.

_____. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencine. São Paulo: UNESP, 1999.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLE, Hector. **Os métodos da história**. São Paulo: Graal, 1983.

CASTELO, Plácido Aderaldo. **Educação rural e formação de professores**. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1951.

_____. **História do ensino no Ceará**. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1970.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian, 2004.

_____. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CATUNDA, Hugo. Exaltação. **Revista Comemorativa do Vigésimo Aniversário da Escola**, jun./1954. Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte no seu 20^o Aniversário.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia *et al.* **História e memória da educação no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

CHAGAS, Mário de Souza. **A imaginação museal: memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

_____. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó: Argos, 2006.

_____. Memória e poder: focalizando as instituições museais. **Interseções**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 2, p. 5-23, jul./dez. 2001.

_____. O museu casa como problema: comunicação e educação em processo. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996. Texto introdutório ao debate no II Seminário sobre museus casas: comunicação e educação.

CHAUI, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: as escolas helenísticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DURKHEIM, Emile. **Educação e sociologia**. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

ELIAS, Norberto. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.

_____. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.

FELGUEIRAS, Margarida Maria Louro. Herança educativa e museus: reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 67-92, jan./abr. 2011.

_____. Materialidade da cultura escolar: a importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Pro-Posições**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 46, jan./abr. 2005.

_____. Para um museu vivo da escola primária: trajetória de uma investigação. *In*: MAGALHÃES, Justino (Org.). **Fazer e ensinar história da educação**. Portugal: Universidade do Minho, 1996.

FELIX, Loiva Otero. **História e memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral e Tempo Presente. *In*: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). **(Re) introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

FINDLEN, P. Courting nature. *In*: JARDINE, N.; SECORD, J. A.; SPARY, E. C. (Ed.). **Cultures of natural history**. Cambridge: Cambridge University, 1996.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Iphan, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. (Coleção Leitura).

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Departamento de Museus, 2003. (Coleção: Museu, Memória e Cidadania).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HAUPT, Heinz-Gerhard. O lento surgimento de uma história comparada. *In*: BOUTIER, Jeane; JULIA, Domonique. **Passados recompostos**: campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

HOLANDA, Cristina Rodrigues. **A construção do templo da história**: Eusébio de Sousa e o Museu Histórico do Ceará (1932 1942). 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

HORTA, M. de Lourdes Parreira. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília, DF: Iphan: Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS IBRAM. **Guia dos museus brasileiros**. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2011.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Trad. Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001. Disponível em: <www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/download/273/281>. Acesso em: 22 maio 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MAGALHÃES, Justino (Org.). **Fazer e ensinar história da educação**. Portugal: Universidade do Minho, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARANDINO, Martha; IANELLI, Isabela Tácito. Modelos de educação em ciências em museus: análise da visita orientada. **Rev. Ensaio**, Belo Horizonte, v. 14. n. 1, p. 17-33, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/viewFile/205/792>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARTINS, Clerton. (Org.). **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006.

MARTINS, C.; LEITE, L. Cultura, religiosidade popular e romarias: expressões do patrimônio imaterial. *In*: MARTINS, C. (Org.). **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006.

MATTEU, Dimitre. O paradigma científico na educação comparada. *In*: COWEN, Robert; MARTINS, Clerton (Org.). **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. O patrimônio cultural entre o público e o privado. *In*: O DIREITO à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec: Abrasco, 1993.

MOGARRO, Maria João. Patrimônio educativo e modelos de cultura escolar na história da educação em Portugal. **Cuestiones pedagógicas**, Sevilla, v. 22, p. 67-102, 2013.

MONTEIRO, Reis A. **História da educação**: uma perspectiva. Porto: Porto Editora, 2005.

MUSAS REVISTA BRASILEIRA DE MUSEUS E MUSEOLOGIA. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais, n. 3. 2007.

MUSEUS em números. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república**. São Paulo: EPU: MEC, 1976.

NASCIMENTO, F.S. **História política de Juazeiro**: do Padre Cícero ao ano 2000. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Projeto história**, São Paulo, v. 10, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NÓVOA, Antonio. **A difusão mundial da escola**. Lisboa: Educa, 2000.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **História da escola normal rural de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: Secretaria de Educação, Cultura e Desporto, 1984. Edição Comemorativa do 50º Aniversário de sua Fundação, 1934-1984.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu conheci**. Fortaleza: Premium, 2001.

PAIXÃO, Sebastião da. Justificando o nosso título. **O Lavrador**, Juazeiro do Norte, ano 1, n. 1, 14 jun. 1934a. Órgão do Clube Agrícola da Escola Normal Rural.

_____. O Museu Vilas Nova Portugal. **O Lavrador**, Juazeiro do Norte, ano 1, n. 3, 21 set. 1934b. Órgão do Clube Agrícola da Escola Normal Rural.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Trad. Dora Rocha Flaksman. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RAMOS DO Ó, Jorge; CARVALHO, Luiz Miguel. **Emergência e circulação do conhecimento psicopedagógico moderno (1880-1960)**: estudos comparados Portugal-Brasil. Lisboa: Educa & UiedCE, 2009.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

_____. Juazeiro e caldeirão: espaços de sagrado e profano. *In*: SOUZA, Simone *et al.* (Org.). **Uma nova história do Ceará**. 3. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

REVISTA NACIONAL DE EDUCAÇÃO RNE. **A importância dos museus**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde Pública, n. 11/12, ago./set. 1933.

RODRIGUES, Francisco Luciano Lima. Conceito de patrimônio cultural no Brasil: do conde de Galvêias à Constituição Federal de 1988. *In*: MARTINS, Clerton. (Org.). **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

ROUSSEAU, Jean Jackes. **O Emílio de Rousseau**. São Paulo: Abril, 1978. (Os Pensadores).

SACRISTAN, J. Gimeno; PERÈZ, Gomez, A.I. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SCURO NETO, Pedro. **Sociologia ativa e didática**: um convite ao estudo da ciência do mundo moderno. São Paulo: Saraiva, 2004.

SILVA, Mirelle Araújo da. **O lavrador**: a função do jornal na formação do professor ruralista de Juazeiro do Norte. Fortaleza: IMEPH, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SISTEMA BRASILEIRO DE MUSEUS. **O que é museu**. [S.l.], 2012. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/SBM/oqueemuseu_museusdemu.htm>. Acesso em: 20 jun. 2014.

SOUZA, José Boaventura de. **Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte**: uma experiência pioneira. Juazeiro do Norte: IPESC, 1984.

TEDESCO, Juan Carlos. **O novo pacto educativo**. Rio de Janeiro: Fundação Manuel Leão, 2000.

TEIXEIRA, Simone [et al.]. **Educação patrimonial**: novos caminhos na ação pedagógica. Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VALENTE, Maria Esther. A conquista do caráter público dos museus. In: MARANDINO, Martha; GOUVÊA, Guaracira; LEAL, Maria Cristina. (Org.). **Educação e museu**: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003.

VALENTE, Maria da Glória. O museu da escola regional. **Revista Nacional de Educação**, Rio de Janeiro, n. 11/12, p. 65-84, ago./set. 1933.

VALENTE, Maria Esther; CAZELLI, Sibeles; ALVES, F. Museus, ciência e educação: novos desafios. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 12 (supl.), p. 153-203, 2005.

VALLADARES, José Antonio do Prado. **Museus para o povo**: um estudo sobre os museus americanos. 2. ed. Bahia: EPP, 2010.

VARELA, Sarah Bezerra Luna. **Quando o mito vira festa**: os ritos da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL ESCRITAS DA HISTÓRIA, 6., 2012, Teresina. **Ver – sentir – narrar**. Teresina-PI: Universidade Federal do Piauí, 2012.

VIEIRA, Sofia Lerche. **História da educação no Ceará**: sobre promessas, fatos e feitos. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

APÊNDICE A – AUTORES CONSULTADOS

ALMEIDA, Núbia Ferreira. **O colégio Salesiano de Juazeiro do Norte e o Projeto Educacional do Padre Cícero**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

BARROS, Pedro Ferreira. **Formação de professores (as) ruralistas em Juazeiro do Norte (CE) 1934-1973: um projeto emancipatório**. 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 25, de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro, 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm>. Acesso em: 15 set. 2013.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. **Memórias clandestinas e sua museificação**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

CAZELLI, Sibeles. **Ciência, cultura, museus, jovens e escola: quais as relações**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.observatoriodasmetroplites.ufrj.br/download/Tese_Sibeles_05.pdf>. Acesso em: jan. 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CAZELLI, Sibeles. **Ciência, cultura, museus, jovens e escola: quais as relações**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.observatoriodasmetroplites.ufrj.br/download/Tese_Sibeles_05.pdf>. Acesso em: jan. 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1992.

DEMO, Pedro. **Conhecer e aprender: sabedoria dos limites e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 7. ed. Trad. Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007.

LOPES, Maria Margareth. Museus e educação na América Latina: o modelo parisiense e os vínculos com as universidades. *In*: MARANDINO, Martha; GOUVÊA, Guaracira; LEAL, Maria Cristina (Org.). **Educação e museu**: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003.

LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Pares da. (Org.). **A década de 1920 e as origens do Brasil**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

MATTEU, Dimitre. O paradigma científico na educação comparada. *In*.: COWEN, Robert; CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Editorial Sudaericana, 1992.

OLIVEIRA, Inês Cristina de Sousa Cavadas. **Intervenção museológica no patrimônio educativo**: procedimentos para a inventariação de materiais escolares. 2007. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2007.

POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

QUEIROZ, Moema Nascimento. **A educação patrimonial como instrumento de cidadania**. [S.l.], 2014. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=3562>. Acesso em: 9 out. 2014.

QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. **Em cada sala um rosário, em cada quintal uma oficina**: o tradicional e o novo na história da educação tecnológica no Cariri Cearense. 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

REVEL, Jacques L. **Jogos de escala**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

REVISTA DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Cidadania**. Brasília: IPHAN, n°. 24, 1996.

SANTIAGO, Zilsa Maria Pinto; ALMEIDA, Núbia Ferreira; RIBEIRO, Quitéria Lúcia Ferreira de Alencar. O museu escolar: prescrições e práticas. *In*: ENCONTRO NORTE-NORDESTE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2014, Teresina. **Instituições escolares**: profissão docente. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2014.

SAVIANI, Dermeval. Idéias para um intercâmbio internacional na área de história da educação. *In*: SANFELICE, J. L.; SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C. **História da educação**: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas: Autores Associados, 1999.

SOARES, André Luis Ramos (Org.). **Educação patrimonial**: relatos e experiências. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2003.

APÊNDICE B – DOCUMENTOS DA SALA DE MEMÓRIA AMÁLIA XAVIER DE OLIVEIRA

ALENCAR, Marieta Cruz. A Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte – e sua influência social. **Revista Comemorativa do Vigésimo Aniversário da Escola**. jun. 1954. Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte no seu 20º Aniversário.

ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE ENRJN. **Álbum da ENR de 1934-1984**. Juazeiro do Norte, 1985. Elaborado por Valba Gondim de Sousa, professores e funcionários da Escola.

_____. **Álbum da história da pátria**. Juazeiro do Norte, 1937. Elaborado pelas alunas normalistas.

_____. **Álbum sùmula da história do Juazeiro**. Juazeiro do Norte: s/d.

_____. **Ata da 2ª Sessão do Clube Agrícola Sud Menuci do Grupo Rural Modelo**. Juazeiro do Norte, 11 abr. 1938.

_____. **Ata da 4ª Sessão Pedagógica do Grupo Escolar Padre Cícero**. Juazeiro do Norte, jul. 1934. Assinada por Amália Xavier de Oliveira.

_____. **Ata da 7ª Sessão Ordinária realizada no Grêmio Literário Padre José de Anchieta da ENR de Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 15 out. 1937.

_____. **Boletim Informativo das Escolas Normais Rurais do Estado do Ceará**. Fortaleza: 1934.

_____. **Registro de alunos diplomados**. Juazeiro do Norte: 1937 e 1939.

_____. **Registro fotográfico da estrutura do prédio da ENR de Juazeiro**. Juazeiro do Norte: 2007.

_____. **Resumo histórico da ENR de Juazeiro**. Juazeiro do Norte: 1966.

CATUNDA, Hugo. Exaltação. **Revista Comemorativa do Vigésimo Aniversário da Escola**, jun./1954. Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte no seu 20º Aniversário.

PAIXÃO, Sebastião da. Justificando o nosso título. **O Lavrador**, Juazeiro do Norte, ano 1, n. 1, 14 jun. 1934a. Órgão do Clube Agrícola da Escola Normal Rural.

_____. O Museu Vilas Nova Portugal. **O Lavrador**, Juazeiro do Norte, ano 1, n. 3, 21 set. 1934b. Órgão do Clube Agrícola da Escola Normal Rural.

_____. Um exemplo de Escola. Realiza-se em Juazeiro III Encontro Pedagógico de Professores. **O Lavrador**, Juazeiro do Norte, ano 41, n. 140, 26 set. 1974. Órgão do Clube Agrícola da Escola Normal Rural.

ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE INFORMAÇÕES**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE INFORMAÇÕES**

Universidade Federal do Ceará
Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira
Faculdade de Educação

Eu, _____ concedi entrevista para o estudo: “ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE: DO MUSEU VILAS NOVA PORTUGAL À SALA DE MEMÓRIA AMÁLIA XAVIER DE OLIVEIRA” realizado por Quitéria Lúcia Ferreira de Alencar Ribeiro, aluna do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Patrícia Helena Carvalho Holanda. O depoimento – que abordou informações de identificação, o contexto social, cultural e museológico, familiar e vinculação com a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte – foi transcrito e me repassado. Ciente de seu conteúdo, autorizo sua utilização como material de análise acerca do Museu Vilas Nova Portugal.

Assinatura do Entrevistado

Juazeiro do Norte-CE, ____ de _____ de _____

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA (ALUNO)



ROTEIRO DE ENTREVISTA (ALUNO)

Universidade Federal do Ceará

Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira

Faculdade de Educação

Mestrado em Educação – Linha de Pesquisa: História da Educação Comparada

Pesquisa: “Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte: do Museu Vilas Nova Portugal à Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira”

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Helena Carvalho Holanda

Pesquisadora: Quitéria Lúcia Ferreira de Alencar Ribeiro

Roteiro de entrevista com

Data da entrevista: ___/___/_____

Horário: _____

Local: _____

Entrevistadora: Quitéria Lúcia Ferreira de Alencar Ribeiro

Dados do Entrevistado

Nome completo: _____

Ano do nascimento/Local: _____/ _____

Profissão: _____

I PARTE

Vivência do entrevistado como aluno da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte relacionada ao Museu Vilas Nova Portugal.

Qual o ano do seu ingresso na Escola Normal Rural?

Que séries você cursou?

Como era percebido o ideário dos princípios museológicos no espaço do Museu Vilas Nova Portugal na prática do seu cotidiano escolar?

Quais as suas lembranças do acervo do museu?

Que atividades os alunos realizavam no museu?

ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA (FUNCIONÁRIO)



ROTEIRO DE ENTREVISTA (FUNCIONÁRIO)

Universidade Federal do Ceará

Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira

Faculdade de Educação

Doutorado em Educação – Linha de Pesquisa: História da Educação Comparada

Pesquisa: “Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte: do Museu Vilas Nova Portugal à Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira”

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Helena Carvalho Holanda

Pesquisadora: Quitéria Lúcia Ferreira de Alencar Ribeiro

Roteiro de entrevista com

Data da entrevista:

Horário:

Local:

Entrevistadora: Quitéria Lúcia Ferreira de Alencar Ribeiro

Dados do Entrevistado

Nome completo: _____

Ano do nascimento/Local: _____/_____

Profissão: _____

I PARTE

Vivência do entrevistado como funcionário da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte relacionada ao Museu Vilas Nova Portugal.

Qual o ano do seu ingresso na Escola Normal Rural?

Quais funções foram desempenhadas na escola?

Como era percebido o ideário dos princípios museológicos no espaço do Museu Vilas Nova Portugal na prática do seu cotidiano como funcionário da Escola?

Quais as suas lembranças do acervo do museu?

Quais suas lembranças das atividades realizadas no museu?